

Vale de Josafat
Memórias

volume III

de Raul Brandão

A Luís da Câmara Reis

ÍNDICE:

Balanço à vida
O que eu vi e ouvi – República e Monarquia
Durante a Guerra
Sidónio
Algumas notas e uma velha sem importância
A Mentira
Vida militar
Há que tempos!
Na velhice
Amores
O Tio do Pinho
A este e oeste, nada de novo
Católicos
Fialho de Almeida – Os jornais – Alpoim
Os Boémios
Grandes armazéns
Autor do «Marquês da Bacalhoa»
Júlio de Vilhena
José de Azevedo
Basílio Teles – Melo Breyner – Eça de Queirós – J. Batalha Reis – Lenine
Magalhães Lima
Columbano
O Sangue
Para a história da República (Esboço bibliográfico)

BALANÇO À VIDA

Ou a vida é um acto religioso – ou um acto estúpido e inútil.

Considero os meses mais felizes da minha vida aqueles em que eu e minha mulher fomos viver para uma aldeia remota. Ainda hoje me penetra a solidão perfumada dos montes. A casa não tinha vidros e à noite o silêncio doirado de estrelas entrava pelas janelas e desabava sobre nós... Há horas em que as coisas nos contemplam, e estão por um fio a comunicar connosco. Às vezes é um nada, um momento de êxtase em que distintamente ouvimos os passos da vida caminhando. O homem, sozinho, está mais perto de Deus e das coisas eternas. Sabe-lhe melhor a vida, compreende melhor a morte. Um pormenor que o interesse entranha-se-lhe na alma para sempre, como um perfume que nunca mais se esvai... Ainda este ano o Maio foi tão quente que toda a noite se lavrou ao luar...

Uma, duas, três vezes a Natureza me salvou. Da última apelei para ela num desespero. Não só a vinha que plantei me pagou generosamente em frutos como me ensinou muitas coisas que ignorava. Deste pedaço de terra, desta meia dúzia de campos se mantêm o senhor José, a mulher, a filha e os moços – e eu próprio tiro o essencial para a vida.

Encostado a um muro velho, vi desfilar na minha frente jornaleiros e caseiros, figuras da realidade que se entranharam na minha alma para sempre. Não foi o outro mundo das cidades que me interessou: ao contrário, pareceu-me sempre fantasmagórico. O mundo que me impressionou foi este. Eu, felizmente, sou um mero espectador da agitação lá de baixo e, quase, só do meu canto assisti ao desenrolar de toda a tragédia contemporânea: – queda do trono, revoluções, mortes, gritos... Senão, morria de remorsos. E isto não é uma frase: morria de remorsos se tivesse concorrido para a morte dum homem.

E é da gente ignorada que levo as maiores impressões da existência. Foram os pobres que me obrigaram a pensar – foi a série de figuras toscas que encontrei na estrada, numa realidade tão grande que nunca consegui afastá-las da minha alma. Ainda hoje desfilam diante de mim os mortos e os vivos... Não posso esquecê-los: parece que todos eles esperam alguma coisa de mim.

Tenho o senhor José diante de mim, todo branco, com os socos nos pés e a camisa entreaberta no peito cheio de grenha cinzenta e vermelho corno o monco dum peru. É assim que me aparece todo esfarrapado. Olho para ele e para o casaco de remendos e tenho vontade de o abraçar. E não o abraço para não me perder o respeito. (Há-de-me servir de muito o respeito quando estiver na cova!) Tem oitenta anos e tudo desliza sobre ele como sobre uma trave. Nunca se altera. As vides estão a estragar-se – zango-me; ele só diz: – Vou alveitar. O ano não foi cadible.

Sabe lavar, cavar, podar. E o que ele sabe tem séculos, o que ele diz tem séculos. São duas ou três ideias rudimentares e fórmulas de que se serviram os mortos para explicar a vida e exprimir a dor. Por isso o venero assim, intacto e tremendo entre os montes denegridos.

Todo o dia ralha com a mulher e ela com ele. Comigo é inalterável.

– Porque não sulfatou as vides, que se estragam?

– Dilatei-me.

– E, agora, aonde vai?

– Vou ali a um pouco...

E segue o seu caminho com a enxada às costas. Quando lhe falo, tem o ar de ouvir e de aprovar mas, logo que volto costas, é como se tivesse falado ao vento.

Ele é bronco e solene como os bois, ela é esperta e velhaca. A senhora Rosa, que fala fanhoso, todo o dia resmunga e diz das outras que não carregam nem lavram:

– É uma mulher que não sai detrás das panelas.

Levam horas a comer. Comer, para o lavrador, que sabe o que lhe custa o pão, é um acto religioso. Moem e remoem devagar o caldo e a broa. com o respeito de nossos pais diante da mesa posta.

A figura inexpressiva só fica bem agarrada ao arado numa terra desolada e com nuvens desgrenhadas pelos ares. A terra pesa sobre ele e revestiu-o de cascão, a terra secou-o. Vêm os que andam no peditório de boi, ou os pobres à porta rezar pelas almas – dá-lhes uma malga de feijões, porque pode morrer-lhe um boi ou acabar amanhã a pedir pelas estradas. A terra fê-lo avaro e espesso. Desde que nasce até que morre, repete os mesmos gestos sob a vacuidade dos céus. A chuva não despega dos montes encharcados, o panorama fecha-se em roda cor de lousa, e não acabam de passar as névoas atrás de névoas, perseguindo-se em farrapos que se abaixam até aos grandes píncaros isolados, de granito. A terra acabou por lhe entranhar a cor e a monotonia que vem da chuva, do caldo e da broa, do mato a escorrer e da tristeza absurda e mortal das gotas dos beirais caindo sobre o eido e o esterco que é a base da sua vida, e que fermenta camada sobre camada, cheirando a urina e a erva até ficar negro, curtido e gordo.

– O esterco é ele que nos suja e é ele que nos alimpa – diz a senhora Rosa.

É com bosta que se estruma o campo, que se barra o torno e o pipo da água-pé, é com bosta que se acrescenta a eira para secar o pão. Por isso o boi faz parte da família: vale mais que o homem e é melhor tratado que a mulher. Tem a cama quente e limpa e a comida escolhida e farta. O boi e o milho, o estrume e o pão são divindades para o lavrador. O vinho é acessório. Chove na casa, a corte é abrigada. Sem boi não se faz o carroto, sem boi não se pode lavar o campo nem fabricar o esterco. Este bicho paciente e dócil, quase majestoso, com a venta molhada pela baba, olha para a gente com doçura. Anos depois de vendidos, quando passam pela estrada, voltam o focinho para o sítio e mugem com saudades da casa, dos campos e talvez do homem. Quase sempre é o moço quem os leva, de manhã e à tarde, ao pasto, ou lhes dá a erva na corte.

De madrugada – pleno inverno – ouço o amo barregar da enxerga: – Vai deitar de comer ao gado! – E o pequeno labroste lá salta, estremunhado do palheiro, e, com as mãos gretadas de frieiras, vai ao masturbadouro distribuir o penso aos bichos. Às vezes adormece na corte, que é mais quente, e os bois amarelos estendem para ele o focinho esbranquiçado, donde sai o bafo morno, a cheirá-lo.

Tudo aqui está ligado pelas mesmas raízes, o alpendre remendado com velhas tábuas, o casebre de lascas grosseiras, a eira de lajedo, a terra, o homem e os bois, e tudo tem o carácter das coisas e dos seres essenciais e remotos e foi cimentado pelos anos. Dura há séculos – e nunca mais acaba.

Ao abrigo das paredes, entre montes desmedidos, com o pão na caixa e o vinho na adega, quando chove e o lume arde e aquece, é que se concentra e recoze o delicioso egoísmo. Fechem tudo! O Inverno está atrás da porta. A noite é imensa e negra e a água não despega das vidraças. Gozo este tempo na sua mais íntima substância – o terror inútil da fome, o medo do homem primitivo quando acendia a fogueira ao aproximar-se o negrume cheio de lágrimas que nunca mais passava... Cheira-me, no isolamento e no bravio, como nunca me cheirou, ao pão que sai do forno, e ouço até à alma, onde reluz em fio e encharca, o canto do melro, que todas as tardes assobia no salgueiro. Quando saio, a árvore estende a sua mão fresca e pousa-me na cara, e tudo me sabe a terra e a

morte, à terra que se pega à gente logo às primeiras chuvas. Todos os frutos que se comem e o primeiro vinho têm o mesmo travor agro, a que se mistura o cheiro a folhas podres. Encanta-me a lide grosseira da adega onde os jornaleiros roussam as pipas para as alinharem: é nesta escuridão, junto às quatro padieiras do lagar reluzindo à chama da candeia, que o vinho vai fazer-se até ao S. Martinho. – No S. Martinho prova o teu vinho.

As primeiras eras são tenras. A serradela e a língua de ovelha crescem com a humidade e os bois engordam na corte. À pressa guardam-se as gabelas de lenha seca já rachada e os cavacos de carvalho e do velho castanheiro que morreu.

Chove sempre. As árvores, despojadas do fruto, não podem com o peso da humidade, à volta os montes negros deram um passo e aproximaram-se maiores e mais espessos. Crepes no céu e gotas caindo num ruído de quem avança ao de leve. E cheiro, cheiro a terra aquecida e molhada, cheiro a folhas que fermentam pelo chão. Vêm aí as noites negras e aquela voz cavernosa que me faz encolher na enxerga: – o vento que clama às portas e dá o primeiro encontrão às vidraças. Não é ainda o Inverno, mas já os melros debicam a baga dos loureiros e os estorninhos, desgarrados, puxam a azeitona às oliveiras.

Logo depois das lufadas, dias parados e mornos com sol coado por névoas, todos brancos e meio adormecidos. O caseiro, com o seu velho casaco de remendos, apõe os bois para carregar um carro, de mato. Assim que este fantasma branco se esvai, tornam os dias límpidos. E agora o vereis! A tília ergue-se no azul toda de oiro, os choupos esguios estremeçam e a vinha esfarrapa-se cor de mosto entre as leirinhas viçosas e os montes roxos, e pasmados. Está frio. Já apetece comer os gaipelos que ficaram esquecidos para os podadores, transparentes, gelados e doces como mel. Passo horas extasiado na vinha com medo de me mexer e todos os dias pergunto: – É o último? – O tempo está para morrer.. Às primeiras chuvas pesadas o doirado desaparece no negrume. Tremo pela luz, pelo esplêndido Outono, que está por um fio. E sinto tudo isto com delícia, como quem está para morrer...

Dezembro

O estrume negro tirado das cortes. foi disposto em rimas e espalhado a engajo, e, depois de feitos os alredures, ele, a velha e a filha, todo o dia lavram para o centeio esta leira que é um sítio ramarante. A, moça, à frente, guia os bois, a velha, ao lado, mete-os ao rego e espicaça-os, e o caseiro, vergado sobre o arado, berra:

– Eh, carago! Eh, eixe!

É enorme, cheio de esterco, com os socos enterrados na lama e sujo de terra. Olho com espanto este velho que teima em revolver a terra até à cova. Deita as mãos à rabiça e não a larga.

– Eh! eixe!

Noutras leiras à volta, outros homens lavram ao mesmo tempo, com o mesmo grito que vem do horizonte.

– Eh! Eh!

O arado abre o rego e atira para o lado a seita luzidia, metendo no fundo o esterco. E os bois, no mesmo passo vagaroso, puxam pelo ferro que o senhor José carrega para o fundo, gritando sempre:

– Carago! vocês não vêem o rego?! metam os bois ao rego!...

Ou, voltado para a filha:

– Afasta! afasta para trás!

O ferro rasga sulco atrás de sulco. Às vezes são as pedras que o fazem sobressaltar, ou o salão amarelado e duro que vem à superfície. Outras enterra-se mais fundo e os bois não podem arrancá-lo. Mas o velho obstina-se e tanto prega à mulher, à filha e aos bois: – Eh, diabos! eh, carago! – que o arado lá marcha e a terra abre-se para receber a semente. Todo o dia curvo, todo o dia teima, mete os socos na terra – metem os bois as patas no rego, como ele –, gemem as mulheres, exaustas – e só ao meio da tarde comem a merenda, o pão e a água-pé que trouxeram na infusa. Até que chega a noite e recolhem ao casebre e à corte, homens e bois cheios de fome.

A aldeia cheira a terra e a esterco.

Todo o dia a velha se queixou, exausta, todo o dia o homem ralhou com ela, até que chegou a noite e se meteu na cama, a gemer. No outro dia acordou cega. E três dias esteve hírtega, sem bulir, deitada na enxerga.

– Ela está muito doente, senhor José.

Mas ele, que tinha de *ir* à feira no sábado, teimava:

– Está constripada. Mata-se-lhe uma pita para fazer um caldo e fica boa.

Na véspera da feira a mulher revirou o olho, ele pôs um xale por a cabeça dizendo á meia dúzia de labrotes de suíças e bocas de peixe, sentados à roda do sobrado:

– Com esta é que eu não contava!

Dá-se a ceia de morte, acode o mulherio a comê-la e depois do caldo reza-se uma Avé-Maria pela defunta cor de cera, ali ao lado sobre a enxerga. O senhor José passeia no sobrado com o xale da mulher pela cabeça, e de quando em quando vira-se para o espaço e começa a requerer com solenidade pessoas conhecidas, que não estão presentes, mas que lhe vêm à memória:

– Ó Palácio (Plácido) Areias, pede um Padre-Nosso e uma Avé-Maria pela defunta!

E não cessa de passear de cá para lá, até que se lembra doutro nome que lhe dê importância. Então queda-se e sempre de xale pela cabeça reclama:

– Ó do Avenal, pede um Padre-Nosso e uma Avé-Maria pela defunta!

E mais nada. Acabou-se. Quem andou não tem para andar. Era desconfiada. Gemia. sempre, queixava-se sempre. Reduzida a torresmos, trabalhou tanto como ele e mais que os bois. Já há muito que andava doente e não se poupou. Com falhas no coração, carregava a máquina do sulfato, e ele, ao lado, de cana na mão, só dizia:

– Burra leva burra!

– Ó home!

– Tu não vês onde pões os pés!

E lá seguiam ambos, de saca pela cabeça, tingidos de cobre, no dia turvo e choco.

Está ali inteiriçada, saca como se fosse só de osso, e a avantesma a pregar dentre o xale:

– Ó do Outeiro, pede um Padre-Nosso e uma Avé-Maria pela defunta!

Sensibilidade nenhuma – meia dúzia de fórmulas. Os sentimentos custam-lhe a vir à superfície. Mas com isto constrói uma vida e carrega com a vida. Ponho-me a considerá-lo com respeito, como os penedos onde só entra o ferro dos montantes. – Olho para ele com espanto e remorso. Talvez tudo isto seja hábito...

Dias depois entro à noite na cozinha e encontro-os a rezarem o terço, encostados à parede negra, que reluz na escuridão, cheia de escamas – o velho, a filha respondendo às Avés, ao mesmo tempo que remexe o caldo, e o moço novo, que não tem uma vista, olhando-a com ternura pelo único olho que lhe resta. Não tardam a aparecer com o samagaio.....

O frio é mortal e durante dias me persegue esta imagem cinzenta, feia e gelada. Até que recomeça a chover, a chover de mansinho, e nunca mais despega...

É então que eu gozo... Aconchega-te e sonha. Sonha à tua vontade, sem limites. Acende a fogueira e ouve-a cantar lá fora, descer em enxurradas, passar em trombas com o vento e pingar dos beirais. Esquece o mundo, esquece a vida, e deixa-te reluzir por dentro como os troncos secos que ardem na lareira... Agora é mansa e musical – bate devagarinho nas vidraças. Há momentos em que me chama. Ouço um grito ao longe... Avança com arrancos e desperta-me... Por fim o aguaceiro passa, as janelas sossegam – sch!... sch!... (Como tudo esta calado!) Fica um pingo que se não sabe donde cai. um som de flauta perdido entre os pinheirais solenes e distantes...

No pão é que está a dor – no pão que lhes extorquimos. Reparem nas casas de senhorio, hoje quase todas desabitadas: foram construídas de propósito para receberem o vinho e o milho. O que salta aos olhos. ao entrar em Martim são as paredes denegridas, as janelas sem vidros, o telhado escuro é cheio de lavandiscas (logo que se faz um telhado, o primeiro bicho que toma conta dele é a lavandisca), e, principalmente, as adegas e os celeiros quase subterrâneos, com paredes de metro e urna fresta por onde entra a luz escassa. Tulhas enormes para o milho e ao lado as pipas assentes nos malhais. O resto é acessório e cheio de fealdade e desconforto. As portas rodam sobre gonzos de ferro, e abrem-se com chaves como trancas.

Isto correspondia a uma vida que já não existe e que tinha alicerces neste mundo e no outro; correspondia a uma passado em que as coisas se erguiam para a eternidade. Sai-se do terreiro para o lajedo primitivo e o casebre tosco do caseiro, de blocos de granito, com as cortes e o eido. cheio de estrume, que ressuma um líquido cor de café. É aí que vive o homem e os bois que fazem a quinta, sob árvores impetuosas cobrindo de ramos a fealdade. Chega-se a desejar uma planície rasa com um aqueduto ao fundo... O lavrador nem olha para elas. O pão chega ou não chega para o ano? É o grande problema da vida, e a constante preocupação de quem só enche a barriga com esta coisa pesada e grosseira que entra no estômago como pedaços de saibro. É com o milhão que paga a renda ao senhorio.

Não é daqui a história dos filhos que levam o pai ao monte, símbolo extraordinário que pertence mais ao pensamento que à realidade. Mas é daqui a história da filha que dá à mãe só uma côdea – para que o pão lhe chegue para os filhos. Não o tiram da boca aos pais inúteis mas reparam no que eles comem e os velhos fazem-se mais pequenos para que não lhes desejem a morte. O pão dos caseiros vai quase todo para a renda. No fim do ano levam-no ao senhorio.

Eu nunca acredito que o caseiro me pague a renda e, sempre que ele aparece com o velho casaco de remendos, olho-o com espanto. Dizer-lhe que não pague, é impossível. Ele paga, ainda que eu não queira. E eu quero. Entre o que sinto e os meus actos há uma distância incomensurável. A renda é sagrada. Compreende que lhe perdoe nos anos maus – é o costume – mas se lhe dissesse que não recebia a renda tinha-me como doido e não me guardava respeito.

Olho para ele. Nunca nos pudemos entender, separa-nos uma légua de comprido. Eu pergunto, ele responde como se falasse do fundo dum poço. E, se me ponho a berrar, ainda é pior – fica obstinado e maciço. No que sinto e no que sente, no que penso e no que pensa há maior distância do que dele para o boi. Mas este tipo, de mãos deformadas pela terra, e esqueleto deformado pela terra, que viu morrer a mulher sem um grito de dor – faz o que eu não faço –, cria o pão, e depois de criado vem-mo trazer à porta.

É o hábito. Eu estou habituado a receber – ele a pagar. Eu sou o senhorio ele o caseiro. É a lei que vem da obstinação e que tem outros alicerces religiosos ainda mais fundos. Obstinação que os mortos lhe imprimaram. Há oitenta anos que ele paga a

renda, há oitenta anos que ele enche a barriga de caldo e pão, e lavra e revolve até à morte. E há-de ser sempre assim... Rotina! Mas esta rotina de viver com duas ou três ideias e meia dúzia de palavras é uma coisa sublime. Foi preciso criá-lo isolado com o boi e o estrume, ali mantido de propósito, entre montes, para tratar do pão. E quando, ao fim do ano, o milho está seco na eira, vamos nós lá e ficamos com ele...

Há dias em que tenho medo. Ontem encontrei-o no caminho e pôs-se a olhar para mim com espanto, como se me visse pela primeira vez. Pôs-se a olhar para mim como se lhe deparasse o meu verdadeiro ser de egoísmo, de homem que não se atreve, de homem inútil que sabe e não se atreve, e que Deus um dia vomita porque não passa de um simulacro.

Pôs-se a olhar para mim. Depois andou uns dias calado – e eu fugia-lhe. Metia-me em casa para o não encontrar. Mais tarde adoeceu e dias antes de morrer veio pagar-me um pouco de renda do ano passado que ainda me devia. E, direito, grave, só disse:

– Temos coado contas.

Coadas contas, pôde morrer. Deitou-se na cama e não quis ver ninguém. Virado para a parede, morreu sem abrir a boca. Morreu como um bicho.

A aldeia é uma coisa séria, a terra é uma coisa séria!... Lá vai pela estrada um caseiro despedido, apegado a um pau, sem poder tirar os olhos dos campos a que moeu o granito. Tem de seu, ao fim da vida, dois potes, o alvião e a enxerga. Vendeu o arado e as caixas. Velho, ninguém o aceita; despedido, tem de ir para uma cabana. Restam-lhe algumas moedas, metidas numa meia velha e embrulhadas num trapo.

Os cabaneiros vivem pior que lavradores, vivem do jornal, e com a chuva e os dias pequenos ninguém os chama. Aparecem na manhã nublada e fria, para rachar a lenha ou para cavar a vinha. Conheço-os quase todos.

O Domingos fala pouco: todo o dia à chuva, com um saco velho pelas costas, ergue a enxada e o alvião e deixa-o cair num arranco: – Anh! – Se a bâtega é maior, encosta-se com o saco pela cabeça a um muro velho ou ao tronco dum carvalho. No Verão, quando o sol derrete chumbo, cala-se, mudo como as pedras.

E cava sempre: cavou a horta, cavou a vinha, cavou o monte. Só ao meio-dia puxa do saquitel com a broa, quando a filha pequena lhe traz o caldo. Moeu a pedra com as mãos encortiçadas agarradas ao alvião. E parecia que não tinha outra razão de existir. Revolveu tudo por dois tostões por dia. Quando acabou, foi-se embora e a última imagem que conservo dele é a dos ombros curvos com a sarapilheira. em cima e a chuva a desabar-lhe no espinhaço, sozinho no meio da agra desolada e remexida...

A Alcina vai à vila por um tostão por dia e traz à cabeça duas arrobas. Desde pequena que carrega. Está habituada. Mora numa cabana com uma enxerga, um pote, a malga, os cântaros e os filhos pequenos. Ergue-se no escuro para cozer a fornada e lá vai ao carroto ainda de noite, com um pedaço de pão no bolso para o caminho. Anda sempre aguada. E ri-se para a gente – magra, feia e sem dentes.

À porta, lá está o Cego das Uveiras, que foi proprietário e acabou jornaleiro. Vive só. fechado na pequena casa denegrada, depois de vender, primeiro a ferramenta e as caixas, depois os potes e a enxerga. Tinha com ele uma irmã, que lhe morreu. Depois, cegou e não pôde cavar. Vi-o muitas vezes no caminho, tateando com o pau, um capote velho pelos ombros, magro e de olhos postos no céu. Debatia sempre o mesmo problema – o do pão – a cabeça erguida como se falasse para a vacuidade infinita. Não pede nada. Fala sozinho, cada vez mais magro e mais alto. Por fim, já não sai de casa: vem à porta, sempre no mesmo monólogo desesperado. Espreitava-o de longe e via-o cada vez mais magro, com o capote pelos ombros e o chapéu na cabeça sobre o carapuço, a olhar para o céu, à espera de não sei que acto extraordinário.

O velho do Crasto, aos oitenta anos, depois de entregar a terra ao filho, tornou a servir como moço, para ganhar a tigela do caldo. E aquela velha, coada em lágrimas, que se queixava de a filha lhe não dar pão quente. – Coma do velho, porque eu não enxerto o outro por sua causa! – E todas estas figuras que andam no peditório, de porta em porta, até ao fim da vida – os mendigos, de barbas em farrapos e atitude de quem não pode com a jornada. distinguem-se pelas mãos que se estendem, pelas mãos trágicas e pelas dedadas da vida que marcam – esperam de mim qualquer acto que não consigo exteriorizar.

E, mais que todas elas, esta velha que encontrei um dia a caminho da serra, apegada a um pau, e que me disse, depois de me contar a sua vida de miséria:

– No Inferno estejam os que nos fazem passar fome!

Este mundo em que vivemos é uma mentira monstruosa. É um mundo anticristão. Como é possível isto? Como é possível que esta gente que trabalha toda a vida acabe a vida a pedir? Bem sei que sempre houve pobres, mas o pobre hoje é mais pobre do que nunca. E enquanto uns penam e falam em temerosas realidades, ou pela sua boca ou pela boca dos mortos, os outros, os lá de baixo, falam em coisas abstractas que estão ao lado da vida.

Cada vez o mundo me mete mais medo... Tudo se resolvia pela lei de Deus – se cada um fosse capaz de resolver o problema na sua consciência – mas Cristo está muito longe, cada vez mais longe de nós... Eu mesmo não soube segui-lo e amá-lo, apesar de esperar sempre. E espero... Espero na lei divina e, se não puder ser, na lei humana.

Espero no que aí vem, e que sinto que contém uma grande verdade – a verdade eterna.

Espero pelo dia – mesmo na cova o espero – em que acabe a exploração do homem pelo homem.

Espero pelo dia em que a instrução seja realmente gratuita e obrigatória para todos – e o ensino religioso. Quero o culto de Deus vivo nas escolas.

Espero que a terra seja de quem a cultiva. É absurdo possuir a terra como quem tem papéis para receber os juros.

Espero que a herança seja contida em justos limites.

Espero o dia em que o homem compreenda que o supérfluo é um crime.

Mais justiça e mais pão para todos. Mais Deus para todos. Há sempre um momento em que os homens lançam contas à vida. O meu momento é este...

Entendo que este mundo é religioso e a minha vontade seria falar baixinho, bulir pouco. Os dias mais felizes da vida passei-os ao sol, contemplando. Não é que deteste a acção. A acção é o fim da vida. Mas é preciso distinguir entre acção e agitação. Compreendo, a acção dos santos e dos heróis, a acção pelo bem e pelo cristianismo – a grande acção. O resto é balbúrdia. Também há outra acção mais bela talvez ainda, a acção desconhecida e humilde, obscura, feita de exemplos e sacrifícios – a da mulher no seu lar, a do homem que cumpre a existência, e que, com os pequenos meios de que dispõe, vai além da vida. Digamos tudo: toda a acção que não tem um fim idealista ou representa um sacrifício, não vale nada.. Esta acção exerce-a, muito melhor do que eu, ali o meu vizinho, que foi ao Porto buscar uma pobre de pedir, que não lhe era nada, trouxe-a para casa e reparte com ela o pão e a malga do caldo, ou a criatura desconhecida que, no lar apagado, cumpre todos os dias monótonos o seu dever monótono.

Sejamos humildes, porque a gente chega ao fim da vida sem ter entendido nada deste mundo, quanto mais do outro...

Eu nunca pude pôr de acordo as minhas ideias com as minhas acções. Se pudesse, já há muito que estava na cadeia.

Valeu-me a pena viver? Fui feliz, fui feliz no meu canto, longe da papelada ignóbil. Muitas vezes desejei, confesso-o, a agitação dos traficantes e os seus automóveis, dos políticos e a sua balbúrdia – mas logo me refugiava no meu buraco a sonhar. Agora vou morrer – e eles vão morrer. A diferença é que levam um caixão mais rico, mas eu talvez me aproxime mais de Deus. O que invejei – o que invejo profundamente são os que podem ainda trabalhar por muitos anos; são os que começam agora numa longa obra e têm diante de si muito tempo para a concluir. Invejo os que se deitam cismando nos seus livros e se levantam pensando com obstinação nos seus livros. Não é o gozo que eu invejo (não dou um passo para o gozo) – é o pedreiro que passa por aqui logo de manhã com o pico às costas para ir desbastar a pedra, assobiando baixinho, e já absorto no trabalho da pedra.

Se vale a pena viver a vida esplêndida – esta fantasmagoria de cores, de grotesco, esta mescla de estrelas e de sonho?... Só a luz! só a luz vale a vida! A luz interior ou a luz exterior. Doente ou com saúde, triste ou alegre, procuro a luz com avidez. A luz, para mim, é a felicidade. Vivo de luz. Impregno-me, olho-a num êxtase. Valho o que ela vale. Sinto-me caído quando o dia amanhece baço e turvo. Sonho com ela e de manhã é a luz o meu primeiro pensamento. Qualquer fio me prende, qualquer reflexo me encanta! E agora, mais doente, mais perto do túmulo, busco-a com ânsia. Oíço dizer que os turcos deixam um buraco nos túmulos ao pé da cabeça dos mortos. Será por um sentimento de piedade – para que também eles participem na escuridão tremenda, desta luz esplêndida que é a vida?...

O futuro é Jesus no alto da montanha.

O QUE EU VI E OUVI

(Do meu diário)

REPÚBLICA E MONARQUIA

Todos os dias corre notícia de contra-revolução. No Porto (15 de Março de 1911) conspira-se: tem havido reuniões de oficiais e soldados. – Estamos prontos – dizem. Querem separar Lisboa do Norte e fazer «daquilo uma barcelonada...

Couceiro vai ao Ministério da Guerra prestar declarações. Fervem boatos. Que é isto? E o Junqueiro, de grandes barbas, surge e diz, com o olho em brasa:

– Esta gente tem a habilidade de pôr toda a burguesia contra nós. Não se lembra de que o boi de dar bifés pode transformar-se no boi de dar cornos. O Paiva Couceiro disse exactamente ao ministro da Guerra o que ocorre por aí impresso, pedindo o plebiscito e desligando-se da sua palavra. Ora Couceiro é destes homens que só quatro balas podem deter. Por isso a contra-revolução é possível; por isso e porque à República falta idealismo e grandeza e só tem cometido erros. Estamos pondo contra nós a mesma burguesia que nos deixou fazer a República. E essa gente do *Correio da Manhã* procede com habilidade. Primeiro era preciso tornar o rei simpático, o rei que nunca foi senão um menino-de-coro, e começaram a afirmar que ele quis ir para o Porto e que o não deixaram. Depois limparam-no da montureira, do Alpoim, do Teixeira de Sousa e até do padre Cabral, declarando que a «Monarquia Nova» nada queria com os políticos velhos nem com os jesuítas. Limpo o rei e limpa a Monarquia do esterco, que lhes faltava? Uma bandeira e um herói. Ei-los a clamar: – Não hesite o Governo: a bandeira da República deve ser verde e encarnada. – E ficaram com a azul e branca e com o Paiva Couceiro. Agora, dum instante para o outro arranjam dois mil contos, quando nós nunca pudemos conseguir cem, no tempo da propaganda. Homens habituados aos negócios, o José de Azevedo e outros, não lhes faltam. Falta-lhes o País – e é o que os republicanos empurram todos os dias para o seu lado. Nós é que nos havemos de apear, verá. E não há dúvida nenhuma de que se houver barulhos em Lisboa temos uma intervenção espanhola. Sabe a vontade que isto dá? A de ir fundar uma república no Sete-Estrela! – E ele lá vai, cofiando a barba, pregar a outra freguesia.

Muita gente com cara de caso... É aquele tipo dos boatos que segreda ao ouvido: – Os monárquicos têm uma frota misteriosa... O terror. – Tipos bem instalados na vida sobem o Chiado a toda a pressa, olhando, desconfiados, para os lados. Corto a casa do Alpoim, que sabe sempre tudo e está cheio de medo. – Que há?

– O plano é fazer uma contra-revolução no Norte, a que se seguirá, naturalmente, uma sublevação imediata dos jacobinos de Lisboa, com assaltos e mortes. Resultado – a Espanha.

E há gente que se chega ao ouvido dos amigos para dizer baixinho: – Fuja, que se vão passar em Lisboa coisas horríveis! – Couceiro já está em Vigo. A mulher foi lá recebida anteontem (7 de Abril) com entusiasmo. Muitas famílias retiraram a toda a pressa do País. Paiva Couceiro faz distribuir um manifesto, José de Azevedo outro. – (Maio). Está formado, em Vigo, o núcleo de emigrados, a que se há-de chamar, mais tarde, o «partido da Galiza». Qual é, ao certo, o papel da Espanha em tudo isto? A Espanha tem sido e há-de ser o maior inimigo da República. «A Espanha não digere Portugal vivo; a Espanha só pode digerir o cadáver de Portugal», afirma Junqueiro.

O trabalho oculto desse ministro espanhol (homem irascível e com uma perna de pau) que ai está em Lisboa tem sido provocar a intervenção, chegando Bernardino

Machado a enviar uma nota enérgica para Madrid, depois de a mostrar ao ministro inglês, que a aprovou.¹ Por aí afirma-se peremptoriamente que Canalejas mandara ao nosso ministro cartas de portugueses incitando os espanhóis à revolução. Teófilo Braga, presidente do Governo, publica a seguinte entrevista sensacional:

– A nossa Península – diz-me – é uma lira. Castilla é o tom maior; Portugal o tom menor, o suave. As outras regiões os matizes dos seus intermédios. É, por isso, necessária a harmonia, para o concerto das vibrações. O espírito unitário da Monarquia destrói todo esse concerto.

«A confederação é necessária e há-de chegar quando a Espanha se despoje dos atavismos que a dominam, e que é já a única nação a sustentá-los.

– Não é essa, certamente, a vontade do povo – replico.

– Sei-o bem, caro Repide – continua o presidente. O que não sabe o governo espanhol é a quantidade enorme dos telegramas que recebemos de toda a Espanha por ocasião da revolução. Deu-nos a ideia da verdadeira opinião espanhola. Era um plebiscito.

«A Espanha está destinada a um grande futuro, mas antes há-de passar por uma forte revolução, não só política, contra o trono, mas com carácter social. O açambarcamento da terra e da riqueza por uns quantos afortunados; a oligarquia que vincula a determinadas pessoas e famílias os postos da governação do Estado- os néscios aristocráticos que professam o *snobismo* religioso; o inconcebível domínio do clero e das ordens religiosas; a preponderância das castas; o geral mal-estar das classes média e baixa, que sofrem uma variedade de injustiças e de tiranias e se sentem apertadas por um aterrador problema económico; todos são factores que hão-de dar o seu resultado.

«Portugal poderá unir-se à Espanha debaixo da forma federativa, em que cada país conserve perfeitamente a sua personalidade. Almeida Garrett (?), no seu livro *Portugal na Balança da Europa*, e outro português insigne, Henriques Nogueira, fizeram já a apologia da ideia da federação. Creio que poderia ser tripartida. A parte ocidental, a oriental e a central da Península. Não estou conforme com a excessiva divisão pretendida por Pi y Margall, que mais parecia uma pulverização dos Estados.

«Se a Espanha não tivesse sofrido o imperialismo de Carlos V, já talvez se tivesse chegado a esse ideal. O regime dos reinos castelhano e aragonês era perfeitamente democrático. Em Aragão o monarca era um mandatário do povo que o proclamava: «Nós, que valem tanto como vós, e, todos juntos, mais que vós...

.....
É claro que a Espanha não ajudaria os nossos republicanos a derrubar a Monarquia; mas, dado o golpe, com o rei incerto e o futuro incerto, a Espanha, não estando com os republicanos, estará, porventura, com os monárquicos?... Canalejas fecha os olhos e faz muitas promessas. Dizia Morote, que é todo dele: – Canalejas é um ambicioso, que, para chegar aos seus fins, não hesita nunca. Para ser presidente do Conselho anavalhou Moret e dividiu o seu partido. – E Vivero, da *España Libre*, declara que Canalejas é muito mais palaciano que Maura, e que a campanha contra Portugal é auxiliada pelo Governo espanhol, sendo um dos seus promotores um advogado da casa real (Cobiano), que já foi ministro da Fazenda. E acrescenta que Afonso XIII chegou a ter trinta mil homens mobilizados para nos invadir. Era o pacto de Vila Viçosa?

Havia um plano consertado entre os monárquicos: tumultos cá dentro, enquanto os emigrados entrariam por Verin sobre Chaves. Descobertos, dirigiram a incursão pela

¹ «O caso sucedido com o ministro da Inglaterra é, por si só, tão edificante que dispensa comentários. Senão, veja-se. Perante a atitude do governo espanhol, que pouca ou nenhuma consideração ligava às reclamações do governo português relativas à permanência, na fronteira, dos conspiradores e traidores da Pátria, entendeu o sr. Bernardino Machado dever oficializar ainda uma vez ao governo do sr. Canalejas, mas em termos menos doces do que os usados até aí. Para cobrar coragem mostrou a sua nota ao ministro inglês, que, particularmente, a achou bem. Apenas enviada, tornou o sr. ministro dos Estrangeiros conhecida do governo espanhol a aprovação do ministro inglês, que, ignorando a inconfidência que o atingia, recebeu do seu governo, com surpresa e mágoa, ordem de retirada, em 24 horas, não obstante a sua saúde não ser, nesse momento, das mais invejáveis... – (*Primeiro de Janeiro*, Julho de 1911.)

Portela do Homem sobre Braga (19 de Junho), contando com a sublevação de vários regimentos do Norte... Os espanhóis concentram cavalaria na fronteira, perto de Vimioso. Dos da Galiza, diz-se: – Já estão em Chaves – Trás-os-Montes sublevou-se. O momento é grave, mais pela excitação e pelos boatos do que pela realidade. Ao mesmo tempo a questão religiosa acirra-se. Os padres abandonam as igrejas e não aceitam as pensões.

– Se isto continua, vem aí um homem com um papel selado em nome da Europa e acaba-se tudo – diz o poeta, que tem sempre o comentário engatilhado. – Este é que é o perigo. O perigo não é Couceiro, é a vida suspensa e o País paralisado. Tem havido, é certos, tiros, sinos a rebate, povoações que se Insurgem. Quanto à incursão, parece improvável (10 de Setembro). Em primeiro lugar, a Espanha tem, em toda a fronteira, desde o Norte ao Algarve, alguns milhares de tropas a cavalo. A Guarda Fiscal está reforçada e algumas metralhadoras guarnecem vários pontos do País. Por outro lado sabe-se que o actual comandante da Guarda Republicana propôs que, caso qualquer povoação se insurreccionasse, fosse arrasada e incendiada, como exemplo, depois de expulsos os habitantes. Sim, mas Lisboa? Mas os carbonários?

Haveria assaltos, mortes e, nesse caso, que faria a Espanha? Qual é o seu verdadeiro papel neste imbróglio? Couceiro é uma ameaça – e ela mantém-na... Mas para restabelecer a Monarquia ou simplesmente para continuar a perturbação?

Curioso: um político republicano categorizado e do gabinete do António José afirma-me: – «Canalejas tem sido o melhor amigo da República. Logo que eles preparam qualquer acontecimento grave, previne-nos...» Opôs-se às tentativas da D. Amélia.

– Previne-os, mas não dissolve por uma vez os núcleos da fronteira, nem arreda aquele fantasma que todos os dias se agita lá no fundo sem se converter em realidade. Mas à Espanha, não lhe convindo a República, convém-lhe, porventura, a Monarquia?...

Atrás deste cenário há outras realidades. Há os interesses – luta-se pelo Poder. Só muito tarde é que os monárquicos perceberam que tinham sido espoliados. No primeiro ímpeto aplaudiram tudo: a morte do rei, a queda do regime. Não deram ao problema a importância que ele tinha. Estavam repletos e habituados ao Poder. Agora já os interessa levantar a cabeça e, dum lado e do outro, percebe-se nitidamente a situação. –Vamos ver o que ela me faz... – dizia-me, nos primeiros dias, o José de Azevedo. Mas os primeiros dias passaram – e sobre eles meses... Depois é o diabo – depois falha o dinheiro e a importância. Pela aragem se conhece quem vai na carruagem... Já ninguém faz caso de nós – já começam a fazer caso dos outros. Agora é o António Maria da Silva quem mostra, desvanecido, os bilhetes de todas as linhas de comboios da Península – que os outras traziam na algibeira; é aquele pelintra do José Barbosa, que passa de chapéu alto na cabeça. Não tarda que o José de Azevedo arme a pistola para o suicídio – quando em Paris, e sem um pataco, é perseguido pelos criados do hotel.² O Malva do Vale, médico da aldeia, vai inchar com tantos contos por mês.

Ali no Chiado é que se vê tudo bem patente. A *Havanesa* é um termómetro. A gente que parava àquela esquina foi substituída por outra gente desconhecida: o Tabordinha, o António de Azevedo, com o secretário, que diz agora dele cobras e lagartos; o Barbosa Colen, o Júlio de Vilhena, a mamar um grande charuto, etc., foram substituídos por ilustres desconhecidos e, entre eles, um, muito feio, de mãos espalmadas, luvas brancas nas mãos e flor enorme na botoeira, que dá no gotto a quem

² Foi ele quem convidou vários pares e deputados, que estavam em Paris, para uma reunião, em que propôs que se reclamasse uma intervenção estrangeira em Portugal. O Vasconcelos Porto protestou. opondo-se terminantemente. Essas reuniões faziam-se sempre no jornal de Cassagnac.

passa.

Que lugar arranjou este tipo, que ainda há pouco pedia meia coroa emprestada nos cafés? Os outros estão na província ou na emigração. Retirados, ofendidos, dizem muito mal do novo regime. Alguns, para matar o tempo, escrevem livros, como o António Cabral; outros limitam-se a remoer e a sonhar a queda da República e a volta ao Poder. Agora é que eles sabem o que é ser pobre – e, pior que pobre, não ser ninguém. Um morreu de desgosto. – Isto não dura... – Entretanto, ninguém lhes faz a corte, ninguém lhes pede nada: não têm importância nenhuma desde que perderam a situação política. Estão abandonados. Agora é que eles começam a compreender que o seu valor era o valor da ficção José Luciano ou da ficção Hintze Ribeiro. É com uma certa satisfação que a gente os vê apeados dos seus pedestais – agarrados desesperadamente à literatura sedida – enquanto aquele, que era amanuense de qualquer repartição, diz, quando o acusam de pouco honesto:

– Sim, sim, mas agora não torno a passar fome!... – Meteu-se em bancos, em companhias, em negócios... Os outros incharam num instante.

Polícias, soldados da Guarda. oficiais, etc., formam núcleos em Vigo e Tui. Mas, até agora, tudo que os monárquicos têm feito é publicar manifestos. As tentativas de incursão resultam inúteis, segundo eles próprios confessam. E não só já desanimam como são os primeiros a acusar Paiva Couceiro (José do Patrocínio Imprensa do Rio de Janeiro).

Arnaldo da Fonseca, cônsul na Galiza e surdo como uma porta, diz-me:

(21 de Julho): – Aquilo lá fora não tem importância nenhuma: são os antigos alunos de Campolide, alguns guardas municipais e franquistas, protegidos pela Alemanha e pela Espanha. Se Canalejas dá uma ordem, Afonso XIII atenua-a com outra. Dinheiro têm muito – para comer nos hotéis. Esta gente, conhecida pelos *alpercatas azuis*, passeia, mostra as pistolas que traz à cintura e os alcaides protegem-na abertamente. Se aparece, em Vigo ou em Tui, um português de quem desconfiem, formam alas e insultam-no... Chagas anda furioso, Couceiro concentrado. As mulheres vêm disfarçadas a Portugal. Durante muito tempo foi a amante do Azevedo Coutinho, vestida à lavradeira, quem trazia as missivas e as ordens. Agora, aquilo por lá está mais sossegado, mas houve dias em que mataram cavalos transmitindo despachos e em que os automóveis desapareciam na estrada como relâmpagos.. – Pior di-lo José do Patrocínio, filho do grande Patrocínio, que se declara monárquico ferrenho, e que foi de propósito à Galiza entrevistar Paiva Couceiro e outros emigrados monárquicos. Palavras textuais: – «Aquilo está a pedir música de opereta. Toda a história dos conspiradores da Galiza se pode fazer em duas casas de Vigo: na casa das mulheres de F... e na casa de jogo de F...»

E, em Agosto de 1916, o Pinheiro Torres confessa:

– Oh, a verdadeira história da conspiração talvez nunca venha a saber-se... E o melhor é que se não saiba o que lá fora se passou... – E António Leite Castro conta: – Era um horror: todos mandavam O duque do Cadaval, um rapaz coxo, falando um português estrangeirado, safou-se, dizendo: – Vou-me embora, porque aqui são todos generais e eu vinha para ser soldado. – O D. Afonso apareceu lá, por vergonha de lá estarem os filhos de D. Miguel. A condessa de Bardi arruinou-se e mais que uma vez arriscou a vida, fazendo contrabando de armas. E o João de Almeida diz assim: – Fazia-se um depósito de armas em qualquer parte, muito em segredo. Dias depois a Guarda Civil sabia tudo, e apreendia-as – Quem denunciava?

– E o rei? – pergunto ao Pinheiro Torres.

A sua impressão é péssima. Quanto a ele, a Monarquia não volta.

O irmão, no regresso de Valladolid, onde foi visitar o Alberto (Agosto 1912), também me diz: – O rei de Espanha estava com eles. O rei recebeu os conspiradores graduados e recebeu D. Miguel, que, no dizer do Alberto, é um palerma consumado. Contavam vencer. Já tinham organizado um governo provisório, com sede no Porto. As pastas vinham recheadas de projectos e reformas – abolição disto e daquilo. Acabava a lei de separação. A Universidade era reformada. Conservava-se o registo civil depois da cerimónia religiosa. Tudo certo, tudo na mão. Um oficial do Exército escrevia para Madrid: «Venham, que já não podemos conter os soldados!...» – O Couceiro esperava manifestações, regozijo, foguetes – tudo, menos balas. Possui centenas de cartas com oferecimentos. Os automóveis já estavam alugados para transportar as famílias imigradas. Só começaram a desconfiar do êxito quando receberam, em Madrid, um telegrama com estas palavras: «Doente em estado grave.»

O curioso é que toda a gente muda de opinião dum dia para o outro: a grande massa oscila e cai sempre para o lado dos vencedores. Todos os que têm esperanças no Couceiro, se o Couceiro é vencido, ficam furiosos com ele. – Quem o manda cá vir com quatrocentos homens? – E os que têm medo são os piores: – Matem-no! – Os que o bajulariam, se vencesse, escarnecem-no.

Couceiro contou sempre com o País, supor que o País, inteiramente monárquico, se levantasse como um homem à primeira tentativa de incursão. Toda a gente lho dizia, toda a gente chamava por ele. Estava tudo pronto. Era só ele aparecer. Um núcleo de apoio – e a sublevação geral. Mas cada um, lá no fundo, encolhendo-se, esperava que os outros se arriscassem e comprometessem. Quem pesou o egoísmo? Quem contou com o terror? O 5 de Outubro repetir-se-ia, para a Monarquia, com a mesma facilidade com que se fez para a República. Melhor: o momento não pode ser mais favorável, com a questão religiosa. E, por último, insistiam sempre, asseveravam sempre, teimavam sempre neste ponto, que era e é ainda para toda a gente uma verdade indiscutível: – o País é monárquico.

Mas o País é, na realidade, monárquico? Se o País é monárquico, porque falham todas as tentativas de incursão? E porque falham da mesma forma todas as tentativas cá dentro, até à última aventura da Traulitânia, com o Norte sublevado? Se o País fosse monárquico, a República já não existia. Bastava um sopro para a derrubar.

É que o País não é monárquico. Há uma minoria monárquica capaz de sofrer e de morrer, como há a gente de Lisboa e do Porto republicana, disposta a todos os sacrifícios. A grande massa inerte adapta-se a todos os regimes – a D. Miguel, rei absoluto, ou a D. Miguel., rei constitucional, à República com Deus ou à República com o Diabo – molda-se a todas as aventuras que triunfem. Pior, meu Deus, pior! O País é egoísta, e a gente viva de Lisboa e Porto, capaz de morrer nas ruas, essa é inteiramente republicana. Talvez quem tenha razão seja Junqueiro, quando diz (1919): – O País para o que está preparado é para um saque! – Com que conta então esta gente do passado? Frustradas as tentativas de incursão armada – como era de prever – adoptou outro processo, que gorou dum dia para o outro, porque Couceiro, mais uma vez, como soldado irrequieto, deu o golpe inesperado da Traulitânia...

Os dirigentes monárquicos mais ponderados, acabando por compreender a inutilidade dos meios violentos, assentaram em asfixiar a República na sombra. O plano foi posto em prática com Pimenta de Castro no Poder, tomando os conservadores os lugares em evidência, e no tempo de Sidónio, em que só eles davam as cartas, como se a Monarquia já estivesse implantada. Notem que eu não afirmo que um ou outro fossem monárquicos. Longe disso! Mas a Monarquia era fatal se qualquer deles continuasse a

governar. Pimenta de Castro, na véspera de cair, supunha-se assente em bases indestrutíveis. Procurado por António José de Almeida, garantia-lhe que tinha o Exército nas mãos, tantas e tão repetidas eram as declarações de fidelidade; e Sidónio pretendia que a massa conservadora estava com ele, quando já os conservadores se mancomunavam para o perder.³ «O nosso plano é apoderarmo-nos pouco a pouco dos lugares e depois sufoca-se a República.» A República estava fatalmente perdida.

Paiva Couceiro passara, havia muito, para o segundo plano...

Habituei-me, desde estudante, a olhar com admiração este homem delgado e louro, que na minha mocidade atravessava a rua com um ar sonâmbulo, dentro duma farda de tenente. Mas nunca desejei que vencesse, e se ele fosse capaz de distinguir o cortejo de ódios e paixões que o rodeia e não o larga, se fosse capaz de ver para além do sonho que o domina, recuaria de espanto... Não sei quem o encontrou a uma mesa de hotel da Galiza e disse: – É uma sombra – É, efectivamente, a sombra do passado. Se me ponho a considerá-lo na sua íntima realidade, afigura-se-me um espectro, com outras ideias e outros sentimentos que já não cabem neste mundo. Ninguém o compreende nem atura. Não ouve os outros: segue o seu destino como uma bala a sua trajectória. Só a si próprio se escuta e não admite que o contrariem. Irrita os que o ajudam, afasta-se do rei que serve. Todos dizem dele, depois de vencido: – É um doido. – Não aceita compromissos nem transige. O dinheiro, para ele, a mola real da vida moderna, está num plano secundário. A sua inteligência não é superior, a sua alma de místico é que é superior. A bem dizer é um antepassado, rodeado de mortos que o impelem. Se vencesse, não chegava a entender-se com os seus correligionários, que são de outro quilate e doutra época. Vencido, é mais feliz: mexe e remexe à vontade no sonho irrealizável que o sustenta.

Saiu-lhe sempre tudo torto. É tão mau político que, quando fez proclamar a Monarquia no Norte, mais uma vez salvou a República...

Se o trabalho subterrâneo – pràs direitas! pràs direitas é que é o caminho! – não cessa; se as juntas e os conservadores levam até ao fim o sistema, e continuam tecendo os fios no escuro, a Monarquia era um facto consumado dentro de dias, de semanas ou de meses. Toda a gente a via caminhar com pés de lá.

Houve reuniões em casa de Alfredo da Silva para um bloco conservador, que Sidónio repeliu. quando Ulrich lho propôs. Nem dum lado nem do outro. Procurado por Junqueiro, que o queria convencer a apoiar-se nos republicanos, só lhe respondeu ao fim dum monólogo do poeta que durou duas horas: – Junqueiro: trunfo é espadas! – Pela morte do Presidente acentua-se a incerteza. Surgem as juntas. Parece desconjuntar-se o plano concebido. No Porto, os democráticos, espancados nas ruas, escorrem sangue. Como no tempo de D. Pedro e de D. Miguel

Trabalha o cacete
Desanda o porrete...

Em 25 de Dezembro a Junta Militar do Porto proclama. E apreendido o *Diário Nacional* com o telegrama do rei. Pede-se um plebiscito. O minuto é grave. Mais algumas semanas de indecisão e todos prevêem o resultado. Paiva Couceiro precipita os acontecimentos desembainhando a espada. É que já então os monárquicos, divididos em dois grupos – os de Lisboa e os da Galiza –, se olham por cima do ombro. Depressa! depressa! Qual deles vai ficar num plano secundário? Está proclamada a Monarquia no Porto e todo o Norte em poder de Couceiro. Que espera o resto do País para se

³ Cartas do *Diário de Notícias*: «Ou ele quer ou não quer. Sidónios há muitos.» – Os oficiais portugueses não são oficiais: são diplomatas – frase admirável que passa por ser de Couceiro.

sublevar? Manda o partido da Galiza, os lugares são para o partido da Galiza. Ao triunfo vai seguir-se a limpeza... E o rei só voltará a Portugal passados três meses. Papéis, editais, decretos. Entretanto, no Éden, alguns mascarados batem nos presos, tratando-os por V. Ex^a, e Couceiro dá ao Exército ordens e contra-ordens absurdas, porque nem um chefe de estado-maior tolera a seu lado.

E o País? No Norte ninguém sabia o que se passava para lá de Aveiro, mas Lisboa – insistia-se – proclamava a Monarquia. Incerteza, hesitação, dúvida... Só de quando em quando uma voz atravessava os ares, pelo sem-fios de Monsanto, perguntando: – Diga se Coimbra e Castelo Branco estão connosco! – Mais papéis nas esquinas, a chamada de reservas; nas cidades da província tornam a aparecer casacas antidiluvianas, padres pregando do púlpito abaixo a santa religião, missas e decretos. Voltará o D. Miguel? Saem procissões. Uma música toca o hino. O andor oscila aos ombros de figuras que cheiram a benzina e todos supúnhamos mortos. E a voz ansiosa, no negrume, insiste: – Diga se Coimbra e Castelo Branco estão connosco! – E o rei? Porque não aparece o rei? Não vem tão cedo... É preciso, primeiro, restabelecer a pena de morte e preparar a barcelonada. Mas o País não se mexe. O muro, ali em baixo, cada vez parece mais alto e mais espesso. Não se recebem cartas e pela última vez a voz da S. F. fulgura, como um relâmpago, nos ares, logo sufocada para sempre, como se a estrangulassem: – Diga se Coimbra e Castelo... E não pôde concluir a frase sufocada. Que se passara? A coisa esteve por um triz... Se os da Galiza não intervêm, Lisboa acordava, mais dia menos dia, com a Monarquia proclamada. Ornelas – o *Conselheiro Pó-pó*, como eles lhe chamavam – foi atirado para a frente. Teve de secundar o golpe por duas razões: para dar probabilidades de êxito à procissão que estava na rua e para, caso os do Norte vencessem, não ficar submetido ao homem da aventura e da espada. A Monarquia esteve por um triz. Bastava talvez que a Espanha desse aos monárquicos uma sombra de apoio. Deu-a? À Espanha não convém, na Península, outra coroa que não teme uma república desacreditada. Conta-se que, quando Luís de Magalhães foi a Madrid pedir a beligerância, lá lhe disseram: – Esconda-se e fuja, porque o mais que podemos fazer é não o prender.

Por um triz. – Mas depois, se vencessem? Os ódios eram tantos, os ódios não tinham limites! Moreira de Almeida dizia: – Odeio-os. Tiveram-me preso com a cabeça metida numa cloaca. E diziam: – Confesse que conspira que o pomos na fronteira. – Odeio-os.

Pediam-se vidas. O sangue correria a jorros. Acabada a *limpeza*, D. Manuel voltaria a reinar num Portugal novo... Lisboa em peso, esmagada e calcada, com a grilheta aos pés, iria ali ao Terreiro do Paço penitenciar-se, aclamando-o, quando, ao desembarcar, enterrasse os tacões na lama ensanguentada de fresco... Estou em dizer que o único homem de juízo do partido monárquico é D. Manuel, que não quer reinar sem o assentimento da Nação. Os outros não olham a sacrifícios...

Dera-se um facto que impossibilitara os adversários do regime de vencer. Não me refiro à atitude do Exército – refiro-me à atitude do povo de Lisboa. Diante do seu gesto desabaram todas as ficções... Os monárquicos retiraram para Monsanto. Alguns patriotas apelaram para o povo. Por acaso, nesse dia os jornais saíram tarde. Apesar disso, e contra todas as previsões, as massas apareceram cerradas e compactas. – Eu vi-os passar – diz Amadeu de Freitas –, eram de quinze a vinte mil homens, professores do liceu e rotos, empregados do comércio e homens descalços. Metia medo.

– Os políticos, Monsanto, o problemático ministro, a fealdade da República, tudo desapareceu por um alçapão de mágica. A aventura do Porto passou a ser «mais uma couceirada», e outra vez o povo de Lisboa – talvez a última antes de se deitar a novos destinos – salvou a República.

Compreenderam-no os políticos? Não parece que os republicanos o compreendessem. Logo que o povo acabou a sua obra de cólera ou de instinto, os homens em evidência mais uma vez estragaram tudo. Duas palavras definem a situação: desorganização e insignificância. Mais que nunca a República foi lima «marcha heróica pata um cano de esgoto». – Afora meia dúzia – diz Junqueiro –, o resto devora. A República é uma bacanal de percevejos num colchão podre. Os homens são cada vez piores, cada vez mais pequenos. Tirem-lhes a política e ninguém dá por eles. Os do passado já nos parecem gigantes. Não, eu perdi as ilusões; que a República, já que não pode ser heróica, seja ao menos uma mercearia bem ordenada, para se poder trabalhar. Dois partidos. cada um no seu quarto, como feras dentro de jaulas, um para onde entram os conservadores e os monárquicos, que estão à chuva e que se metem no primeiro portal que se lhes abra, e outro onde se encafuem os radicais.

Os ódios aumentam. Os republicanos torturam os presos. Mas que fariam os monárquicos se vencessem? A Monarquia, nesta altura, seria de fugir... E a República? A República – diz Junqueiro – não se atura nem se pode aturar!

Foram os do governo provisório que lhe imprimiram o feitio intolerante e jacobino – foram o Afonso Costa, o Bernardino, o Camacho e o António José. Foi principalmente o Afonso que lhe colou a máscara que ela nunca mais pôde arrancar. Fê-la à sua imagem e semelhança: materialista e orgíaca, acolhendo de braços abertos a pior escória dos partidos monárquicos – os que não tinham convicções e queriam continuar no gozo dos seus interesses.

É o tipo do bicho de escritório que julga tudo segundo a papelada e mete a vida viva dentro de articulados. Advogado cábula, foi para o Governo, com os seus amigos, depois duma orgia à luz da manhã e com a gola do casaco levantada. Ora o País não é apenas sério: é trombudo. Remexeu nas coisas e nos homens, resolvendo dar cabo do cristianismo no Palácio de Cristal do Porto – daquele Porto de granito espesso –, em duas ou três gerações. Resultado: quem reformou os padres foi ele – não foram os arcebispos. Quando acabou de pegar fogo ao País, fez-se de largo a vê-lo arder... Chegou, assim, a ser um símbolo – o tipo das gerações de Coimbra, que criaram, com o código e frases, uma alma ao lado da vida. Tudo o que fez cheira ao saguão onde o fez – às conversas do empregado da Boa Hora, do jornalista azedo e do Alexandre Braga, que fez da existência uma orgia – com esplêndidos discursos...

Mas reconheço que foi o único homem de Estado da República e que resolveu, como ele soube interpretar, o sonho dos jacobinos de Lisboa e do Porto. Só lhe faltou serenidade e grandeza. Fez tudo a rir. Eu tenho sempre medo dos homens que não querem Deus, para ficarem mais à vontade no mundo: desatam então aos pulos como bestas. É certo que tenho conhecido alguns seres extraordinários sem Deus nem religião. Mas esses tipos excepcionais têm Deus lá dentro, quer queiram quer não queiram, e às vezes mais luminoso do que os que andam sempre a falar n'Ele, como se Deus fosse uma coisa de trazer por casa.

Dizem que é um homem inteligente. A sua inteligência, até hoje, não tem passado de esperteza. Só lhe reconheço uma superioridade incontestável: é um parlamentar e não se prende com escrúpulos. – O Afonso – dizem – é um homem com quem todos se podem entender para os seus negócios.

Não é só o medo que o tem afastado de Lisboa. Às repetidas instâncias dos seus amigos para regressar à política recusou sempre, recomendando uma certa moralidade (!) – o que fazia dizer a António José de Almeida: – Eu, se me chamassem para o meu País, voltava logo, ainda que fosse para ser capitão de ladrões!

Mas não é só o medo que o tem afastado. – Porque não vais para Lisboa? –

perguntou-lhe o Montalvão, que o encontrou em Paris. – Não, que lá até os rapazes de catorze anos andam com bombas nas algibeiras. – Andam, mas foi ele o culpado – foi ele quem as forjou. Não é, porém, só o medo; os que fingem que o querem a governar, detestam-no. Armam-lhe logo dificuldades. Sabem perfeitamente que ele viria ocupar o primeiro lugar... A hora é dos medíocres.

Enfim, um esplêndido homem de Estado para a destruição. Audácia não lhe falta, quando não lhe falta, quando não encontra pela frente outro mais audacioso que ele. Então recua – no dizer pitoresco do Malva do Vale. No julgamento de Júlio de Campos, em Guimarães, quis enfrentar-se com o papudo e irónico cónego José Maria Gomes, que tinha fama de piadista e parecia um padre do tempo do Bocage. Ele era advogado, o outro testemunha. E o Afonso Costa, a certa altura do interrogatório, espicçou-o:

– Aí está o senhor a meter uma no cravo, outra na ferradura...

Resposta imediata, com um sorriso ainda por cima:

– É que o senhor doutor não está com o pé quieto!

O aspecto físico de Brito Camacho, homem trigueiro e com uma grande bigodeira mesclada, é, à escolha, e conforme o temperamento romântico ou prático de cada um, ou o dum velho pirata que deu à costa salvando uma jaqueta da propaganda, ou o dum cirurgião reformado que diz facécias nas boticas da província, onde acabou por se retirar, depois de as ter feito frescas por esse mundo. Feio bicho. Com um velho *penante* posto ao lado, no último caracol que lhe resta na cabeça, continua a moer anedotas nos artigos, depois de se ter afastado da política, onde demonstrou qualidades (não esquece nunca os seus amigos) e defeitos de tal ordem que, não sendo inferior aos outros, nunca conseguiu governar. Azango? Há nele o quer que é de dissolvente. Direi melhor se afirmar que ele tem qualquer coisa que afasta os homens. Nem um auto-de-fé... Em lugar de calor – ironia. Os amigos podem aplaudi-lo e rir-se das piadas (riem-se e desconfiam-lhe da língua), mas a grande massa que forma os partidos é como as mulheres: não compreende a ironia; pelo contrário, tem-lhe medo e chama-lhe veneno... O seu grupo ficou sempre reduzido a alguns amigos, mais ou menos inteligentes, pretendendo apelar para a razão e desdenhando os outros. Deixou a política pela literatura, mas já diz: – Estou a ver que isto por cá é pior... – E é.

O que o aborreceu da política não foi ver toda a gente desconfiada à sua volta – foi sentir o isolamento e a inutilidade da sua obra. Inúteis os esforços que empregou, inúteis os homens que reuniu. Para criar são precisas outras qualidades. O Afonso Costa desperta paixões e manda, o António José arrasta multidões com frases. O Brito Camacho, até quando tem razão, é detestado – talvez mais detestado do que quando a não tem.

Como em todas as suas conversas há uma anedota e um dito em todos os seus artigos, creio que do seu papel político ficará uma piada inútil. Agora (1928) rejubila e parece dizer por mil bocas: – Não me quiseram, aí têm o resultado... – Ultimamente apelou para a literatura, mas, literariamente, não vale nada. Os seus artigos são, quase sempre, facécias. Atrás do palavreado não se sente uma força. Hesita. Põe o pé e tira o pé. E de repente fala-nos naquele padre que batia no traseiro do arcebispo, chamando-o: – Ouves, filhinha?... – É então que o sentimos à vontade... O seu papel na política está ainda na memória de todos. Foi corrosivo. – Não quiseram governar comigo – não puderam governar sem mim. – Na literatura, talvez o Bocage – o Bocage de cordel, da piada obscena – seja um pouco melhor... Lá está, com o grupo, reduzido à mesa do café, com um jornal, que sai uma vez por ano, à espera que o chamem, fazendo-lhe justiça, para a Academia ou para o Ministério. E já diz: – Estou a ver que isto, na literatura, ainda é pior... – E é.

Já o Bernardino é de outra casta. Perguntando ao Santos Tavares o que ele fazia no

Brasil, respondeu:

– Navega. Tem feito imenso. Os monárquicos estão calados. Cortou as crónicas ao Malheiro Dias, que teve de ir trabalhar para uma livraria. Conhece toda a gente, fala a toda a gente, maça toda a gente. Um dia, vínhamos por uma avenida fora, eu, ele e a senhora, quando ouvimos um cavalheiro gritar ao longe, de braços abertos:

– Oh, querido amigo!...

– Quem é? – perguntou rapidamente ao Bernardino.

– Não sei...

Mas já ele o abraçava, sorrindo, apresentando-o à mulher nestes termos:

– Minha mulher... e... *e escuso de te dizer quem ele é!*

É um homem de aço. Cansa toda a gente, extenua toda a gente – e teima até à morte. Promete tudo – falta a tudo. Não faz nem deixa fazer. Mas, como um velho moinho de café, não cessa de moer e remoer palavras sobre palavras. No Ministério dos Estrangeiros ainda hoje se fala, com espanto e terror, nesse homem que só ao romper da manhã levava os secretários, meio-mortos, para casa, cumprimentando ainda, ao sair, com afabilidade, os puxadores das porias – e dos dois ovos estrelados que ele lá esqueceu, entre a papelada oficial, e que, com o leite, constituem toda a sua alimentação.

Alguém dizia dele ao Junqueiro:

– É de ferro.

– De ferro? De borracha é que ele é. Pode passar-lhe um cilindro de estrada por cima que ele levanta-se logo, todo lépido, a tirar o chapéu.

O Junqueiro dizia também que nem a sua bondade nem a sua afectuosidade eram falsas. Sim, mas há nele talvez habilidade demasiada, habilidade que nos cansa. Em rapaz, acompanhando-o em Matosinhos, assisti a esta cena, que nunca mais esqueci: Uma mulher do povo lia, em plena rua, com grande dificuldade, uma carta a outra mulher, que a ouvia ansiosa. O Bernardino observou-as e aproximou-se logo delas, apumado e obsequiador. E, cumprimentando:

– Se querem, eu leio a carta.

– E quem o manda ao senhor meter aqui o nariz, seu grande malcriado?!

O Bernardino recuou, tirando o chapéu, e continuámos o nosso passeio, sob as invectivas.

Recebe toda a gente. Fala todo o dia, correcto, límpido, inalterável, a remexer no cordão da luneta – e sem nunca se desmanchar.

Pertence a uma geração de homens extraordinários, de homens que construíram ao lado da vida uma vida abstracta – e só vivem para essa coisa imaginária e tremenda feita de leias de aranha.

Esta anedota, que é posterior, fica aqui bem – completa O retrato:

Noutro dia, a conversar com o António Sérgio, disse-lhe:

– Meu amigo: é preciso fazer-se quanto antes uma reforma da instrução primária profunda. Profunda.

– Também assim o entendo.

– É da maior urgência. É básico.

– É esse o meu pensamento.

– Imagine que noutro dia minha neta chegou-se à minha beira e disse-me: – Ó avô: o Sidónio foi Presidente? – Presidente? Nunca! – Mas, neste livro em que estudo, vem que o Sidónio foi Presidente, como o avô. – Ora veja o senhor António Sérgio que compêndios! que instrução! que professores!... É preciso fazer-se, quanto antes, uma grande reforma. Mas profunda.

Noutro dia estava a escrever e desatou de repente a chamar:

– Sebastião!

Ninguém respondeu.

– Sebastião!

Nada.

– Sebastião!

Silêncio. Foi a mulher quem apareceu.

– Por quem é que tu chamas, menino?

– Pelo meu filho Sebastião.

– Mas tu não tens nenhum filho chamado Sebastião!

– Então manda-me cá outro qualquer.

E continuou a escrever, inalteravelmente. É preciso acrescentar que ele tem doze ou treze filhos ou talvez mais. Mas Bourbon e Meneses fala da sua paciência, da sua teimosia, da sua coragem moral, e conta como ia às tribunas socialistas, que conseguia dominar, e como uma vez, diante do atrevimento dos revolucionários, que lhe diziam coisas desagradáveis: – Nós somos revolucionários! – ele lhes respondia, pondo-se em bicos de pés: – Canalhas é o que os senhores são. Canalhas!

Olho sempre para este homem como para os Palácios confusos. Não sei se é possível – mas creio que sim – viver a gente de frases, alimenta-se de frases e com frases e engenho construir um mundo. Não criar, não atentar na vida, mas fazer com frases que nunca mais acabam, com coisas abstractas e cheias de raciocínios sem realidade, um castelo maior que as casas de cem andares de Nova Iorque, que ameaçam furar o céu e metem espigões de alicerce até não sei quantas centenas de metros abaixo do nível da terra – e são feitas de cimento. Mas as casas, felizmente, não andam e quedam-se, a certa altura, e as frases sucedem-se, os raciocínios nunca mais acabam: moem até à eternidade – e não servem à justa para nada. «Isto não lhe tem servido de nada?», pergunto. É assim que ele tem vencido, inalterável, a fazer balançar a luneta presa ao cordão e o cordão ao dedo e sem nunca se alterar. Grande coisa, a palavra, quando não exprime nada! Não que ele não diga coisas perfeitamente lógicas e admiravelmente arquitectadas. Diz. Sempre a enrolar e a desenrolar o cordão da luneta no dedo indicador, sereno, imutável, cansa toda a gente com o dom da palavra – e a luneta a dar a volta para a direita e depois a dar a volta para a esquerda –, vence todo o mundo a não ser que haja um terramoto ou rebente uma revolução. Um dia, um ministro estrangeiro chegou às últimas, chegou à insolência em qualquer reclamação fútil. E o Bernardino a ouvi-lo com serenidade (é outra força que possui) e a sorrir. Deixou-o acabar e, com extrema amabilidade, só disse:

– Sabe V. Ex^a que tenho estado a escutá-lo com admiração e saudade? E também encanto. V. Ex^a é tal e qual seu pai, com quem tive relações há vinte anos.

O outro embatucou.

– Estou pobre! estou pobre! Se amanhã, quando acabar a Presidência, quiser ir por esse País fora fazer meia dúzia de conferências, não tenho dinheiro. Estou pobre. (Diz-me António José de Almeida – Janeiro de 1923.) Estes anos de Presidência envelheceram-no. Está todo branco e trôpego, mãos como dois molhos de brócolos, desarticulados pela gota, e uma única preocupação teimando até ao fim – a política. Mas que distância deste António José ao outro da propaganda, confiado e romântico!... Recebe toda a gente; fala a toda a gente, mas agora talvez desconfie de toda a gente, a não ser de alguns amigos mais íntimos. Quem é que faz hoje caso das suas palavras? Que despertam nos homens de agora aquelas coisas moídas e remoídas – liberdade, consciência, alma, etc. – velha farraparia que, se teve vida algum dia, ninguém acredita que a tivesse?... Parece que as tiro do fundo dum armário; já com certo resguardo, como quem desconfia de si e dos outros. Com desespero ainda se agarra ao castelo de cartas

que foi a sua vida, para não ver a derrocada em toda a realidade. Noutro dia assisti, por acaso, a uma cena interessante (Fevereiro, 1928). Estavam alguns velhos à roda dele, enovelado numa cadeira, e entre eles o Magalhães Lima. Falou-se da política do momento, da possibilidade monárquica, e ambos, desamparados, disseram:

– Vamos ter um fim de vida triste. E trabalhámos vinte anos para isto!

Decerto é o único presidente que conseguiu manter-se – e talvez o único com quem a população de Lisboa simpatize. É que à sua porta bate-se como a um portão de quinta, e o povo de Lisboa gosta disso. O António José agrada extraordinariamente, porque não é de exterioridades. Mais talvez do que pelas suas qualidades reais. E isto não quer dizer que já não estivessem para o matar mais que uma vez...

Quando sofre demasiado – quando sofre como se estivesse nas labaredas do Inferno –, quando não consegue dormir, costuma dizer: – Bem, não sei se soube ou pude fazer, mas diz-me a consciência que nunca, que eu saiba, fiz mal a ninguém. – Tenho-o visto em diferentes fases da vida. Vi-o aplaudido e desdenhado. Vi-o quase a ser morto pelos que na véspera o adoravam. Vi-o esmagado pelas turbas fanatizadas pela sua voz, saindo dum arcaboço de atleta e transmitindo-se como uma força eléctrica –e, quando o quis libertar dos encontrões, ouvi-o dizer-me: – Deixe-os! Não percebe que assim é que eu vivo? – Faltou-lhe talvez relevo – talvez dureza...⁴

Envelheceu neste inferno de interesses, com a gota a cravar-lhe as unhas de ferro na carne ou a zona, que o não deixa dormir dia e noite. Mas só a política o preocupa. Agora está pobre e quase desamparado dos políticos. Mas nesta casa da Avenida António Augusto de Aguiar ouve-se sempre uma palavra generosa e simpática: – Estou ao lado dos vencidos, etc. – Tem sessenta anos. É quase um eco – um eco cheio de ressonâncias, duma natureza afectiva e incapaz de mentira. As redundâncias da retórica desaparecem como ciscos quando a gente se põe a considerá-lo nos olhos e, melhor que nos olhos, na vida. Está, efectivamente, envelhecido, gasto e pobre. Mas ser pobre ou ser rico não o interessa nada. A política, sim, essa interessa-o talvez mais que a vida – mais que a morte. E o País – e o povo. Só tem essas preocupações. E no dia do seu enterro quer que distribuam pelo povo um manifesto explicando por que teve de violar a Constituição, em 19 de Outubro! Há ainda mais alguém em Portugal que se interesse por esse farrapo *de papel*?

O que eu pergunto é se os monárquicos são melhores. É o José de Azevedo, é o Aires de Ornelas, homem ponderado e sério, a quem os seus correligionários chamam – por isso mesmo – *Conselheiro Pó-pó*, é o Moreira de Almeida, que fui visitar ao Aljube, Porto (Dezembro de 1913) e que me disse, às primeiras palavras: – Ódio! Tenho-lhes ódio! Tenho visto a morte diante de mim, mais que uma vez. Quando me sentia perseguido, fugia para o Estoril e regressava a Lisboa, escondendo-me num quarto, *a toca*, que aluguei e aí vivia enquanto eles me cercavam a casa... Vi a morte de perto, mas não desanimo: logo que me soltem, publico *O Dia*.

Foi n’*O Dia* que o conheci, quase imberbe (poucos pêlos na cara até velho), mas já célebre (1899). Escrevia sempre, escrevia um jornal todo e todas as manhãs, se fosse preciso. Também era capaz de falar todo o dia nas Câmaras. A sua exaltação, a frio –

⁴ Morreu hoje, 31 de Outubro, às 2 e meia da manhã. Poucas horas antes ainda a gota o martirizou. Foi até ao último suspiro. Anteontem tinha ido procurá-lo. Esse homem, que conheci hercúleo e com uma voz forte e magnética, estava reduzido à múmia duma criança, com uma barbicha branca, e disse-me, num sopro: – Vou morrer. – Irresistivelmente beijei-lhe as mãos. Desci as escadas. No patamar, ao abrir a porta, trocava duas palavras com o Carvalho Mourão, quando senti que alguém descia a toda a pressa. Voltei-me: era a mulher, que me disse: – Ouviu a sua voz e manda-lhe dizer que, quando morrer, diga a toda a gente que faça justiça ao seu carácter.

Todos três desatámos a chorar. O seu enterro foi uma apoteose – a maior a que assisti na minha vida.

era metida para dentro. Muita gente chamava ao *Dia*, no tempo da República, *fel e vinagre*. Mas como o não queriam azedo se lhe tinham estragado o destino? Perseguram-no – bateram-lhe e só por acaso o não mataram. E, pior ainda: destruíram-lhe o futuro e tudo o que amava na vida: a ordem, a pompa religiosa e a pompa monárquica. – Odeio-os! odeio-os! – Não seria, pessoalmente, um homem simpático – mas era uma extraordinária força de persistência e teimosia e, se não fosse a República, que o matou de desgostos, tinha sido um homem de governo e uma das bases conservadoras do País. Porque tudo nesse homem, a quem já em rapaz os amigos diziam ser do tempo dos lenços tabaqueiros, era radicado e com raízes tremendas no passado. Teve todos os cultos antigos: o da família, o da nobreza, o da religião. Viveu pobre, num pobre quarto andar; morreu amargurado por não ter realizado nenhum dos seus sonhos. Estou a ouvi-lo dizer-me:

– Odeio-os! odeio-os!

Nas perseguições, nas paixões, quantos ódios acumulados! Todos os dias o tropel cresce como uma onda a avolumar-se no horizonte. Hoje (9 de Janeiro 1914), João de Freitas interpela Afonso Costa no Parlamento. Afirma-se que o não deixam falar. A meu lado um oficial de Marinha diz: – Se a *formiga branca* intervém, dou um tiro num!... – Sessões tremendas, em que aquele homem lívido cresce e avança, dizendo as últimas a Afonso Costa. Sente-se o bafo da tragédia muito perto. Toda a gente percebe que o caso é de vida ou de morte. Em dado momento o Alexandre Braga ousou interrompê-lo – e a resposta veio logo, como uma bofetada: – Cale-se! O senhor não tem autoridade moral, o senhor que vai procurar as amantes à sua própria família! – O outro calou-se, amarfanhado. A Câmara redemoinhou, petrificou, assombrada, e ele continuou com o discurso, sem olhar para os lados. Tinham dito ao Camacho: – Não vá sentar-se ao pé do João de Freitas, porque hoje matam-no, hoje há tiros! – Mas o Camacho, como de costume, foi sentar-se na mesma bancada. A certa altura, um amigo do Afonso Costa, efectivamente avançou para o João de Freitas, que, continuando a interpellá-lo, o susteve com o gesto para que se detivesse, metendo ao mesmo tempo a mão direita na algibeira...

Mas o Afonso Costa domina-os e pensa talvez em arredar o Camacho, a quem odeia, e António José, a quem desdenha. Aparece nas Câmaras com um riso de superioridade e um cravo vermelho na lapela, acompanhado pela *púrria*.

O pior é que os ódios aumentam. Um deputado diz-me, hoje: – Se o visse morto, deitava gravata vermelha! – Citam-se escândalos, apuram-se números. Os jornais da noite são arrancados das mãos dos vendedores. O Ministério cai? O dia 29 de Janeiro é talvez decisivo para a República. Dominada a greve, votado o adiamento, entra-se numa nova fase política? O António José reconquistou a popularidade. As galerias intervieram com uma pateada a Afonso Costa, quando Júlio Martins falou no assalto à casa sindical dos ferroviários. Mas o António José, que já não consentira que João de Freitas chamasse ladrão ao Afonso Costa, no *República*, sacrificando assim uma velha amizade, declarou aos seus correligionários que não quer governar com as galerias. A 26, à noite, prepara-se uma grande manifestação ao Governo, que é dissolvida à pancada, no Rossio. – Nunca vi bater tanto, em Lisboa. Estoiram bombas na Rua do Carmo. As senhoras vêm para as janelas, como nas procissões. Grandes rolos de fumo crescem lá em baixo. A cavalaria estaca.. Gente foge – gente corre, aos gritos de: – Morra! morra! – Uma dama passa, indiferente, pelo braço do marido, com um cão felpudo ao lado. Gritos, vivas, aclamações. O Governo cai?... Há instantes, nas Câmaras, a oposição chamou-lhes: – Ambaquistas! – e mostram os bolsos, num gesto significativo. Todos estes homens andam armados de pistolas. De mão em mão corre um papel: «Um

conhecido vidraceiro dos lados da Rua do Benfornoso está fabricando uma respeitável quantidade de mocas, com as competentes correias, para não caírem do pulso.» Só se fala em assaltos da *formiga branca* às redacções dos jornais, em golpes de Estado, na ditadura. O Camilo Rodrigues afirma que a *formiga* quer matar o João de Freitas. Chegamos ao conflito pessoal? Andam aqui ódios e interesses em jogo. Há que contar com os doidos – com os que manobram por trás da cortina–, com os que têm dívidas e letras a pagar. Diz o Malva do Vale:

– Foram distribuídos mil contos de acções de Ambaca aos deputados. Não valiam um pataco: valem hoje oitenta e cinco mil réis. Mentira e verdade anda tudo misturado. – Lá para o fundo agitam-se, na sombra, a *formiga branca*, a *formiga preta* e a *formiga loura*. Pela primeira vez *O Mundo* está guardado pela cavalaria. – Mata! mata! mata!

Junqueiro diz:

– O Afonso Costa é uma epilepsia dentro duma sorveteira

– E acrescenta: – Isto é como um tribunal, onde o réu se apoderou da tribuna e de lá diz cá para baixo: – Eu é que sou o juiz. – Querem-no pôr fora e ele protesta: – Eu é que estou com a Constituição; vamos a votos!... – Agora verá: vem aí o Bernardino. É Rodrigo da Fonseca sucedendo a Costa Cabral. Somente, onde Rodrigo da Fonseca respondia com manguitos, Bernardino responde com bênçãos! É medonho!... Sabe que quando foi da questão religiosa queriam meter alguns bispos na cadeia? Fui eu que me opus dizendo que quem os ia defender era o autor da *Velhice do Padre Eterno*.

Nesta altura já se podem avaliar os partidos políticos: não valem nada, à excepção dos democráticos. Formaram-se grupos – o do Camacho, um estado-maior, destinado a nunca governar; o do António José, fiado em que os conservadores o apoiariam, como se os conservadores pudessem apoiar o homem mais radical da República. – Os evolucionistas – diz Junqueiro, são uns pobres homens: conhecem-se todos pela cara. – É assim que o poeta lhes passa um atestado de patetas. E o do Afonso Costa, onde entraram os homens de negócio, a gente da província que quer conservar os seus lugares e as suas posições de destaque, e a gente radiceira de Lisboa e Porto, que lhe deu consistência, fazendo desse partido, com todos os seus defeitos e as suas qualidades, o único organismo vivo da República. Vivo e insuportável.

Então começou a ficção e a mixórdia – um a querer formar governo sem condições de resistência, o outro, o democrático, a deitá-los abaixo, aos encontrões, até que chegou a ditadura disfarçada. (Duma vez, e nas barbas de um esquadrão da Guarda, que era democrático, bastou um bando – uma *púrria* – para correr o Fernandes Costa do Terreiro do Paço, no momento em que ele tomou posse do Governo, intimando-o a pôr-se ao fresco. Governou cinco minutos.) A grande massa conservou-se sempre expectante e hostil. Ao contrário do que supunham e desejavam, ficou afastada – e tanto mais que os republicanos a afrontavam nas suas crenças e nos seus hábitos. Se aderiam, eram escarnecidos: – Os *adesivos* (dizia o Camacho) são de tirar e pôr, como os colarinhos de borracha. – À grande massa adormecida do País, nunca a República conseguiu verdadeiramente interessá-la. Mas também diga-se: nem a República nem nenhum regime.

Isto aguenta-se ou vem a Monarquia? – Se vier (diz o António José), ainda hei-de arranjar quem me empreste, sabe Deus com que custo, dinheiro para me meter num paquete e ir para a Argentina. Mas, lá, que hei-de fazer, aos quarenta e sete anos? – A Monarquia é o menos. Caminhamos para a anarquia e para o crime. Um dia destes (Maio de 1915) João de Freitas disparou o revólver sobre o João Chagas, quando vinham no mesmo comboio para Lisboa, vazando-lhe um olho.

Sob uma aparência calma, uma cólera contida, uma ebulição feroz. A bala ia

direita ao Afonso Costa – ia direita aos políticos sem escrúpulos. Ele era, foi-o sempre – um grande homem de bem, com o culto da honra. Poucas palavras, a não ser que se tratasse do Afonso Costa, porque então extravasava. Um dia, na Foz, no *Mary Castro*, falou, falou, interminavelmente, no caso das binubas, no caso do testamento, em todos aqueles casos, sua única preocupação, que tratou nas Câmaras e publicou em folhetos. Ouvia-o sem uma palavra.. Tinha-o diante de mim, lívido, seco, de barba rala na cara em pentágono, com os olhos fuzilando. Ouvia com espanto correr aquele jacto em fusão. Mas só o compreendi bem quando me tocou com a mão; a sua tensão nervosa era tão grande que tinha as mãos geladas – as mãos dum morto. Trazia consigo um filho pequeno, que adorava, mas, acima de tudo, estava a honra, a que sempre sacrificou a família e o interesse. Já em rapaz os outros diziam dele, com respeito: – É o João de Freitas! – É um tipo que colocou num altar não sei que ídolo, não sei que regras ou que princípios que os outros, até Junqueiro, classificam de loucura. E, efectivamente, a honra, até àquele ponto, não pertence a este mundo: o que pertence a este mundo é a honra palavra, a honra acomodaticia, de tirar e pôr, uma coisa convencional e sem exageros, uma coisa humana, que se dê bem com toda a gente. A outra, a dele, incomoda e chega a irritar os homens honrados...

No comboio prenderam-no, agarraram-no e entregaram-no aos sicários, que o mataram lentamente, no Entroncamento. Cuspiram-no. Escarneceram-no. Arrancaram-lhe as barbas e torturaram-no até ao último suspiro. Por fim enterraram-no como um cão, por ordem do administrador de Torres Novas.

Que as gerações novas aprendam – se é que as gerações novas ainda têm mais que aprender... Ponham os olhos neste alucinado. Toda a gente o repudiou. Fizeram-no passar por monárquico. Diz o *República* (21 de Maio de 1915):

E João de Freitas bem afirmou mais uma vez então a sua irredutibilidade moral e política com qualquer restauração monárquica.

E se – saiba-o *O Século* e saibam-no todos – logo na manhã seguinte à lutuosa tragédia do Entroncamento a *República* afixou um *placard* «ias suas janelas, em pleno movimento revolucionário, declarando que João de Freitas não pertencia, já há tempos, ao partido evolucionista *foi precisamente porque tal lhe foi pedido pelas autoridades para evitar-se assim as tristes consequências de equívocos com que já se procurava explorar junto dos elementos revolucionários, porventura mal elucidados e aconselhados...*

E basta. Porque, para realçar a negra miséria humana, estas linhas já são demais...

Segundo *A Vanguarda*, a sua morte foi um verdadeiro martírio: até fel lhe deram a beber.

Pergunto se Oliveira Martins não foi profeta? Um dia destes encontrei-me com Simas Machado, no Porto, que me disse:

– Separei-me do Afonso Costa quando vi que ele continuava ligado à demagogia. Sempre esperei, como toda a gente, que a certa altura se separasse da canalha, para se ligar aos conservadores... – E acrescenta: – Um dia em que o Junqueiro passeava com o Alfredo de Magalhães, na Praça, passou por eles o Afonso Costa. Junqueiro voltou-se, seguiu-o com o olhar e, por fim, disse.

– Pressinto que este homem há-de ser a desgraça do País.

E conta-me o seguinte caso:

– O Martins, um dia, foi procurado pelo Sampaio, pelo Basílio e outro de quem me não lembra o nome, para se deixar propor como deputado republicano pelo Porto. – E quem lhes disse aos senhores que sou republicano? Não sou, sou socialista.

E como lhe perguntassem se não acreditava no futuro das democracias, respondeu

logo:

– Sim, acredito, e para mais depressa do que os senhores julgam. Mas república, anarquia, Castela!

DURANTE A GUERRA

Dezembro, 1914

Preparativos para a entrada das nossas tropas na guerra. Os oficiais, na sua maioria, vão como quem vai para o açougue. Os jacobinos chamam-lhes, por aí, *cabides de farda*. A ida de forças para a França salvará a República? Ainda hoje Junqueiro me dizia, no Porto, que depois da vinda ao Tejo dos navios ingleses e franceses a situação internacional da República é melhor.

– Vou passar alguns meses na Barca de Alva, a escrever um manifesto sobre a República. Desde o dia 5 de Outubro que está tudo errado. Eu bem dizia ao Bernardino que tivesse cuidado com a lei da separação... Mas ele queria agradar aos radicais e ser mais radical que o Afonso. O Bernardino é assim: a sua afectuosidade não é uma mentira. a sua bondade não é uma mentira. Mas é político e sacrifica tudo às suas ambições. Há muita gente que supõe que eu tenho alguma influência no Bernardino. Tenho, quando precisa de mim. Basta dizer-lhe isto: ando a pedir-lhe, há seis meses, que nomeie para a minha terra outro administrador de concelho. O que lá está é um sicário. Prometeu-me que seis dias depois de fechado o Parlamento punha lá outro, escolhido por mim. – Dás-me a tua palavra de honra? – Dou-te a minha palavra de honra. – O Parlamento está fechado há quatro meses... Nunca mais lhe falei nisso. Tenho vergonha. Para restabelecer o equilíbrio político até mente... Este ministro da Justiça é um homem de bem e duma grande elevação moral. Achou que devia modificar a lei da separação, que Bernardino também entende que precisa de modificações. Todo o conselho de ministros era da mesma opinião. Houve um único voto contra. Sabe de quem? Do Bernardino – porque o França Borges se opôs. E com isto vai visitar o cardeal Belo! Eu já lhe disse: – Ó desgraçado: que foste tu lá fazer? Foste levar-lhe a chave da casa de onde o expulsaram? Foste lá atascar-te em merda. – Vou-me embora, vou para a aldeia escrever o que tenho a escrever, sem ataques nem alusões pessoais, sobre esta República que falhou. E veja, veja! Agora, se alguma coisa havia a fazer, agora com a guerra, era: primeiro, salvar a honra e a dignidade do País; segundo, dar o menos que pudéssemos dar – e tanto mais que a Inglaterra apenas nos pedia material de guerra – desviando para a África as nossas forças. Estas coisas conduzem-se... Pois vamos mandar para o *front* 25 mil homens, e depois outros 25 mil, que nos vão custar milhares de contos. É a miséria... Foram eles que conduziram isto assim– se é que não ofereceram os soldados. Veja o que o Camacho tem escrito. Não é de crer que, antes de uma resolução definitiva, se não tivessem consultado os chefes de partidos. E é esta a situação da República, é esta a situação do País, onde, há meses, quem sustentava o pendão de Nun'Álvares era – quem? O Homem Cristo filho, que passava, Chiado abaixo, Chiado acima, de luvas amarelas e polainas. A República, que depois da visita dos navios estrangeiros, depois de se ver livre dos seus inimigos internos, a República, que estava caída e se levantou agora com a guerra –tem, porventura, mais vida?...

E, vendo a mulher entrar no salão do Hotel do Porto:

– Aí está a minha santa! Um dia, na Barca de Alva, apareceu-me um almocreve, destes que vendem azeite e compram aguardente. Ela foi-lhe vender a aguardente bagaceira e, à saída, o homem disse-me:

– A sua mulher, senhor doutor, é um pedacinho do céu.

Dias depois afiança que, se o Afonso Costa morrer da queda (que deu ao saltar do eléctrico, com medo a uma bomba), ainda é pior: recomeçam os ódios e é o fim de tudo. – A nossa situação interna é péssima, a externa é um pavor. A Inglaterra olha para nós

como para uma pescada podre. A questão da guerra tem sido dirigida por maus ou por tolos. O próprio Freire de Andrade não passa dum general de jesuítas. Quanto ao Bernardino, quando se tinha conseguido, a contento de todos – e da Inglaterra –. que fizéssemos a guerra só na África, opôs-se ele... Foi ele quem teimou na nossa ida para o *front*. Agora, se qualquer dia morre o Afonso, vem a anarquia, e o Exército cuja maioria é monárquica, faz a restauração. Nem o António José, nem o Brito Camacho, nem o Bernardino se podem entender.

Seria realmente o Bernardino que teimou que fôssemos para o *front*, mas quem lhe matou o bicho-do-ouvido foi o João Chagas, a ponto de se dizer, em Lisboa, que recebia uma libra por cada soldado que partia para França – o que era falso.

Os homens falharam. Os melhores, talvez, estão, de há muito, afastados, como o Bruno, na sua biblioteca, ou o Basílio Teles, em Matosinhos. Ontem, dizia o João Novais que o Basílio estava com fome.

– É possível – diz Junqueiro. – O Basílio é um doido e um megalómano. Têm-lhe oferecido tudo – aceita tudo a prazo. – Estou a acabar um folheto e depois vou salvar o País. – Quando chega a ocasião, receia, porque se reconhece incompetente. Junte a isto um orgulho formidável.

Mas os monárquicos estão na mesma. Não se entendem. Duma conversa com o Alberto Pinheiro Torres (Agosto, 1915) concluo:

Primeiro, que D. Manuel, mais de uma vez, tem recomendado aos seus correligionários que estejam quietos; segundo, que, apesar da lei da separação, o espírito religioso do País (?) não se altera (veja que não há uma revolta!); terceiro, que, efectivamente, o Pimenta de Castro pensava em consultar o País sobre se queria a República ou a Monarquia.

– Com um movimento que devia ser regionalista ganhávamos a partida, pela certa, mas o Moreira de Almeida, hoje mal visto pelos monárquicos, e o José de Azevedo, que, em política, é incompetente, sempre da opinião da última pessoa com quem fala ou do último livro que lê, deitaram tudo a perder... O 14 de Maio fê-lo *O Dia*, fizeram-no os monárquicos, e quando o Pimenta de Castro se viu atrapalhado, não lhe pudemos dar um homem, um só!

Sombras. O Pimenta de Castro foi também uma sombra e mais nada. Depois de ouvir depoimentos deste e daquele sobre o 14 de Maio (Janeiro de 1916) conclui-se que o Pimenta de Castro era muito pouco inteligente e germanófilo, sem dúvida nenhuma. O António José de Almeida conta-me que o foi procurar nas vésperas do 14 de Maio, para lhe dizer o que se projectava.

– Não acredito: deixe-os vir para a rua e verá!... Corro-os!

– Mas olhe que muitos correligionários meus estão também desagradados e eu ver-me-ei forçado a retirar-lhe o meu apoio.

Era o mesmo. Sorria com superioridade. Contava com o Exército. Viu-se. O que se sente de real é a tendência da grande parte do Exército contra a guerra no *front*. Os oficiais querem combater na África – e os democráticos exigem-lhes que vão para a França.

Os soldados dizem (Junho de 1916): – O que não temos é quem nos dirija. – Mas a parte viva de Lisboa e Porto, esta população irrequieta, sempre pronta para todos os sacrifícios, e que, inconscientemente, talvez, concebe uma pátria – essa impõe a guerra na França. Querem-na também os democráticos. Mas os outros, os que antes querem que isto se perca do que se salve com a República? Às escondidas, distribuem-se versos, papelada, e o boato, que se não sabe donde parte, resolve toda a lama corrosiva. – O que eles querem é salvar a dinastia do Afonso Costa. – Os mandões estão ricos. – Fulano ganha 40 contos por cada carregamento de vapor ex-alemão. – Sicrano já comprou a

casa onde vivia.

A lama sobe. De Nórton de Matos, que vive com a maior simplicidade, diz-se que tem centenas de contos, e um dia destes um sobrinho de Guerra Junqueiro afirmou a este: –Posso garantir-lhe que o António Maria da Silva está riquíssimo. – Isso deve ser mentira. – É absolutamente verdadeiro.

– O Junqueiro, para se tirar de dúvidas, procurou um camiseiro célebre do Porto, que lhe disse: – O António Maria da Silva está riquíssimo. Está tão rico que eu, noutro dia, quando fui a casa dele e vi aquele mobiliário e o esplendor em que vive, estive vai-não-vai para lhe perguntar se queria que lhe emprestasse duzentos mil réis.

O verdadeiro e o falso correm de boca para ouvido neste cenário de fealdade que é a República.

– Fui a Lisboa e descompu-los – diz Junqueiro. – Na Câmara, um deputado chegou-se à minha beira, oferecendo-me a tribuna do corpo diplomático. – Está enganado, já não sou senão um simples lavrador do Douro. – E rematou:

– Que impressão! Quem passava e enchia os corredores da Câmara, a dominar tudo aquilo, era o visconde da Ribeira Brava!

Com a guerra poucos se importam. A grande maioria do País vive alheada. Ao lado da camada indiferente há outra –como hei-de dizê-lo? – que rejubila com o triunfo dos alemães e até com o último desastre em África. São os monárquicos, com algumas excepções. Há-os que, a propósito do bombardeamento do Funchal, exclamam: – Foi uma boa ensinadela; era preciso fazer o mesmo a Lisboa!... E damas *talassas* rezam pela vitória dos alemães, enchendo as igrejas de Lisboa, à hora da missa, o que as não impede de dizer:

– Oh, meu Deus: estamos mortas que venha a Monarquia, para acabar com esta maçada de ir à missa aos domingos!

As tropas lá vão embarcando para a guerra, quase em segredo, e com as garantias restabelecidas. Parece que em Santarém alguns oficiais se recusaram a marchar – mas soldados, cabos, sargentos, o major Magalhães e um oficial miliciano, quase todo o regimento, desfilaram, enquanto as mulheres do povo atiravam com esterco à cara dos oficiais do 34, que vieram sob prisão para Lisboa, defendidos por uma escolta da Guarda Republicana. Em conselho de ministros foi proposto que os oficiais comprometidos no movimento Machado Santos e os que se recusaram a partir marchassem para a guerra como simples soldados. O António José de Almeida opôs-se. Mas os boatos não cessam... Que se insubordinou um regimento; que Artilharia 1 já está na Rotunda... Os submarinos alemães meteram no fundo, a 20 milhas do cabo da Roca, dois vapores e um lugre português. A cidade, quase às escuras, vive na iminência dum saque. As lojas fechadas e tipos suspeitos escoando-se rente às paredes... Ali ao pé da Mouraria, uma escadinha com uma luz de petróleo e uma mulher de bata branca, encostada a um poste. Em frente do Coliseu, o Clube dos Patos, com jogatina e mulheres. Toda a noite se joga. Automóveis à porta. Vai-se para lá de casaca. Um amador de estatística afirma que as casas de tavolagem, em Lisboa, são quarenta e quatro.

O ponto de interrogação é este: consegue-se meter a bordo as forças destinadas à Flandres? Um nada e tudo pode cair por terra... Estes dias mais próximos são dramáticos – para republicanos – para monárquicos e até para quem, como eu, sob as aparências, vê o jogo incessante de interesses e paixões, o medo da morte, e a teia emaranhada da vida. Corre que, a bordo, os oficiais se recusam a partir. Da janela do Ministério das Colónias vejo o rio turvo sob o céu baixo e turvo, e o rebocador onde o António José vai pregar à tropa, a convencê-la. Isto irá descambar em tragédia, em

gritos, desespero e apupos?

Um, nos tantos por cento dos leilões alemães, ganhou cem contos. Toda a gente se irrita. Ninguém se importa que os outros percam tudo. Um banqueiro pode roubar-nos à vontade que a turba aperta o casaco e diz com certa satisfação: –«Que não fosse tolo!» – Mas, vê-los enriquecer à nossa vista, não se tolera.

Os oficiais que vão para a guerra perguntam: – «Mas ir morrer para quê? para isto?» – E os soldados escreviam nas barracas de Tancos: – «A Verdun não vai nenhum.»

Dizia na nossa mocidade o Barreira, que conheci sempre com a mesma capinha, comprando móveis antigos e escrevendo de dez em dez anos um artigo sobre caixas de rapé, estas frases profundas: – «Vocês verão!... Vocês não querem fazer a República (referia-se à tropa) e mais tarde hão-de querer um assunto para um romance ou um drama e não o hão-de ter.»

Acertou. Somente, o Barreira é deputado, é da Companhia das Águas, é da Academia de Belas-Artes, é do Curso Superior de Letras – e o drama, e drama que farte, roemo-lo nos...

SIDÓNIO

Dezembro, 1917

Golpe de magia. De um dia para o outro cai o Afonso Costa, foge o Alexandre Braga e todo o cenário se transforma. Quem manda é o Sidónio. Outros interesses e mais ódios. Pela primeira vez o povo de Lisboa, que defendeu os bancos em 5 de Outubro, aproveita a ocasião e assalta as lojas. A casa do Afonso Costa é saqueada e os *appartements de plaisir* do grupo a que chamaram a casa militar do Afonso. Uma senhora conta:

– Estava tudo à janela, parecia uma procissão. O Afonso Costa e o irmão moravam no mesmo prédio. De quando em quando vinha um móvel à rua. Apupos. Risos. Dizia-se nos grupos que as pratas tinham pertencido ao Paço – e que a mulher do L. deixara na roupa, ainda visíveis, as marcas dos reis...

Uma peixeira fugia com um candelabro – e já outras bichas se preparavam para mais assaltos.

O Afonso foi preso no Porto. Regressara de Paris e eslava a jantar no hotel com os amigos quando o preveniram. Os soldados cercam a casa. Fugiu para a cave e de lá para o quarto do Feijó. A Polícia entrou e uma dama *talassa*, que estava com outras nas escadas, fez sinal aos soldados, apontando para os andares superiores, O Afonso Costa tinha-se metido num guarda-fato, mas alguém lhe disse que era mais digno deixar-se prender. Quando desceu as escadas, entre soldados, as mulheres, em fila, davam palmas

A saída foi dramática. Ruas escuras. As sentinelas perguntavam: – Quem passa? – E a escolta marchou em acelerado até ao quartel-general, com o Afonso Costa e o Augusto Soares no meio.

Diz-se que o general se tinha comprometido a ficar neutral, depois de uma conferência de duas horas com os oficiais. Quando o Afonso Costa lá chegou: – Então o general manda-me prender? – Por ordem da Junta revolucionária – disse logo, do lado, o oficial que fizera a prisão. A transferência para Leixões fez-se de noite: um automóvel e cavalaria com as armas aperradas. Em Leixões tudo apagado – e o barco de guerra à espera. – Quem vem? – Os presos. – Entrem.

– O preso Augusto Soares. – Entre. – O preso Afonso Costa.

– Entre. – E liam a lista à luz dum lampião...

Isto é o que contam os monárquicos do Porto, com uma esperança secreta de que amanhã pode ser realidade...

É que toda a gente está farta dos políticos. Segundo o Carvalho Mourão, as roubalheiras eram tremendas. Um país a saque. No Ministério da Instrução, que é o ministério onde se pode roubar menos, os desperdícios eram tremendos na propaganda Pina, etc. Na guerra, diz-se, é pavoroso. O general X... fez uma fortuna em arreios. No Ministério da Fazenda havia um carimbo com estes dizeres: *Despesas sem documentação*. Na província, o mesmo ou pior... A., do Porto, que não tinha onde cair morto, tem hoje uma fortuna de cem contos; um tal J... está rico – e por aí fora, sempre as mesmas negociatas e o mesmo saque. A fortuna dos A... fez-se em contrabando. Tinham um processo, na Alfândega, que nem o próprio José Luciano, de quem eram correligionários, se atrevera a abafar – o mais que fez foi adiá-lo. Pois, agora, B... não só resolveu o processo a favor deles como os ilibou de toda a culpa, passando-lhes uni atestado de bom comportamento. Por que preço?...

Mas, pergunta-se: os democráticos e os políticos deixam-se espoliar pelo Sidónio? Já ontem, às cinco horas (8 de Janeiro, 1918), subia o Chiado um regimento. Vinte

passos à frente, o Machado dos Santos, de cara rapada, sorumbático, e atrás dele, franzino e olhando de lado, o João de Deus Guimarães. Tiros lá para o rio. Os marinheiros revoltaram-se. Cerram-se os taipais a toda a pressa e às dez, onze horas, começam as descargas no silêncio da cidade mergulhada em trevas. De manhã é o canhão que fala. A fuzilaria dura até à uma hora. Andam soldados, em bandos, armados pelas ruas quase desertas. Mas, logo depois dos tiros, Lisboa, já habituada, sai para a rua. À noite enchem-se os animatógrafos e os teatros.

18 de Janeiro, 1918

O Sidónio chegou hoje do Norte. Teve uma manifestação imponente, como nunca vi fazer aos reis. Vivas, palmas, toda a gente na rua. São principalmente as mulheres quem o aclama. Nas janelas há risos e lenços a acenar. Sente-se que esta ovação é, ao mesmo tempo, uma pateada ao Afonso Costa, escorraçado, preso em Elvas, e que, como um fantasma, não sai do fundo do quadro. Diz-se que afirmou aos seus amigos:

– Eu tenho 40 anos; hei-de viver até aos 70. e basta-me um mês... Basta-me um mês.

E o Moreira de Almeida, que rejubila, diz-me:

– É fatal; isto não se segura, e, de tombo em tombo, cai na Monarquia. – Todos os conservadores, a província em peso, estão com o Sidónio. Saem procissões. O pior é que a vida é cada vez mais difícil, e até nas aldeias aparecem pasquins: – «A fome não tem lei. Lembrem-se da Rússia.» Ali, em Lordelo, perto da minha freguesia, as crianças sustentam-se de talos de couve. Nunca vi, na aldeia, o pão vender-se a mais de mil réis a rasa. Custa agora três mil e quinhentos. E não há. As mulheres vão buscá-lo para as bandas de Fafé ou de Vieira, e vêm com os taleigos à cabeça, através dos montes. Às vezes assaltam-nas. No Porto, o tabardilho – e a gente pobre das ruas atira com o piolho a quem passa ou para dentro das casas, dizendo: – Os ricos também hão-de morrer! – É que nunca se viram tão grandes fortunas – nunca se enriqueceu, como agora, de um dia para o outro, quando há fome em muitos lares e aldeias em peso emigram para o Brasil. No outro dia, em qualquer terriola do Douro, fecharam as portas e abalaram com as trouxas – homens, mulheres, velhos e crianças. E o padre, ao vê-los passar, disse, num pasmo: – Ah, vocês vão todos?... Então esperem aí que eu também vou...– E foi. Deu volta à chave da igreja e foi.

14 de Dezembro, 1918

Morte do Sidónio. Outro assassínio!⁵

Estava exausto. Nas vésperas do assassínio chamou o Pinheiro Torres ao camarote do S. Luís para lhe agradecer não sei que discurso nas Câmaras: – Não me levantem dificuldades! Não me levantem dificuldades! – Não podia mais. Só os nervos o mantinham de pé. Noites a fio não conseguiu dormir.

Era uma figura alta e distinta, adorado pelas mulheres – e que não conseguia passar

⁵ Papéis espalhados em Lisboa:

A Ordem, de 16 de Dezembro de 1918, baseada em informação de fonte oficial autorizadíssima, como dizia, publicava o seguinte:

Segundo corria ontem com insistência, fora recebido em Lisboa um telegrama prevenindo o governo de que numa reunião realizada em Paris, na Rua Cadet, sede do Gr.^o Oriente Francês, e à qual assistiram mações portuguesas, se decretara o assassínio do sr. dr. Sidónio Pais.

sem saias à sua volta. Duma vez, um ministro (talvez Tamagnini Barbosa) foi a Sintra com papéis urgentes Para' ele despachar. Esperou duas horas que o recebesse – e ao entrar ainda viu a saia desaparecer por uma porta. Adoravam-no. Adoravam-no porque odiavam o Afonso Costa – adoravam-no por causa dos padres e da religião – adoravam-no como um Messias e alguns meses depois da sua morte tinham-no esquecido...

Não sei se pressentiu o fim. Sei que Osório de Castro contava que, logo depois do primeiro atentado, Alfredo de Magalhães se levantara em Conselho de Ministro, dizendo que era preciso, de qualquer maneira, defendê-lo e protegê-lo. Ele ergueu-se, pondo a um lado, sobre a mesa, uma pistola de cabo branco, de marfim, e, esguio e firme, só disse d'alto:

– Quem me dera que me matassem!

Havia nele uma distinção que os outros não tiveram; não sei o quê, que atraía os homens e principalmente as mulheres – desprendimento de si próprio, arrojo, amor dos humildes (todos os pobres de Lisboa o choraram e eles bem sabem porquê). Metade príncipe, metade *condottiere*, seduziu, passou como um relâmpago e não deixou vestígios, porque a força que um momento o ergueu até ao alto, se não era fictícia, desapareceu ao primeiro sopro. Os monárquicos só podem desejar a Monarquia – e ele teve a existência que têm sempre os homens que procuram conciliar forças adversas. Duram um momento. Desaparecem num momento.

A nevrose colectiva, depois de ele morrer, atingiu o auge. Já em vida as mulheres o adoravam até ao ponto de o rodearem numa exposição de pintura, tocando-o a medo, como a um ídolo.

Choraram com muito mais amargura aquele luto que o luto de pessoas de família. Deram-se factos como este: gente beijava as rodas do carro que transportava o cadáver. Na exposição do corpo, na Câmara Municipal, uma bicha enorme, uma bicha a quatro de largo, prolongava-se pela Rua dos Capelistas, ascendendo até ao catafalco. De repente, um grito:

uma mulher, ou um homem, desmaiava diante do féretro, e então, *quase à mesma distância*, de dez em dez passos, os desmaios sucediam-se sob idêntica descarga eléctrica. Outros tinham nos Jerónimos *bilhete permanente* e iam lá visitá-lo todos os dias. Mas este frenesi, desde que atingiu o auge, diminuiu rapidamente e sumiu-se quase sem deixar resquícios. Do grande partido que apoiava o Sidónio ficaram, dum dia para o outro, meia dúzia de pessoas.

22 de Dezembro

A toda a hora se espera outra revolução em Lisboa. A toda a hora. As ruas andam patrulhadas e afirma-se que a marinhagem, descontente, qualquer dia se lança outro 14 de Maio...

Atrás dum movimento conservador prepara-se sempre um movimento jacobino. Ódios e mortes. Foram os filhos do marquês de..., com soldados e monárquicos, que escacaram o *Mundo*, no tempo de Sidónio – é um grupo de civis armados que ataca a casa do marquês de Ficalho, para o prenderem. Pavor. As senhoras recuam para o fundo da sala. A marquesa aperta o filho ao colo e o marquês, abrindo os braços, adianta-se:

– Prendam-me, matem-me! Façam o que quiserem, mas não façam mal aos meus!

A multidão invadiu o palácio. Alguns civis levaram o marquês. As senhoras e as criadas fugiram, desorientadas – ao mesmo tempo que iam caindo à rua, atirados pelas janelas, os móveis, os quadros, os contadores e os trapos. Em pouco mais de uma hora todo o recheio da casa Ficalho tinha desaparecido e pelas tabernas próximas ofereciam-

se, por todo o preço, sedas, anéis e jóias. Vendeu-se um rico bule de prata por três tostões...

Não mataram ninguém. Um marinheiro contava, horas depois da revolta triunfar:

– Nós tivemos todo o cuidado em fazer o menos mal possível; os nossos oficiais estiveram a ter mão, porque se fôssemos a fazer fogo a valer reduzíamos aquele alto de Santa Catarina a um montão de ruínas. Nós o que queríamos era ver se espantávamos a artilharia que lá nos estava a atacar.

Cunha e Costa teima, na *Época*, que Sidónio não era germanófilo. Ainda a 15 de Julho de 1919 transcreve, da *Situação*, um artigo de Egas Moniz, que foi subsecretário dos Estrangeiros com o Presidente:

O dr. Sidónio Pais foi o maior e mais desvelado amigo que até hoje teve em Portugal a Aliança Inglesa. Digo-o com desvanecimento para a sua memória, porque nem outra política nos convêm nem outra saberia fazer desde que senti a meu lado a Inglaterra, nas horas amarguradas que passei na Conferência da Paz.

O que afirmo é a estrita verdade dos factos.

Pode-se discordar de obra do grande Presidente, porque não foi perfeita, mas não há o direito de tocar, de leve que seja, na sua excelente orientação de política externa e menos ainda no seu carácter e na sua honra, que pairam muito alto, tão alto que não podem roçar-lhe as asas dos morcegos.

Isto é uma das faces da verdade – mas não é a verdade. Seja o que for, diga-se o que se disser, foi o sentimento germanófilo que lá o colocou com entusiasmo, e o sentimento conservador, monárquico e germanófilo, que lá o manteve. O 33 acompanhou-o á Rotunda para não ir para a guerra. Com toda a facilidade, os oficiais que vinham de licença e não queriam voltar ao *front* ficavam em Portugal. Não digo que ele não estivesse ao lado da Inglaterra – não podia deixar de estar – mas só com ele foi possível desenvolver-se o espírito, a atmosfera e a má vontade, enfim, dos que protestavam contra a guerra. Com ele faltou também a estabilidade ao corpo expedicionário – que se sentiu abandonado. Por último, as forças de primeira linha nem sequer eram rendidas. Desapareceu a mola persistente e oculta, que teima e consegue... Faltou o entusiasmo. Faltou o homem. Afirma Cunha e Costa que Sidónio quis mandar forças para o *front* e os ingleses não quiseram. Pudera! Era já então a «organização» que eles tinham visto. Havia soldados que se metiam num buraco com as armas, para não marcharem para as trincheiras. A desmoralização chegara ao auge. Organiza-se o bando, comandado por um alferes miliciano, conhecido pelo *Mão Fatal*, que chegou a fazer fogo sobre os oficiais. Que demonstra isto? Falta de continuidade de esforço – falta de espírito militar. Os ingleses fuzilavam soldados e oficiais por dá cá aquela palha. Os nossos, quando tiveram de fuzilar um homem (provavelmente inocente), adoeceram... O juiz morreu de apoplexia – o que só o honra. A impressão geral era de abandono. Foi assim que se tornou possível o desastre.

O 5 de Dezembro foi um erro, um dos maiores erros da política contemporânea. Se se persistisse mantendo na ordem os defectistas; se o Exército, que se batia, não tivesse logo o mesmo pensamento que Clémenceau (uma revolução, nesta altura, só pode ser feita a favor dos alemães); se, nas almas, outro fantasma não se levantasse, derrancando-as, o desastre de 9 de Abril e o que se seguiu, que foi pior, talvez se evitasse...

De resto, Sidónio podia ter sido tudo o que Cunha e Costa escreve. Que importa! Os homens, na situação do Presidente, não são o que eles querem – e Sidónio foi a

bandeira dos monárquicos, dos germanófilos e dos defectistas.

Que vai suceder? E Junqueiro responde: – A isto que ai está sucede o bolchevismo. E como o bolchevismo, no nosso povo, é inconsciente e não intelectual, como na Rússia – ao fim de um mês, que é o que pode durar, temos uma espada imposta pelos conservadores. – E acrescenta:

– Todo o País está de alto a baixo preparado para o saque. Até em Trás-os-Montes, até no Minho, os povos não pensam senão no saque.

E o António José:

– Qualquer dia temos aí um espada!

Um grito abala neste momento em que revejo as *Memórias* (Dezembro, 1928) a indiferença geral, sacudindo até à dor os nervos dos que esperam os acontecimentos prestes a desabar. É o grito duma viúva que viu arrancarem-lhe dos braços o marido, para fuzilarem, e que brada: – Assassinos!⁶ Nunca mais conseguem calá-la, nunca mais apagam a imagem desta mulher, que é dor extreme e que pela dor abala os vivos e os mortos.

Tudo se paga?, pergunto, baixinho e a medo. Ódio. Tem sido sempre o mesmo ódio. O ódio que vi proclamado por Moreira de Almeida, nestes termos: – Tenho-lhes ódio! tenho-lhes ódio! – E como lhes observasse que para se voltar à Monarquia era preciso matar quinhentas pessoas, respondeu logo: – Matam-se. – O ódio que vi nos republicanos, de pistola no bolso, para matar, ou de carabina em punho, nas noites do *República*, quando o jornal estava para ser assaltado pelos democráticos. O ódio do João de Freitas – e o ódio dos que o mataram. O ódio que encheu de sangue o Terreiro do Paço no dia trágico que nunca mais esquece. O ódio a que Sidónio sucumbiu e que ia matando Camacho e Magalhães Lima (*Luta*, 25 de Dezembro, 1928). De toda a mentira avolumada se formou a atmosfera de morte. Alto como o grito desta mulher, se prolonga, ecoa nas nossas almas! Nunca mais conseguirão calá-lo. Quem me dera apagar a pavorosa fotografia de Machado dos Santos fuzilado, que *O Mundo* publicou, e as figuras do rei e do príncipe, que não me saem dos olhos!...

Houve um momento curioso na marcha da República – quando a Guarda, que os governos tinham engrandecido para os defender – se pôs de lá a mandar, com a artilharia. os canhões modernos, o Liberato Pinto, de óculos, a dar leis com o Grupo dos Treze. Momento extraordinário, em que se não previa em que aquilo ia parar – momento a que o 19 de Outubro pôs, como ponto final, a mãozada de sangue. Nunca tinha sido possível a ninguém governar com as púrrias civis ou militares: um dia, lembro-me bem, o pobre do Fernandes Costa foi incumbido pelo António José de formar governo – e logo, no acto de posse, a púrria desceu o Chiado aos gritos de – Morra o Papa! e correu com o Fernandes Costa com doestos e cascas de batata, nas barbas do esquadrão da Guarda – que ficou impassível. Aquele governo tinha durado cinco minutos. Vi o homem, enfiado, meter-se no automóvel, com a pasta debaixo do braço... Agora, era a Guarda que se impunha. Isto desde o 5 de Outubro que tem sido uma série de pronunciamentos da tropa que sai ou não sai, porque não é preciso, dos quartéis. Os governos não valiam um cigarro. Demais, corria e era certo – ter chegado a ocasião de desarmar essa força tremenda – um exército maior que o Exército – acampada em Lisboa, dominando a cidade e o País. Toda a gente dizia que a Guarda se ia revoltar.

A atmosfera era de terror. Na véspera desse dia sangrento, António Granjo, tipo hercúleo, com uma face taurina, misto de bonomia e de vulgaridade, que dias antes

⁶ BERTA MAIA, *A minha entrevista com Abel Olímpio «O Dente d'Ouro»*. Ver, sobretudo, cuidadosamente, o que diz Gastão de Meio de Matos, oficial de Artilharia com o curso de Estado-Maior.

dissera a Junqueiro (ia não sei para onde, de *smoking*, sorridente): – Para os senhores, o futuro, para nós (a política), o presente! – estava em casa do Presidente da República. «Insisti com ele – contou-me António José – para que tivesse cuidado com os acontecimentos, que me pareciam sérios. Estava de cama, doente, e ele, com aquelas grandes mãos de cavador, aconchegou-me a roupa, com ternura, dizendo: – Durma descansado. Eu sei tudo. Isto não vai passar duma *bagarre* nas ruas, verá! E foi para a morte.»

Depois veio a noite infame, onde, além dos actores visíveis, dos marinheiros e dos soldados, dos bonifrates que actuaram entre gritos de loucura, entrou outro actor tremendo, do qual não pudemos mais desviar os olhos – e que não devia fazer parte da peça. De tarde, aquele desgraçado via os homens porem-lhe cerco como a um bicho e o seu suor era já de agonia. Via-os aproximarem-se – ouvia-os falar na escada do prédio onde se refugiara. Veio depois a noite e eu tenho a impressão nítida de que a mesma figura de ódio – o mesmo fantasma para o qual todos concorremos – passou nas ruas e apagou todos os candeeiros. Os seres medíocres desaparecem na treva – os bonifrates desapareceram: só ficaram bonecos monstruosos, com aspectos imprevistos de loucura e de sonho, que na camioneta fantasma procuravam as suas vítimas. Noite de chumbo. No quarto andar da Rua da Madalena, a sombra esmagava-me o coração, reduzindo-o a cisco. Na taberna em frente a mesma música reles de todas as noites não cessava de tocar num realejo a que o galego dava corda... E a noite prolonga-se, sórdida e satânica.

A essa hora o desgraçado consumia a sua agonia no Arsenal, entre rugidos das bestas desencadeadas. – Sangrem-no como a um porco!

Outro é arrancado dos braços da mulher, que grita inutilmente, cheia de dor, pedindo piedade para o marido e o filho que tem nos braços. E a camioneta, onde os bonecos se agitam, percorre as ruas negras, alucinante e trágica. – Almirante, é a sua hora: vai ser fuzilado! – E a voz daquele ingénuo, que quis ser político, jornalista, revolucionário e vai ser, de encontro a uma parede, um farrapo humano a escorrer sangue por todas as feridas, responde: – Veja – diz ele para o bandido que lhe fala – que as minhas pulsações não aumentaram.

– Desça, almirante, que vai ser fuzilado!

– A minha casa – conta-me António José – guardava-a uma força. Mandei perguntar ao comandante que estava ali a fazer; respondeu-me que estava ali para me guardar – mas de alma e coração com os revoltosos. Passaram-se horas. Protestei contra os acontecimentos, reclamei pelo telefone aos que os dirigiam. Nada. A certa altura a força retirou-se, e daí a bocado telefonaram. Fui ouvir. Preveniam-me que acabava de sair do Arsenal um bando para me matar... Eu não tinha uma arma em casa. – E a noite seguiu o seu curso. Ninguém sabia ao certo o que se passava, mas todos sentiam o bafo do fantasma monstruoso. E calavam-se, e sumiam-se, mais pequenos do que ratos. Só a música reles ali em frente do meu andar, na taberna *A Cova Funda*, não cessava, até manhã, e – devo-o dizer – nenhuma outra me raspou assim os nervos e me pareceu mais bela e significativa do que a do realejo a que o galego dava corda – uma vez, duas vezes... – toda a noite...

Se todos nos quiséssemos ouvir, encontraríamos, talvez, dentro da nossa alma, a explicação da noite infame e compreenderíamos por que ela foi possível. Ódio, terror e o desconhecido. Andaram também metidos nisso políticos e, ao que se diz, até um padre – nas ruas são os personagens insignificantes que entram em todas as tragédias. Quem os mandou matar? – porque estas coisas nunca são espontâneas. De quando em quando, uma figura coloca-se no negrume – e logo o negrume a apaga. Alguém andou metido nisto. Talvez Deus também andasse metido nisto... Cada um terá a sua explicação – quase sempre pueril.

António José mais que uma vez me disse:

– Cada vez estou mais desconfiado de que o dedo de Espanha andou no 19 de Outubro....

Passados meses, já a Guarda tramava outra revolução... Assisti a algumas sessões cujo fim era dissuadi-la desse crime. Foi aí que conheci o heróico cabo de guerra Gomes da Costa, que tinha cabeça de galinha e era sempre da opinião da última pessoa com quem falava.

Se saía com os netos e um conto de réis na algibeira, gastava o conto de réis em bonecas. Este homem, que ganhou na missão à Índia centenas de contos, quando morreu foi preciso desempenhar-lhe a farda e as medalhas para o enterro. Um dia, o António Maria da Silva disse-lhe: – General, tenho de o prender, o general conspira. – Não tenho vintém. – E se lhe derem um governo? – Aceito. – O ministro das Colónias não quis. Nomearam-no, então, inspector das colónias do Oriente.

Generoso, valente, pitoresco, confundia tudo: o Norte e o Sul, o Este e o Oeste, o dinheiro do soldo e o dos Padrões de guerra.

ALGUMAS NOTAS E UMA VELHA SEM IMPORTÂNCIA

A vida modificou-se nos últimos vinte anos, primeiro com lentidão e, depois da guerra, num tropel que mete medo. Ninguém pensa hoje como ontem. Por último – já reparaste? – até as fisionomias se transformaram... Eu sou do tempo em que ser rico não era uma afronta para os pobres. A posse era um cargo às vezes pesado. Dizia-se – pobrete e alegre; hoje, só se é pobre com desespero. Na província que conheço, as palavras senhorio e fidalgo tinham quase a mesma significação. Muitos senhorios viviam com os caseiros e quase como eles. Estou a ver, daqui, as casas antigas, que mal se distinguem das da lavoura – as mesmas pedras denegridas, as mesmas janelas sem vidros, o mesmo lar enfumado, o mesmo celeiro escuro para guardar o pão.

As classes não estavam tão divididas. Hoje, o rico desconhece o pobre. Nunca se deu menos dinheiro aos asilos e às Misericórdias do que depois que o dinheiro anda a rodos. O que se acentua na vida actual é o egoísmo e a febre de gozar. Os ricos, através das gerações, eram sempre os mesmos ricos. O pobre não tinha visto muita gente, e da pior, enriquecer de repente. Perdeu a resignação – diz-me um padre da aldeia.

Onde vão as existências, interiores e recolhidas, que cumpriam religiosamente a vida? Desapareceram há anos ou há séculos? Só uma directriz se marca cada vez mais fundo – enriquecer e gozar. Enriquecer seja como for e gastar à larga, venha donde vier.

A vida de família, como nós ainda a compreendemos, já se transformou. A família dissolve-se. Um professor de Lisboa, falando-me dos rapazes que andam agora nas escolas, disse: – Os rapazes ainda lá iam... mas não encontram amparo nenhum em casa, nem no pai, nem na mãe, nem nos tios. É tudo a mesma mixórdia.

No outro dia, num noivado, a noiva, mostrando o enxoval, respondeu muito naturalmente a quem lhe perguntou para onde iam morar:

– Isso não sei. Nós vamos viajar três meses, durante a lua-de-mel, e depois, se nos dermos bem, alugamos casa; se não, divorciamo-nos.

Isto é um caso, dirão – mas este caso é típico.

A vida mudou de direcção. É o bolchevismo que aí vem? O que me importa e o que te importa é a minha consciência e a tua consciência. Ainda, é certo, certas fórmulas se mantêm, mas por quanto tempo? O ideal da vida já não é o mesmo ideal. Todos, até os mais isolados, vemos avançar direito a nós o fantasma desconhecido; e todos sentimos idêntica vertigem. Todas as consciências se modificaram. E nunca o espectáculo foi mais impressionante. Nunca as mulheres se despiram, como agora, com colares que valem uma fortuna. Um dia destes, na sala do S. Carlos, as jóias eram tantas que alguém as avaliou em cinco mil contos de réis. Num espaço de quinhentos metros, pelo princípio da Avenida, há vinte, trinta casas de jogo, toda a noite abertas. Alguém calculou que o número de prostitutas, na capital, era de vinte mil. E as outras? as piores? Os teatros transbordam, o dinheiro perdeu o valor (1921-1922). Todos caminhamos com febre – a febre de quem não confia no dia de amanhã. O dia de amanhã talvez não exista; o que existe são as grandes oligarquias políticas, económicas e financeiras; os grandes negócios, as grandes casas bancárias, onde, através de redes de arame doirado, o papel corre e transborda. Toda a gente enriquece dum dia para o outro e toda a gente gasta, gasta, gasta. Aqui há tempos correu notícia de bancarrota. Houve um pânico e as ourivesarias foram assaltadas para se empregar o papel em jóias. O jogo tomou uma importância capital nesta sociedade que se dissolve – a vida é uma roleta. E nenhum de nós se pode isolar do drama onde todos somos actores, mais ou menos forçados. Parece que é o Destino que nos empurra... Há momentos em que o homem sente atrás de si

outra coisa patente, imensa e patente. Cada qual é ainda um ser razoável, que discute e aponta o perigo, mas todos juntos resvalamos para o fundo como cegos.

Escuta-te no silêncio, só a sós contigo e com as realidades, por mais temerosas que elas sejam, atreve-te e verás a dissolução a que chegaram as fórmulas dentro da tua própria alma. A família de hoje é a família de ontem? O dever cumpre-lo agora como o cumprias há vinte anos?... Um professor da Universidade, meu amigo, foi a bordo dum paquete despedir-se dum rapaz por quem se interessava, que partia para a África, e disse-lhe com um sorriso irónico: «Enriquece, sobretudo enriquece... seja como for... contanto que se não venha a saber.» Disse-o com ironia, mas todos nós sabemos o que esta ironia pesa e o que vale a experiência da vida... – Contanto que se não saiba. De resto, o exemplo vem de cima, vem das classes chamadas superiores, que enriqueceram sabe Deus como. O grande comerciante P. ganhou este ano (1921) cinco a seis mil contos de réis. Foi ele quem deitou a perder um pobre tabelião provinciano, a quem aconselhou que rasgasse as folhas dum testamento... Todos os jornais celebraram, há meses, no dia da sua morte, a honradez do L., que toda a vida viveu amancebado com a irmã dum amigo com quem passava as noites. O importante é fazerem-se negócios, mais negócios, muitos negócios. Eu mesmo ouço dentro de mim a voz que me mete medo e que fala cada vez mais alto... Sinto que todos os laços que outrora me prendiam à vida se quebraram, a ponto de ficar desamparado. Em que fundamentos ou em que lei moral hei-de assentar a minha vida se, no fundo, bem no fundo, invejo os que triunfam?...

Pede-se um governo, um plano, uma força – homens implorando aos manequins que os salvem! São os políticos, muitas vezes, que pregam contra o jogo no Parlamento, que vão, à noite, deitar os dados na roleta. O R., que eu conheci, há dez anos, estudante pobre, roda hoje num automóvel como um carro de guerra; aquele médico de província, pobre e com uma família pobre, ganha hoje (1920) sessenta contos por ano como comissário do Governo em qualquer banco. O filho deste republicano histórico fez uma fortuna nas colónias, de tal maneira escandalosa que não pode lá voltar. Apontam-se a dedo políticos que ganharam muitas centenas de contos com negócios de arroz e de açúcar. Fulano, outro dia ministro e a quem o pai deixou no Ribatejo uma pequena herdade, que ele tem aumentado com terrenos à roda, campo hoje, campo amanhã, deu há dias um jantar na sua aldeia aos amigos. Festa rija, brindes, até que chegou a vez ao caseiro, brusco e ingénuo, que, de copo em punho, disse: – Senhor doutor, à sua saúde! E o que lhe digo, senhor doutor, é que é pena que Vossa Senhoria não continuasse por mais algum tempo ministro – porque acabava por comprar toda a freguesia!

Esta substituição duma sociedade por outra dava páginas balzaquianas – as mulheres, as casas, o grotesco, o drama e a tragédia... Aqui há tempos, as galerias atiraram moedas de cobre sobre os deputados, gritando-lhes: – Parasitas! parasitas! – O dobre a finados é o mesmo, dentro de cada um de nós, e a acção já ninguém a pode deter. Todos compreenderam que ela atingiu o auge e que já não está nas nossas mãos desviá-la ou demovê-la. Eu, pobre, tu, rico, caminhamos para o mesmo fim, como bonecos na mão dum autor escondido que puxa pelos cordéis.

Mas as classes superiores? A justiça? Conheço dez, vinte casos, cuja fortuna assenta numa primitiva infâmia. Conheço mil pobres com um vida digna de quem ninguém fez caso. O rico explora o desgraçado, já não há homem nenhum que não se sinta afrontado e que no íntimo não deseje que isto desabe... Só falta um passo. O que falta é exteriorizar a nossa alma. Essa sociedade anticristã, que aí está, não merece ser poupada: não só não crê em Deus como só crê na matéria e no gozo. Este homem não tem direito a um lugar na vida. A vida é uma coisa muito séria e ele explora-a. Sim, os pobres têm razão. É por isso que eu, e todos, sentimos a necessidade da catástrofe.

Tenho uma certa pena, uma certa saudade do passado, mas caminho com decisão para o futuro. Tu e eu, leitor, reclamamos a hora tremenda do Juízo Final.

Foi a guerra? Foi a grande tragédia que pôs diante de nós, como realidades, a justiça e a injustiça, a convenção, a mentira e, pior, o túnel negro onde se passavam coisas que não foram feitas para a gente ver e teimavam em nos reclamar? Foi a guerra que nos atirou, de repente, para um mundo que não nos estava destinado, para um clamor que já não ouvíamos, por hábito de não ouvir, mas que de noite, como um fantasma, vinha debruçar-se sobre as nossas almas – animalidade extreme e alma extreme – terror, acordar do medo, do inominado, num mundo confuso de espadalhões e de mentiras, num terramoto que foi remexer no fundo dos fundos e nos atirou para a ganância, para o amor do lucro e para um egoísmo maior? Se as almas puras se purificaram, as outras tomaram um expresso para a bestialidade. Ou foi a morte?

Mas não foi só a guerra. Aqui há outra coisa com que luto de balde e não sei explicar. Foi evidentemente a guerra – foi a morte. Foi a morte que se aproximou de repente de nós todos, dos desgraçados e dos outros e nos pôs o problema da vida como uma faca apontada aos peitos. A morte passou para o primeiro plano. A vida não valia nada e era o único valor que possuíamos. Só então demos à vida e à morte o seu verdadeiro valor e, por momentos, entrevimos outro mundo possível, diferente daquele em que sofriamos com uma cruz aos ombros, sem nos atrevermos a gozar a vida a plenos haustos.

A vida oculta destes bichos chega a meter medo. Nem todos os homens dão por isso, mas todos os homens representam, todos afivelam a máscara da mentira. Todos os homens sonham por uma necessidade inerente ao seu ser, todos acomodam farrapos da vida para fazerem um vestido que lhes esconda as vergonhas.

Vivemos numa atmosfera de interesses e paixões, que a guerra exacerbou. Poucos homens lhe resistem. Vi Junqueiro mentir, vi Junqueiro inventar para deprimir os seus inimigos. Vi os políticos mentirem e servirem-se do Exército e dos desgraçados para se instalarem no Poder. Vi formar-se e adensar-se a atmosfera de ódios e de interesses que gera os acontecimentos – tão carregada que já nem o Céu nem o Inferno podem com ela. Caminha por si e actua por si. É uma mentira? Que importa que seja uma mentira? Tem mais vida que todas as verdades juntas. Dir-se-ia que só as mentiras são capazes duma vida frenética, da vida que resolve, da vida que destrói e mata. As verdades são comezinhas. Só a mentira apaixonou os inúteis, o desgraçado povo só sentimento e inconsciência, os *ratés*, os que passam a vida a sonhar e a invejar e estão fartos de sonhos inúteis, os homens dos cafés, os púrrias, os ingénuos que sonham na felicidade universal...

Juntem a isto a influência da máquina – aeroplano e auto – a do desporto e a do cinema. Um dia, em Paris, eu vi, com algumas horas de intervalo, dois homens que representavam o espírito do passado e a ânsia do futuro – um despediu-se da vida, o outro teimando em conquistar a vida. Debruçado sobre a varanda do *Intransigent*, Rochefort, de pêra branca e gaforina branca, em penacho, olhava a rio humano que passava lentamente a seus pés. Esteve meia hora imobilizado. Parecia de pedra. Mas a tragédia não era essa: aquele homem brilhante, que às mulheres sacrificara o cigarro e todos os outros prazeres, sentia já a mão da morte pousada sobre a cabeça. Eu olhava de longe para ele, e nessa mesma tarde fui visitar, nos arredores, Santos Dumont e a sua máquina de voar. Trigueiro e magro, de figura insignificante, ele fez sair do *hangar* uma coisa que me pareceu infantil: canas e farrapos recortados sobre uma bicicleta, uma espécie de papagaio gigantesco, ridículo. Bem ou mal, a coisa fez pff! pff! e levantou

um voo atarantado, para logo cair por terra. Falei-lhe em português – respondeu-me em francês: – Teimo até à morte! – Mas nem ele, nesse momento, teria a visão exacta do que essa máquina, com o automóvel e o cinema, viria a produzir no mundo. Tanto como a guerra, mais talvez que a guerra. foram as máquinas que transformaram a nossa vida...

Houve um momento, quase a seguir à guerra, em que, pelo aumento do preço das coisas, a vida se tornou difícil para os jornaleiros. A pobre gente corria léguas à procura de pão e, caso impressionante, emudeceram todos os serviços do campo, que Eça de Queiroz disse que, em Portugal, se faziam cantando.

Nota curiosa: a paciência desapareceu. Quase todas a gente que conheço vive numa perpétua irritação.

Antigamente, no Minho, todas as mulheres do povo fiavam, e eu ainda cheguei a conhecer algumas senhoras que fiavam à lareira, com as criadas. Hoje é raríssimo encontrar-se uma mulher de roca à cinta. Os jornaleiros começaram a olhar com desconfiança os ricos. Pulularam as fábricas, que influíram nos costumes, na dissolução e na propaganda do ódio contra a classe exploradora. A carestia da vida chegou a equilibrar-se com o aumento dos salários, mas os sentimentos já se não equilibraram. Um jornaleiro ganha hoje (1920) seis mil réis de jornal, ganhava doze vinténs; uma rasa de pão custa este ano dezassete mil réis, custava seis tostões. A carestia da vida não pesa no operário, que vive melhor: pesa nos pequenos empregados e na pobre gente que não viu aumentados os seus rendimentos. Os lavradores estão ricos de papel. Vestem o mesmo fato, comem o mesmo pão e o mesmo caldo e têm amontoado fortuna com o vinho a trezentos e seiscentos mil réis a pipa. Os outros é que estão como aquela velha da anedota, que foi ao mercado comprar uma couve, com o seu chapeuzinho, conservado sabe Deus à custa de que trabalho e um vestido antigo e limpo já no fio.

– Quanto custa?

– Oito tostões.

– Oito tostões uma couve! valha-me Deus! E esta?

– Esta é mais cara: dez tostões.

– Que hei-de eu fazer à minha vida?!

E a grossa hortaliçeira, cheia de cordões de ouro, perguntou-lhe, compadecida:

– Diga-me uma coisa: a senhora não tem nada que vender?

– Eu não, eu vivo das minhas inscrições.

– Então, minha senhora, está perdida...

O que ela disse foi um palavrão.

A anedota não vale nada. Chega a ser idiota – e faz chegar as lágrimas aos olhos. O que marca, e é exacto, é o tipo destas pobres velhas com algumas inscrições quase inúteis, com hábitos ridículos, com ideias antidiluvianas, postas diante duma época nova e implacável que lhes surge de repente e as atira para o lado em frangalhos, sem piedade nenhuma. Lá vão os penantes, conservados com cuspo e lustro, as cuias de retrós que serviam durante uma geração, os oratórios, como tinha a minha criada, com céu representado por um papel sarapintado de estrelinhas. Lá vão, e isto dum dia para o outro, as bases duma existência que parecia indestrutível – e a pobre velha, com laçarotes no chapéu e a malinha na mão, não compreende nem pode compreender o que sucedeu ao mundo – sem caco que preste para nada – e no seu imenso desamparo não sabe onde há-de pôr os pés no inferno que nos surgiu ao voltar duma esquina.

Os vestidos ainda é o menos. O restante é que já não está à altura do presente. Não são só as inscrições a descer, são também as coisas que todos os dias encarecem (a mulher dum coronel de Artilharia, que lhe deixou um montepio dantes da guerra, recebe cento e vinte escudos, essa infâmia!). É a fome, as filhas e as netas, que estavam no costume de guardar, intactas, para o casamento e que se escapulem para o pagode.

Aquilo a que elas deram uma importância extraordinária (cuidado, menina! Olhe que os homens, etc....) passou – não tem importância nenhuma. O pecado sexual já não é pecado. Então que diabo é pecado? As que vêm agora para a vida ainda vão às igrejas e se benzem ao passar pelas igrejas, mas não resistem às tentações e entendem que não vale a pena resistir. Por isso estas velhas que encontro na rua me parecem fantasmas ridículos. Já não pertencem a este mundo. Têm rapado tantas aflições e tantas faltas de dinheiro, que se arrastam sem forças com o chapéu à banda. Dá vontade de as atirar, num último impulso, para a cova.

A MENTIRA

A verdade anda sempre escondida. Só o papel da mentira é temeroso no mundo. Porque é que Junqueiro, antes da morte, mas já perto da morte, me pediu para retirar das *Memórias* algumas anedotas que me tinha contado sobre D. Carlos? Não teve talvez a coragem de dizer desassombadamente que não eram verdadeiras, nem é fácil tê-la diante dos homens. Quantas vezes nos deixamos arrastar, fazendo um dito sobre um amigo, exagerando um quadro ou inventando um pormenor? Quem é que diz a verdade nua e crua? Todos compõem, cada qual segundo o seu interesse. Só com a verdade extreme talvez não fosse possível a política, a literatura e a própria vida. Junqueiro compunha sobre os Cristos da sua colecção e compunha sobre os vivos, amplificando o drama que fizera da sua vida e da vida dos outros. Junqueiro, como todos os grandes artistas, estava habituado a transposições. E às vezes transpunha com sarcasmo e talvez com ódio... Não o acuso. E não o acuso porque desço com terror ao fundo de mim mesmo e recuo. Pode-se ser um homem de génio como ele e mentir. Basta um pequeno interesse, basta a ambição, para às vezes deitar abaixo a arquitectura que parece de ferro dum construtor de frases como Junqueiro. Vi-o sempre defender com desinteresse a beleza. Nunca o vi mesquinho. Mas, ao lado de Junqueiro grande, há o outro Junqueiro, o que, quando considerou o Barreira arruinado, foi de noite, com uma carroça, buscar-lhe a casa, a toda a pressa, os móveis antigos que lhe havia vendido e que o Barreira ainda não tinha pago. E há pior, o Junqueiro que a política cegou até ao ódio. Quantas fantasmagorias criadas por este barbatanas que se dissolveu no éter com os seus sarcasmos e as suas composições extraordinárias e a que falta não sei o quê, talvez amor, para ser a maior figura do seu tempo! Será ele que me obriga a completar um retrato, que quero mais humano, talvez para mais o aproximar da minha alma... Chego a perguntar-me se é a mentira que nos salva da vida fétida e horrível... É a amplificação da vida que nos salva da vida, que de outra maneira ficaria reduzida a actos brutais de necessidade e instinto? Todos os homens mentem, a si e aos outros, e, às vezes, levam a mentira, como Junqueiro, a actos que metem medo. Todos os homens vão atrás dos fantasmas que criaram – em todos os homens há uma parte horrível. O que é extraordinário é que tenha havido um Deus capaz de nos amar até ao ponto de se deixar morrer por causa de semelhante macacaria.

João Saraiva, que assistiu à apresentação de Junqueiro a Mouzinho (II vol. das *Memórias*), protesta:

– É absolutamente falso que Mouzinho tenha dito mal do rei ao poeta. Só quem não conheceu o Mouzinho é que pode acreditar em semelhante coisa. Não só não disse como era incapaz de o dizer. Fui eu que os apresentei, no Hotel Central. Lá estava, também, o Gaivão, que assistiu a tudo.

VIDA MILITAR

Durante o tempo que fui tropa vivi sempre enrascado, como se diz em calção militar. Tudo me metia medo, os homens aos berros que ecoavam no quartel (era o Cibrão na secretaria); castigo para um lado, castigos para o outro; e as coisas negras, feias, agressivas, a parada, a caserna, as retretes. Levo para a cova a imagem daquelas retretes como uma das coisas mais infames que conheci na vida. O Inferno deve ser uma retrete de solado em ponto maior...

O Cibrão tinha esta ideia da tropa: – Na forma, ninguém mexe nem com a ponta do nariz; quando um soldado levanta uma perna, todos os soldados, ao mesmo tempo, levantam a mesma perna com precisão mecânica. Era um exército de relojoaria inútil, com alguns oficiais modestos e pobres soldados bisonhos, que atravessavam o quartel sem entenderem nada, como eu, e, como eu, aterrados. – Às armas! – era o Cibrão que entrava e tudo tremia nos seus fundamentos.

Depois da Escola fui colocado como alferes no 20, em Guimarães. Outra louça. Achei-me numa casa de campo sem conforto nenhum, mas a parada da guarda era às onze – entrada – e tocava à ordem à uma – saída. Meia dúzia de soldados no velho casarão negro e em osso, e oficiais a jogar o gamão, numa sala, ali encantados desde o princípio do Mundo. De quinze em quinze dias uma inspecção:

ficava-se no quartel, mas eu, como noivo, fechava os soldados à chave, metia esta no bolso e ia dormir a casa. Pior fazia o capitão Mandivi que, para meter uma mulher lá dentro, dizia à sentinela: – Sentinela, recolha que está frio. – Punha uma cadeira fora da janela, saltava a mulher e, de manhã, dizia novamente à sentinela: – Sentinela, saia que já não está frio. – Aprendi logo que o importante, na tropa, era o servicinho, e o servicinho consistia em escrever no relatório de inspecção estas palavras mágicas – *Sem novidade*. Aprendi à minha custa, porque um dia que mandei para o hospital (o médico Trigo ninguém o apanhava, sempre nas saias da Pavoia!) um soldado a escorrer sangue, a quem um cabo abria a cabeça com uma lata do rancho, foram elas! Atrapalhação. Auto. Gritaria. A amiga do cabo foi queixar-se à mulher do coronel, que me descompôs, indignado. – Reforme o relatório! – Reformei o relatório e, apressadamente, escrevi: *Sem novidade*. Jurei que não me metia noutra. Também percebi logo, aos primeiros meses de serviço, que aquela gente tinha medo de tomar a responsabilidade dos seus actos. Do cabo ao comandante, todos sentiam o mesmo horror da responsabilidade.

– Meu coronel, amanhã é domingo, peço licença para ir ao Porto ver a família. – Dou-lhe licença, mas, se acontecer alguma coisa, não tomo a responsabilidade. – Conhecidos estes dois fracos e com o almanaque do Exército na algibeira, a vida era cómoda e o futuro seguro: quem vivesse cem anos chegava, pelo menos, a major. Quer isto dizer que não houvesse oficiais excelentes? Certamente que havia. Havia-os, mas levavam ou uma vida ignorada ou uma vida dos diabos. Um comandante sério, digno, sabedor, que tive, logo no princípio da carreira (era um prático), foi reformado pelo Pimentel Pinto. Em Guimarães conheci vários exemplares de chefes curiosos. Um, pedia dinheiro, a torto e a direito, aos oficiais, aos sargentos e aos cabos, tendo começado por pedi-lo a um ministro estrangeiro, ao Assis Brasil (seiscentos mil reis ou um tiro na cabeça!). Outros não passavam de manequins, analfabetos e cheios de medalhas. Mas também convivi com oficiais simples, pobres e modestos. A melhor gente que conheci foi na tropa. Cito, por exemplo, o capitão Nascimento, da minha Companhia, vermelhaço, brusco, cumpridor até à minúcia e soldado a ponto de dizer: – Quando entro no barbeiro (só saía de casa para o quartel) e dou por lá com um paisano, até os cabelos da espinha se me põem de pé.

Levou uma vida de cão, de terra em terra, por querer cumprir o regulamento à risca Um dia disse: – Vou-me embora para outra terra. – Porquê? – perguntei-lhe. – Porque já conheço nesta três paisanos! – E foi. Fez exame para major e veio indignado de Maфра: – Aquele Vareiro... apresentou-me um problema a vinte fases! Vinte fases quando a Lua só tem sete! – E reformou-se. Quem entrava a sala dos oficiais dava logo de cara com alguns tipos esquipáticos, falando baixinho, pelos cantos. uns com os outros, ou debruçados, pensativamente, sobre o xadrez. Eram os índios, homens apagados, doces, que costumavam reformar-se em majores, e entre eles um, de pálpebra caída e ar de buda morto, conhecido pelo Mandivi, porque, se os rapazes falavam nalguma mulher bonita, logo abria o olho lúbrico, pedindo, enternecido, num português mascavado:

– Mandi-vi! mandi-vi! (mande vir). – Um dia foi fazer exame para major e não passou de andar com a tropa à volta do convento de Maфра: – Direita volver! direita volver! – No fundo, um espertalhão. Duma vez, um tipo a quem um soldado pregara calote, foi-lhe pedir que lhe cobrasse a dívida, aos poucos, nas ocasiões do pré. – Sim – disse ele –, mas se me deres metade. – O outro acedeu e esperou, até que o soldado foi empandeirado, depois de ter feito vários descontos para a dívida. Então foi ao quartel e pediu ao Mandivi: – Agora, o senhor capitão podia dar-me aquele dinheirinho... – Tu estás tolo – respondeu o outro, indignado. – Se eu nem cheguei a descontar a minha metade, como hei-de pagar-te a ti?!... – Ao pé dos índios, lá estava o pitoresco Infante, correspondente do *Janeiro*, a discutir o que sabia e o que não sabia, com o capitão Cartolinha, que tinha por timbre conhecer todos os regulamentos, todos os artigos, todas as leis militares, toda a escrituração, resolvendo num pronto qualquer problema militar que lhe apresentassem. Havia quem dissesse dele: – Comandado pelo Cartolinha, não me importava de ir para a guerra. Chegou enfim a guerra, já ele devia ser general, e todos esperavam do Cartolinha um acto extraordinário. Convidaram-no para ir para o *front* – Não! – Era a sua vez. – Não! – Pôs os pés à parede e não houve maneira de o convencerem. Na biblioteca, com o padre Fiúza, tão militar como os outros – e talvez mais –, o Vieira de Castro, aprumado, de luvas sempre brancas, mal sabendo ler e escrever, o excelente capitão Aragão, que vinha todos os dias das Taipas, numa burra, enramalhada de ramos de carvalho, e mais uma ou outra figura apagada e na sombra. Sonolência, as pedras do gamão chocando no tabuleiro e de quando em quando um toque de cometa.

Duas vezes por ano estes acontecimentos – a procissão de S. Jorge e a festa de 5. Torcato. Estou a ver-me na Oliveira, com o Flores a comandar uma companhia: – Abrir fileiras! Apresentar armas! – Era o simpático boneco que aparecia lá no fundo, em cima do cavalo, de lança, elmo e plumas, seguido por todas as alimárias que os fidalgos de Guimarães mandavam naquele dia para o acompanhar. – Marche! – Uma rua mergulhada em sombra húmida. Um zigiguezague muito azul lá no alto, entre os beirais. Chiada de ferreiros no céu e pelo chão punhados de funcho aromático, que exalavam mais cheiro calcados. As meninas debruçavam-se sobre as colchas de seda. – Marche! – A música a tocar e nós a rompermos, de espada alta, sorrindo para as janelas atrás do bonifrate.

Resumindo: eis alguns tipos de oficiais que conheci: 1º, o oficial modesto, apagado cumpridor dos seus deveres, com um pequeno soldo e uma vida difícil e honrada. Ninguém fazia caso dele. Havia-os em todas as armas: conheci um, de estado-maior no quartel-general de Lisboa, que se deitou dum quarto andar à rua por dificuldades de vida. 2º, o oficial que não queria responsabilidades. – O que é preciso, meninos, é que o servicinho corra! – E fazia o menos que podia, fugindo do quartel como da peste. 3º, o oficial parlapatão, almoçando regularmente e ceando regularmente.

4º, o oficial político, que vivia nas antecâmaras dos ministros ou deputado nas Cortes, cheio de comissões e medalhas. O menino bonito da tropa. Mas diga-se: alguns desses tipos modestos, a quem um pataco desequilibrava o orçamento, e que andavam de guarnição em guarnição, com as mulheres e os filhos vestidos e calçados, fazendo milagres para que o soldo lhes chegasse, foram do mais digno que encontrei por esse mundo.

Quanto ao Exército, digamo-lo, era inútil, mas a Nação pagava-o como certas velhas que têm um amante – vestido de vermelho e espada-arrasto, que lhes não servem de nada e as arruinam. Fantasia ou vício. Somente lhe pagava muito mal.

Nos quartéis-generais e nos ministérios conheci outra gente mais complicada e pior, e entre outros, o general Sepúlveda, no Porto, e em Lisboa o Pimentel Pinto. Sepúlveda era um homem de bigode e pêra e pernas arqueadas, com a luneta acavalada no nariz e a chibata na mão. Queria saber tudo, espiolhava tudo, e até altas horas da noite dava ordens sobre ordens à guarnição, aterrada. Já em coronel se dizia dele que de manhã ia espreitar os penicos do quarto de inspecção para ver se os oficiais tinham dormido no quartel. Pouco miolo lhe restava no caco – pouco é favor – e esse empedernido. Ai de quem lhe caísse no desagrado! Andavam os oficiais transferidos por dá cá aquela palha. Mas um dia teve a desgraça de passar a cavalo, com o ajudante ao lado, pela Escola Médica. Os rapazes, em grupo, fungaram diante do grotesco general ou ele imaginou que o tinham escarnecido. Arremeteu a cavalo para os castigar como recrutas.

– Pum! pum! – e fugiam pelo escadório. Desorientado, teimou em lá passar todos os dias, esperando submetê-los como à guarnição sobre a qual choviam os castigos. Era no Carnaval.

– Pum! pum! – gritavam os rapazes, safando-se para dentro da Escola, que ele atacou sobre o quadrúpede, subindo o lajedo de chibata em punho. Regressava, ao quartel, de pêra agitada e a guarnição tremia diante dele como uma criança diante do papão.

– Pum! Deram cabo do general. Foi preciso reformá-lo. No quartel-general de Lisboa fui encontrar um chefe de estado-maior no mesmo género. Chamavam-lhe o Burro, não porque a sua estupidez fosse por demais notória, mas porque a sua má-educação deixava a perder de vista a das alimárias. Levava tudo a coice. Só por castigo se podia servir com ele, que ainda me tratou pior quando me soube no desagrado do Pimentel Pinto, que um dia me mandara chamar ao Ministério da Guerra para me dizer o seguinte: – O senhor sabe que o posso transferir para Bragança? Então continue a escrever em tal jornal...

Pobre de mim, pobre alferes com trinta mil réis por mês e descontos, diante dum oficial no ápice do Poder! Era ao tempo em que só os oficiais políticos ou do Paço podiam levantar a cabeça; e era também ao tempo em que muitos passavam fome e iam comer, escondidos com as famílias, às Cozinhas Económicas de Lisboa. Mas eu de novo me atrevi e mandei falar ao Pimentel Pinto numa série de artigos sobre a miséria dourada e de espada arrasto. Ele pediu ao Alpoim – já eu estava no *Dia* – que obstasse a essa publicação, porque não havia dinheiro para pagar melhor ao Exército. Foi D. Carlos quem resolveu o problema, dizendo-lhe: – É indispensável que sejam aumentados os soldos. – Acabaram as objecções.

Ele só pensava em elevar-se, reformando todos os generais à sua direita. «Andava á caça de vagas», como se dizia no Exército. O parlapatão inventara as manobras – e punha-se de alto, nos montes, à coca, a cofiar a pêra, com tacões de palmo e um estado-maior de aderentes, fingindo que entendia perfeitamente o que se passava lá no fundo. Manobras na Beira, em Celorico e Trancoso, manobras nos arredores de Lisboa. Resultado: dentro em pouco era promovido ao generalato. Devo dizer que toda a parte

nova do Exército, com o olho no almanaque, secretamente o aplaudia. Só a velhada levava cresta, gemendo e chorando a sua desdita. Numas manobras em Celorico, a que o rei assistiu e onde fui como redactor do *Correio da Manhã* (era eu cadete), me insinuaram da parte do ministro que estranhasse na gazeta a demora de determinado coronel em chegar ao local do combate. O pobre homem foi reformado e quando, nas Câmaras, pediram ao ministro conta dos seus actos, lépido respondeu que o caso fora tão escandaloso que até viera nos jornais.

Na verdade, esse homem alguma coisa conseguiu dum Exército adormecido e ancilosado. Tirou-o da mazorra e fê-lo manobrar, rejuvenescendo os quadros em seu proveito e no dos outros. E como tudo se paga neste mundo, quando veio a República pagaram-lhe na mesma moeda, atirando-o para a província, onde acabou de desgosto, dizendo à hora da morte uma frase para a posteridade: – Está vencida a grande batalha da vida!

Estes oficiais não se tinham habituado a comandar homens (esse era o grande mal) – mas soldados analfabetos. Galão sobre galão, espada arrasto – às armas! –, casernas espessas e homens mais espessos que as casernas. Para a tropa só iam, com excepção dum ano em que o serviço foi pessoal e obrigatório, os desgraçados que não podiam pagar e os que não tinham quem pedisse por eles. Do fundo das serras, das casas negras de fumo, do esterco dos eidos, vinham aqueles lapuzes espessos, broncos, mal sabendo falar e caíam nas mãos dos sargentos e dos cabos, que apenas exigiam deles movimentos automáticos. Que sabiam de Portugal? Nada. Sabiam – vergonha das vergonhas! – que o nosso primeiro rei fora o *Rei Preto*, como ainda hoje D. Afonso Henriques é conhecido em todo o concelho de Guimarães, por causa da admirável estátua em bronze de Soares do Reis. Que lhes ensinavam? A distinguir o toque da cometa, a despejar o horrível caneco, e ao fim de certo tempo a esperteza, a gíria e a manha, os costumes que vão passando de geração para geração.

Ora o soldado faz o oficial, tanto ou mais que o oficial o soldado. Pouco e pouco entranha-se-lhes o hábito da papelada e o caco era posto de lado porque não tinha serventia. Quanto mais velhos pior, quanto mais altos pior. Sabiam pouco das suas especialidades, porque lhes faltavam manobras, estudo, convivência e discussão. Às vezes até lhes faltavam soldados. A promoção era por antiguidade. Acabavam nas províncias, lendo e ditando circulares, guiados por um ou outro oficial de estado-maior. E chegavam assim, com raras excepções, quase maníacos, aos altos postos e, com os cérebros como sílexes, lá iam enfileirando nos cemitérios. cheios de medalhas e de honrarias, os úteis e os inúteis, os simples e os grotescos.

Não sei se os oficiais de hoje são melhores. Desapareceram aqueles tipos cómicos como o general que ia para o quartel e, na parada, com um cometa a seu lado e os oficiais separados uns dos outros. mandava fazer toques variados, fazendo-lhes depois um exame rigoroso; como aquele pobre coronel que desaparecia atrás das saias da mulher, que punha e dispunha no quartel. chamando os oficiais a casa para os ameaçar de castigos. – Quem comanda é a D. Joana...

Desconfio que essas figuras de opereta desapareceram para sempre do universo. Passou por eles a guerra. Mas a mim mesmo pergunto se o Exército, tal como existe, corresponde às necessidades da Nação e vale o dinheiro que lhe gasta... O número de generais é fantástico! Com a guerra, o Exército foi invadido pelos milicianos, que não querem, de maneira nenhuma, ir-se embora porque, «lá fora (um me dizia), não toca a rancho». Cheios de medalhas até ao umbigo, olham de alto para a gente, celebrando todos os anos uma derrota, o 9 de Abril, como se tivessem vencido a imperial Alemanha... Mais modéstia não lhes ficava mal. Há outra mentalidade e alguns tipos excelentes, capazes de se bater e sabendo bater-se. Prestigiaram-se, mas é preciso que

este Exército, que custa à Nação os olhos da cara, venha uni dia a servir, efectivamente, a Nação.

Que falta? O principal, o soldado, e nestes custa-me a tocar, nos pobres soldados portugueses, que formam a parte mais sólida do Exército, sem ninguém dar por eles. Ninguém os ouve. Só fazem revoluções quando os oficiais os incitam.

Comem o que lhes dão, como os filhos de João, e obedecem, servem sem pio, e com o elogio do próprio Napoleão, que devia saber alguma coisa do assunto.

Nunca ninguém os quis elevar e, apesar disso, foram sempre excelentes, duma tranquilidade espessa e material de água choca. Nunca ninguém os quis elevar? Minto. Homem Cristo tentou, e se o ouvissem, se em cada companhia os oficiais ensinassem a ler os soldados, o analfabetismo levava um golpe certo e fundo e o Exército tinha-se modificado. Ninguém quis. Acentuou-se nos quartéis um movimento de protesto: acabava a pânria, o gamão e a má-língua – acabava tudo!... Era a transformação radical do Exército português. porque no dia em que o soldado fosse mais instruído o oficial tinha de ser muito mais instruído ainda, e de saber impor-se para que o respeitassem. Porque o oficial julga o soldado, mas o soldado também o julga, e às vezes com mais justiça. É raro enganar-se. E não são os brandos, os choninhas, de quem ele gosta; os severos não lhe metem medo, se aplicam os castigos na medida da culpa e prontamente. Quase sempre os oficiais mais rigorosos são os que saíram da fileira, carregaram a mochila e sentem ainda nos ossos a dureza da tarimba. O que o soldado não perdoa é a hesitação dos atarantados, e a injustiça, é o furto do rancho, quase vulgar antigamente e que era talvez a única maneira de alguns oficiais pobres viverem sem dívidas. Havia-os que esperavam o mês do rancho para as pagarem. Dizia-se num tempo pouco anterior ao meu: – Fulano anda tão mal fardado... – Manda-se um mês para o rancho! – Vergonha, sim – mas vergonha principalmente para o Estado, que não pagava convenientemente aos que o serviam, e que não acabava com o Exército. nem sabia dignificá-lo, deixando muitos oficiais quase à fome. Meu pobre soldado português, às vezes batido, às vezes tratado de alto por bonifrates que nem sempre mereciam comandar-te – e tu pronto a obedecer! Nunca faltaste nas horas em que te exigiram a vida. Bem sei que, onde a onde, foi preciso pôr-te à frente oficiais estrangeiros para dares a medida do teu valor. Mas a culpa não foi tua. Quem te procurou encontrou-te, e é de ti, meu amigo, que por fim de contas me restam ainda saudades.

HÁ QUE TEMPOS!...

Duas sombras têm acompanhado a minha vida e estão aqui a meu lado... Minha mãe gastou-se a sonhar, só nervos e paixão: viu cair por terra todos os seus sonhos – e teimou em sonhar, atrevendo-se contra todo o universo! A realidade temerosa afastou-a sempre de si. Venceu-a. Deu-nos vida a todos. Alimentou-nos do mesmo sonho que a devorou até final, sem medo da morte, como se a morte fosse a continuação natural da vida. Foi dela que herdei a sensibilidade e o amor pelas árvores, pela água, e dela herdei também o sonho... Bastava que a bica do quintal- deitasse menos para minha mãe adoecer. Ficava horas a olhar, extasiada, o pouco de musgo humedecido, donde escorria, vindo da escuridão, com um hálito de frescura, o fio azul infatigável, que caía em baixo, desfeito em milhares de gotas líquidas que logo subiam à superfície reluzindo em bolhas iluminadas. Às vezes íamos vê-la brotar no fundo da mina, e ansiosos e calados assistíamos na escuridão ao nascer misterioso da água borbulhando na madre e escorrendo logo pela caleira de pedra. Quando mais tarde minei o monte, fi-lo com a mesma ansiedade. Ver na terra sequiosa e inútil escorrerem as primeiras gotas que lhe dão vida e a transformam é um dos espectáculos mais lindos que conheço. É criar.

De Verão, ao levantar-se muito cedo, o primeiro olhar de minha mãe era para a fonte, que se ia reduzindo, desde o jorro de Inverno que transborda ao fio de Setembro, deitado com aflição. Em Agosto secam os montes, em Setembro secam as fontes.

– Se secasse!...

De noite punha o ouvido à escuta – como me acontece ainda hoje a mim. No silêncio profundo aquela voz é extraordinária de frescura e pureza. Nenhuma outra me fala da mesma maneira – nem a das folhas, nem a do vento –, nenhuma outra me fala tão baixinho e com tanto encanto. Às vezes muda de tom – às vezes, e por momentos, emudece. Secou! E lá torna a correr...

Plantou árvores até aos últimos dias – como eu as planto. E, já prostrada, mantinha de pé a ilusão. e teimava em sonhar – como eu sonho até ao fim da vida. Foi tal o frenesi, o encanto, as lágrimas, que ainda hoje vivo da vida de minha mãe. Às vezes sonhávamos juntos. Sentava-me ao pé dela e era capaz de estar assim horas perdidas. Ou, tendo corrido pelo quintal numa exaltação, ia direito ao alegrete e desatava aos soluços com a cabeça no seu colo. Ela não me dizia palavra nem me estranhava sequer – talvez porque visse em mim reproduzida a mesma sensibilidade exagerada; só me passava a mão na cabeça, e àquele contacto ia serenando e chorando cada vez mais baixinho... A lua aparecia atrás dos montes, sobre a mais bela paisagem do Mundo porque a paisagem mais bela é aquela em que fomos criados e que faz parte da nossa substância.

Há imagens tão delicadas no fundo do meu ser, que tenho medo que desapareçam tocando-lhes. Apagaram-se pouco e pouco. Melhor: transformaram-se pouco e pouco, mais desvanecidas e mais lindas, num fundo de auréola como certas figuras dos livros. Sinto-a doirada. Pura e doirada. Toda a matéria desapareceu, reduzida a fios de aranha. Ficou uma luz – sentimento que liga as suas raízes às minhas raízes. É quase nada e faz parte da essência da minha alma.

O meu sonho está preso por um fio ténue e indestrutível ao fundo do seu sepulcro. Só uma única coisa se me conservou intacta na memória – o seu olhar. Talvez porque o amor nunca mais se apaga – talvez porque a luz seja a única realidade do mundo – o que é certo é que eu e ela olhamos ainda hoje um para o outro com a mesma ansiedade e o mesmo amor.

Foi ela quem me falou pela primeira vez naquele pobre que costuma entrar pela porta dos desgraçados dentro, quando menos se espera, e se senta ao pé do lume: – Assim andava o Senhor pelo mundo!... –E eu fugia para o fundo do quintal, para sonhar com Ele. Nunca mais deixei de amar a solidão nem de ver esse pobre extraordinário que me tem acompanhado até à velhice.

Porque será que todas as outras sombras vejo distintamente – e minha mãe não? Minha mãe é um fantasma de saudade, que lá está todas as noites sentada ao pé da bica. Não a separo desse fio, que a lua toca por momentos com o seu dedo molhado de branco – e que nasce para apagar a sede de todos com indiferença, mas que só fala com encanto aos que sabem amar...

A Mari'Emília foi, até morrer, nossa criada. Era um tipo popular, de energia admirável. Estou a vê-la de bigode branco, olhos espertos dum azul já um pouco desbotado pela velhice, mas teimando em exprimir ternura até à morte. Vejo-lhe a boca desdentada a sorrir e sinto nas minhas mãos o calor das suas mãos e o dedo grosso e enorme a que me apegava quando ia para a mestra na Foz Velha. Doente duma perna, sempre a conheci a mancar. Atravessou toda a vida a mancar e a sorrir. Porque essa é que era a expressão mais íntima e mais bela da sua alma: a alegria na desgraça. Infatigável e risonha – o riso sempre pronto no trabalho e na dor. Só a conheci alegre e morreu com um sorriso e um dente, depois de nos servir a vida inteira.

A Mari'Enlília era já uma pessoa da família. Raro saía.. As mulheres do seu tempo estavam habituadas à reclusão e só saíam para a missa de capote e coca. A bem dizer-se, a vida conventual estendia-se até cá fora: em todos os quartos de dormir havia um oratório, de castanho ou pau-santo. onde dia e noite ardia a lamparina. O da Mari'Emília era tão lindo como a sua alma: o Jesus crucificado sobressaía do fundo de papel azul com estrelinhas doiradas, entre o Bom e o Mau Ladrão. Também lá se via, um pouco a frente, o Menino pela mão de Maria e de José – e, muito maior, outro personagem principal, entre duas velas de cera, Santo António, o santo da sua devoção, que lhe servia de medianeiro quando queria obter os favores celestiais. Do quarto ao lado, onde eu dormia, ouvia-a todas as noites rezar. Ouvia-a com espanto. Era um diálogo cheio de familiaridade com Santo António – era uma coisa pueril que fazia chegar as j lágrimas aos olhos. Ela não só lhe pedia – ralhava com ele como ralhava comigo, com autoridade e ternura.

– Tu ouves?... – Silêncio. – Tu ouves?... Tu não me queres ouvir!...– Outro silêncio (naturalmente ele respondia-lhe). – Então eu peço e tu não me ouves?! Tinha-te prometido umas velas de arrátel, mas já não te dou, meu maroto, senão umas de quarta!

E aquilo seguia, durante muito tempo, no mesmo tom, com exclamações e rogos, até eu adormecer... Ao fim de tantos anos de familiaridade, tinham chegado a tratar-se como velhos amigos.

Nos últimos anos, a Mari'Emília já não podia trabalhar, mas fazia, de manhã à noite, as meias de fio branco que meu pai usou até à morte – contando-nos histórias intermináveis. Aprendi com a Mari'Emília coisas extraordinárias – a religião, no que ela tem de mais vivo – o veio que passa escondido de alma para alma do povo e a piedade pelos humildes. Vi Jesus. Vi Jesus menino, a quem não é preciso mudar de túnica porque a túnica cresce naturalmente com Ele; vi-O fazendo pássaros de barro e soprando-lhes para eles voarem. Vi-O, depois, à porta do rico soberbo que O repele – vi-O sobretudo aparecer nas horas em que se sofre e se espera. Esta religião viva e escondida, esta ânsia do pobre – esta aspiração que não morre para uma vida mais perfeita e mais bela, transmitiu-me uma criada velha e humilde – que tenho sempre

diante de mim mancle-mancle, a sorrir-me com os olhos azuis já turvos pelos anos. E com ela quero viver e morrer.

Que é que nós lhe demos para assim nos amar? Sofrimento, trabalho até cair exausta de dedicação. E ela deu-nos à vida a alegria. Mancou e riu até ao fim. Nenhuma desgraça pôde com ela. Resistiu sempre. Serviu e amou. E no fim morreu ainda servindo-nos e com estas palavras na boca: – Levo-vos no coração!

NA VELHICE

Agora tudo se transformou para mim. Às vezes encontro na rua um amigo de outrora, de cabelos brancos, e olho para ele com terror. Tenho vontade de fugir. Os meus amigos não são esses homens transformados pela vida; os meus amigos são os que estão na cova, mais belos do que nunca e conservando intactos a fisionomia e os sonhos da infância. Quase todos os meus amigos desse tempo já se passaram para o outro lado da vida. Mas, nestas noites geladas, acordo mal luz o buraco, remexo nas cinzas apagadas e torno a vê-los quando chego ao rescaldo.

De pequeno não me lembro de mim, mas lembro-me dum ser extasiado, que abria os olhos atônitos para o mundo, todo frenesi e paixão, e de dois ou três companheiros de infância que se entranharam comigo, passo e passo, e com o mesmo espanto, no ser azul, verde, magnético, que nos rodeia. A camisola azul de *Nel*, que não tornei a ver e que me seguia em cabelo, com olhos cheios de entusiasmo, e mais dois ou três rapazes negros e ferozes, com marcas das pedradas em evidência no coiro cabeludo. Juntos começámos a exploração do mundo por nossa própria conta. Primeiro, atrevemo-nos à floresta do Laje, que tem seis pinheiros e seis palmas. Depois, atrevemo-nos com o areal e o rio, furando a maré na restinga, jogando a pedra, de forma que saltasse três vezes à tona de água, até se afundar ao longe, ou pescando enguias na lingueta com engodo de minhocas esmagadas... Mundo maravilhoso, cheio de aventuras e de perigos – mundo que descobríamos cada vez maior e mais belo! Logo que saíamos da mestra, das senhoras Melitoas na Foz Velha, descíamos a Corguinha a correr. Depressa uma gamela, a garité, em farrapo de vela e o remo!... Quando o mar está bravo, o rio faz ondas no côncavo azul entre o Relógio e o bico de Sobreiras. É uma coisa cheia de frémitos, com espumas boiando – uma vida nova como a nossa, ar vivo, cintilações, ondas que duram um segundo e se sucedem sempre... Lá vamos no alto deste maravilhoso seio túmido e macio, até encalhar na areia; lá voltamos para o largo e a vaga nos conduz outra vez sós e livres no mundo azul e frenético, nus e salpicados de espuma, olhos estonteados e uma alma que nunca mais tornei a encontrar.

Era a hora da tarde em que há uma hesitação naquele azul já doirado e em que a Outra Banda passa do verde para o roxo, o céu esmorece e os ruídos se tornam mais brandos. Um momento antes da morte, para a luz se despedir, sorrindo...

O que perdi foi a exaltação e a febre da vida primitiva e feroz. Oh, essa poeira magnética que é tão pouco, esta sucessão de imagens que vamos deixando pelo caminho dissolvidas no éter, que se reduzem a saudade e a um punhado de cinzas, aquece-me ainda como um grande braseiro que parece extinto e que, sob a camada esbranquiçada, conserva o lume vermelho e vivo!...

...Outra época maravilhosa em que os amigos são pedaços da nossa própria alma. Formámos um ser. Descobrimos com eles não já o mundo exterior, mas o mundo mais vasto do espírito. Comungámos juntos. Com alguns quebrei, mais tarde, por impaciência, e ainda hoje o sinto. Uma parte do meu ser ficou tão magoada que não gosto de lhe tocar: dói-me sempre. Há-de doer-me até à morte. Mas então a amizade é um sentimento delicioso e com o viço da primeira folha, quando irrompe e estremece.

O mundo, nesse tempo. restringia-se, para mim, à Foz e a Leça, que não separo do pequeno pescador de camisola azul, que me seguia com os olhos deslumbrados – o *Nel* –, e das figuras de António Nobre e de Justino de Montalvão. Não os separo também do mar, do rio, dos barcos, da atmosfera, cheia de cor e deslumbramento, onde, misturada à poalha do mar, à luz doirada e a todos os reflexos do Sol, anda a exaltação da nossa própria alma... Foi num barco que conheci o Justino de Montalvão; foi num barco, ao

lado dum velho pescador, que conheci o António Nobre, que logo me perguntou se não tinha uma Bíblia que lhe desse.

– Para que quer você a Bíblia?

– Para deitar a cabeça, quando for no caixão.

Leça era, nesse tempo, uma terra à parte no mundo. de ingleses velhos, marítimos e poetas. De quando em quando, das casas que nunca se abriam, com degraus de pedra desmantelados, nas ruas silenciosas e geladas, saía uma *miss* toda vestida de branco. E logo a porta se fechava para sempre – e Leça envolvia-se na poeira do mar e em melancolia, absorta no charco onde se reflectiam as casas e os barcos. e os crepúsculos doirados e verdes, que tanto custam a morrer: fica sempre, até noite velha, um risco escarlate no céu. Defendia-a do inimigo, dos piratas e corsários, um velho forte, barrigudo e inútil, com a boca das peças fingidas e vermelhão nas seteiras, e tinha quintais adormecidos – a praia atormentada entre penedos – a Rua da Fuselha e a Rua Fresca, onde morava o Nobre, com uma mala e o seu primeiro livro, que se chamava *Confissões*. Ao pé, um fio de água – o mais feliz do mundo, onde vivia o Justino – um fio que corria devagar entre salgueiros, parando, cismando, reflectindo a camada de folhas verdes e doiradas, sobrepostas. Vinha de cima, dos pinheirais fechados e azuis e acarretava folhas; vinha dos campos de milho e cheirava a brávia; vinha dos açudes, onde as lavadeiras cantavam, e trazia o eco das risadas. Descia, estremecia, irisado pelo bico do estanca-rios, que, no voo rápido, surpreende os peixes, e acabava por fazer mover a roda do moinho romântico da ponte. Era nesse sítio que o António Nobre fundeara o seu barco, no tempo em que nos aparecia de olhos como estrelas e vestido com a camisola branca dos poveiros. E sentia-se que o rio tinha pena de acabar. Estava cheio de versos, de cantigas, de silêncio – verde, cismático, entontecido e quase humanizado...

Nem a vila, nem o rio, se podem separar dessa linda figura de poeta, que, logo que nasceu, foi levado para Leça, pela mãe: dali em diante todos os anos ia, com a família, passar o Verão para a praia adormecida – quando não era ele sozinho que morava, com os versos e a Bíblia, numa das ruazinhas silenciosas que cheiram a sargaço e alcatrão. Aí amou primeiro uma *miss*, depois uma rapariga filha de pescadores e, por fim, uma daquelas boas pequenas do Hotel Estefânia, que se tinham instalado com a mãe – velha inglesa de gravura – e meia dúzia de hóspedes, no forte inofensivo e encantador que apontava a boca das peças fingidas para a barra, para aterrar o inimigo.

Era um príncipe. Era uma flor delicada. Tinha nascido aristocrata e infantil. Sentíamo-lo um ser à parte; extraordinário. artificial e sincero ao mesmo tempo. Fora de duas ou três pessoas, ninguém o devia compreender. Os homens dividem-se em príncipes e plebe. A plebe pode fazer versos, mas só os príncipes são poetas. E esta superioridade não lha podemos perdoar. Sentimos logo que são diferentes. Sentem-no os rapazes do colégio quando entra um novo. Se é um tipo da mesma casta, largam-no quase logo; se é um ser de outra sensibilidade, nascido para sonhar e sofrer, cheira-lhes ao longe e atormentam-lhe a vida.

Desdenhoso? O desdém natural dos príncipes. Afectado? Urna maneira de dizer singular e dois grandes olhos límpidos a iluminar-lhe as palavras... Até os seus punhos, com abotoadura de velhos pregos, e a sua gravata, excitavam a ironia e o despeito. Era um tipo original, criado pelo ar e pelos poentes para falar com poveiros, viver em Leça, sonhar, fazer versos e ser desgraçado.

Acompanhei-o, muitas vezes, pela praia, a casa do Alberto de Oliveira, que morava do outro lado da água, daquela água que é um charco ou um lago, conforme a maré, na estrada de Matosinhos, numa casa afunilada sobre o rio e que era a última da rua. Acompanhei-o no barco do velho pescador sentencioso ou no bote de fundo chato

do alegre e forte Justino, que vivia lá em cima, ao pé do açude onde acaba o mundo.

A gente entranhava-se na verdura cheia de fios doirados. Abicava na torreira do sol na quinta da Conceição – vastos campos de milho louro, regado e húmido – e já se avistava a pontezinha de tábuas. Passava-se por baixo. Um sítio impenetrável. Água parada e quase negra, decompondo-se nos fundos, com um fio de azeite a escorrer à tona, ou cor de cobre e a deslizar lentamente em superfícies, movendo-se umas sobre as outras, cheias de extravagantes bichos – os *alfaiates* – que passeiam por cima, à vontade. Sítios de recolhimento e penumbra, donde se sai de repente para a luz – para o sol ou para outro pedaço ainda mais fechado e com areias a reluzir. – Para cima ninguém passe! Andam lá os Montalvões nus! – preveniam os barqueiros.

E andavam. Lia, dormia o Justino e caía na água como as rãs. Era ali o seu domínio; ali recebia os amigos, naquele ponto mais largo um pouco abaixo do açude onde as lavadeiras todo o dia cantam ao sol. Do fundo do barco o Justino ou o Nobre atiravam-lhes uma quadra, a que elas respondiam logo, batendo a roupa. Alarido. Risadas. Depois outra vez o silêncio, o sol caindo às chapadas sobre a água, que mal se vê correr, um fio de ouro desfeito no fio verde – um livro – o banho... E o Justino adormecia na caverna, de papo para o ar, sonhando a mais bela obra do mundo, enquanto Nobre fazia versos. Hoje, quase tudo isto desapareceu: a casa do Alberto de Oliveira foi deitada abaixo, por Leça passou um terramoto. O rio, sem o Montalvão e sem as árvores, perdeu todo o encanto. Tenho medo de lá voltar, como tenho medo de ir à Foz: por toda a parte vejo fantasmas. Só a capelinha da Boa Hora, erguida sobre o rochedo e em cujas paredes brancas Nobre escreveu os primeiros versos, e que fica adiante de Leça, para lá da praia, onde o mar é mais revoltoso e mais amargo, se conserva de pé. Mas no ermo, entre ondas esverdeadas, afigura-se-me o resto de um naufrágio – a carcaça de navio que deu à costa. Só o mar conserva a mesma tragédia.

Se fosse rico, tinha deixado cair a minha velha casa da Foz para acolher estes fantasmas. Nela viriam as sombras chorar de noite e cochichar pelos cantos – e todas as sucessivas imagens em que nos desdobramos durante a vida. Eu e os meus, eu e todos os que amei, todos os que por aqui passaram. Eu e a Mari'Emília, eu e o pequeno *Nel*, que me seguia com olhos de cão e que se perdeu no vasto mundo.

AMORES

Andava o Justino Montalvão na diplomacia, se me lembro secretário de legação em Paris, quando, voltando ao Porto, encontrou, por acaso, na rua aquela linda varina que o ia procurar ao Pátio do Martel. e que não largava os arredores do Curso Superior de Letras a apregoar: – De Espinho viva! – às horas da aula. Ninguém já ouvia a lição, porque ela não largava a porta: – De Espinho viva! da gorda!...

– Todo o curso sabia daqueles amores e desatava a rir-se ao ouvir o pregão. Isto prolongou-se até o Justino acabar o curso e partir para Paris. E, nessa tarde, encontraram-se inesperadamente no Porto. onde ele, já diplomata, viera visitar o pai.

– Tu que fazes?

– Casada!

– E o homem?

– Ficou em Lisboa. Vim a Matosinhos e vou à Costa Nova ver uns parentes e por causa duma herança.

Olharam um para o outro com saudade e não se deixaram nesse dia nem no outro.

– Tenho de ir...

Mas o Justino não queria que ela partisse e, depois de lhe perguntar se na Costa Nova lhe conheciam o homem:

– Não – resolveu acompanhá-la.

– Vou contigo e passo por teu homem.

Caso resolvido. Um chapéu desabado, um casaco mais curto, uma faixa à cinta – e lá partiram, felizes, o diplomata e a varina, para a Costa Nova. E na Costa Nova viveu o Justino quinze dias, descalço, ao sol, falando com os pescadores, apresentado à família e discutindo, de cachimbo na boca, as redes, o tempo e os peixes, até que a mulher teve de partir para Lisboa.

– Foi o tempo mais feliz da minha vida – dizia-me ele, há dois anos, já velho e já ministro não sei onde...

Os meus amores foram sempre doutra casta e o meu primeiro amor foi mais puro e mais lindo. Foi um momento e um nada. Não sei quem já se apaixonou por uma árvore; eu apaixonei-me, sem saber o que era amor, por uma sombra que sorriu e passou.

Tinha os meus treze anos e andava no Colégio de S. Carlos. Era, ao tempo, um rapazinho espigado, louro e inocente – o pernalta. Sobretudo inocente. Mas como os maiores falavam em amores – e pior – quis também dar-me ares e comecei a fazer vistas a uma padeirinha da minha idade, que todas as manhãs dava o pão nas casas de Fernandes Tomás – uma pobre rapariga com o sangue a espirrar-lhe das faces e um sorriso de quem tinha tanta vergonha como eu. Falar, falávamos pouco, porque não sabíamos o que dizer. Metia-me num portal e procurava dar-lhe beijos: ela repelia-me

Lembro-me muito bem. Era numa daquelas manhãs de frio, com oiro e um pouco de névoa que ascende do Douro – à hora a que o Luso, de quem falávamos, com mistério (até bichos empalhados tinha em casa), dava aula. Eu espreitava da tendinha, à esquina, fumando os primeiros cigarros para parecer um homem, que ela assomasse à Rua de Mal-merendas. Dos grupos de rapazes que entravam no colégio atrás do professor vinham ditos:

– Lá vem a padeirinha, ó pernalta!

– Larga o osso!

Era ela – decididamente faltava à aula do Luso – com a canastra, fingindo que me não via. Lá se metia no portal – lá me metia eu no portal – e a cena repetia-se todos os

dias. Nos dois havia a mesma inocência e candura. Ela fingia que tocava a campainha da porta interior e esperava por mim, que tentava beijá-la, encontrando sempre o cesto entre a minha boca e a sua boca. Nem um pensamento grosseiro, nem sequer um mau pensamento. Era um jogo – um jogo e mais nada.

Estou a vê-la, loura, corada e pequenina, fresca como a manhã, de olhos azuis cheios de receio e ao mesmo tempo de desafio – tentando-me e fugindo-me; estou a verme esgrouviado e tonto, e entre nós o cesto como uma muralha. Para um lado, para o outro, encontrava sempre o cesto – e atrás do cesto olhos a tentar-me e a boca vermelha a sorrir.

Nem o nome lhe sabia e todas as manhãs faltava à aula. Posso dizer que por causa dela fiquei reprovado em Geografia. Mas um dia foram elas!... Depois de dois ou três passes com a canastra, a padeirinha quedou-se, baixou os olhos e esperou. Esperou o quê?!... Oh, meu Deus, aquilo não era do jogo! Fiquei assombrado, fiquei gelado, e deitei a fugir pela rua abaixo, cheio de vergonha e alvoroço...

Não, nunca mais a vi. Dava voltas para não a encontrar. Mais tarde achei ridículo o meu primeiro amor, ri-me de mim próprio, fazendo o possível para não me lembrar desses encontros matutinos. Mas, mais tarde, muito mais tarde,

comecei a ver a rapariguinha a sorrir-me do fundo do passado – e esse minuto, que foi um nada, nunca mais o esqueci e guardo-o como uma das emoções mais delicadas da minha vida.

O TIO DO PINHO

O escuro café Camacho, da Praça Nova, foi durante anos o refúgio dos literatos. Ali se reuniram, à noite, durante muito tempo, o Nobre, o Justino, o ruivo Hamilton de Araújo e, noutra mesa, o Carrelhas, de calça pelo tornozelo, o Joaquim de Araújo, sempre alheado, e, num canto da loja mal iluminada, o Bruno e o Basílio Teles, de gabinardo e barba arrepelada, falando de política. Só me lembro disto no Inverno, com a água a escorrer nos vidros embaciados... Durante muitas noites e a altas horas aparecia o Eça, que o Araújo conhecia, e, sentando-se sozinho, pedia uma galinha cozida, que comia com uma fome de lobo.

– Anda a escrever o romance... – dizia-se baixinho à roda.

E olhávamos para ele, com admiração e espanto.

– De onde vem você a estas horas? – atrevia-se o Araújo a perguntar-lhe.

E ele, com o monóculo entalado no olho, dizia, para se dar ares e fazer a frase:

– Venho de dar o beijo sagrado na fonte das gerações.

Não vinha nada... O Hamilton, à nossa mesa de rapazes, dizia os últimos versos cuspidos o resto dos pulmões, quando o pai, professor de Latim, e que era o tipo perfeito do Vautrin, na segunda fase, com a cara cheia de costuras, homem terrível que acabou a pedir em Lisboa, aparecia à porta, de bengalão, levando-o para casa. O Joaquim de Araújo, com um risinho irónico e para dentro, atirava a sátira da véspera ao Silva Ferraz, com a sua *casaca de trinta botões*, ou ao Francisco Carrelhas:

Quando o Francisquinho

Natural d'Ovar...

Fora, chovia a cântaros. O Porto vivia debaixo de água. Um lampião espalhava a luz mortiça no largo, junto à sombra tétrica da Câmara, na cripta da Praça, como lhe chamava Junqueiro... Alguns da nossa mesa levantavam-se e iam acabar a noite às águas-furtadas do Igo de Pinho, onde tínhamos o nosso cenáculo. Era na Rua do Almada, entre panelas e com um pai ferrageiro espavorido, que o Igo nos recebia. Subia-se até lá acima por uma escada que nunca mais acabava – subia-se até ao céu pelo meio de coisas escuras e indistintas, os pregos, as fechaduras, as grossas correntes penduradas – e na grande sala, logo por baixo do tecto, celebrávamos as reuniões nefelibáticas. Às vezes, um retardatário batia à porta lã no fundo e o Pinho, assomando à janela, bradava os versos de Eugénio de Castro, acordando as horas mergulhadas em sono e torpor:

Quem é o ousado que por horas mortas

A bater se atreve às minhas férreas portas?...

Nesse tempo, o Pinho falava-nos no tio com uma pequena esperança – naquele tio que viera do Pará e havia de resolver toda a sua vida artística, arrancando-o por unia vez às ignóbeis panelas de ferro do armazém paterno.

– Vocês verão!

Efectivamente, um dia soube-se com alvoroço, na Rua do Almada, que chegara, essa manhã, do Brasil o tio do Pinho. Era um velho respeitável, de barba de passapio e bengala de cana-da-india. Vinha de Santos, do Pará, de Manaus, não sei de onde nem importa, com meia dúzia de malas e unia grande fortuna, dizia-se baixinho – uma esplêndida fortuna! Como não tinha filho nem filha, meteu-se naturalmente em

casa do irmão ferrageiro e do sobrinho, que o receberam de braços abertos. E ali viveu, ali comeu, ali medrou, considerado, respeitado e ouvido com deferência, como todos os homens ricos nas ocasiões melindrosas, por toda a Rua do Almada. Era vê-lo! Tio de Pinho puxava do lenço tabaqueiro, assoava-se com solenidade e dizia alto as palavras lapidares. Todos em roda concordavam. Às vezes aludia discretamente à sua grande fortuna e acrescentava: – Tudo que tenho, para vocês é. E os olhos de Pinho rebrilhavam de gula, num silêncio de antegoço, e toda a família em volta mastigava em seco. Até os criados, a quem não dava vintém de espórtula, o serviam com gosto, pensando no testamento. Davam-lhe os acepipes predilectos, e as suas roupas, muito brancas, cheiravam a alfazema e a sol. Tio de Pinho instalara-se com conforto na velhice, e merecia-o, depois de uma vida agitada e profícua nos balcões do Brasil. De manhã, fazia a barba, lia os jornais, falava com interesse dos câmbios, e depois do farto almoço dava o seu passeio pela Praça – lado das Cardosas – ou procurava o convívio dos amigos, no antigo café das Hortas. Às vezes visitava uma pessoa gorda e quarentona da Rua dos Caldeireiros, ou acedia aos rogos duma velha ali dos Congregados.

Tio de Pinho contemplava muitas vezes do alto dos Clérigos, com grande satisfação, este mundo tão bem ordenado para os que têm o cuidado de juntar capitais na mocidade, dispondo deles com regra e método na velhice...

Tio de pinho só tinha um defeito: era avaro. Não só não dava um pataco para a casa como sacava constantemente aos cem mil réis da gaveta das ferragens – por causa dos câmbios. E aquela palavra misteriosa explicava tudo: – O câmbio sobe... o câmbio desce... – E a família comentava:

– Deixá-lo lá com a sua mania. É avarento? Melhor, mais nos fica. E com a nota na algibeira, a barba feita, a consciência serena, descia a Rua do Almada, entre os cumprimentos dos lojistas e falando dos negócios a este e àquele. Já o *Comércio do Porto* dissera do alto das suas colunas: «Parte para Entre-os-Rios o nosso amigo e importante capitalista.»

Tio de Pinho estava definitivamente consagrado na praça, entronizado, inabalável, de pedra e cal. Era ele e o Eugénio do Bolhão.

Um dia, morreu. Pinho correu, frenético, ao testamento; o pai, o velho ferrageiro, fechou-se logo por dentro. Iam, enfim, meter as mãos na fortuna. A Rua do Almada correu cm peso ao funeral, que foi muito concorrido. Mas o testamento, por mais que mexessem nos papéis, nos baús, nas roupas, nunca conseguiram apanhá-lo. Por fim, depois de discussões tremendas, de invectivas e de gritos, tiveram de chegar à seguinte conclusão: Tio de Pinho não deixara testamento porque não tinha vintém. Nunca tivera vintém. Comera, bebera, instalara-se na vida, rodeado de considerações e carinho, e conseguira levá-la até ao fim, realizando o milagre autentico de dominar a família e aquela sociedade burguesa – com a sua imaginária fortuna. Pinho ainda quis desenterrá-lo, para lhe dizer impropérios, mas era uma despesa a juntar a outras despesas, e, decerto, tio de Pinho ouviria os insultos do sobrinho com o ar desdenhoso de superioridade de quem se acha instalado no outro mundo com o mesmo conforto que gozara na Rua do Almada.

A ESTE E OESTE, NADA DE NOVO

O ENTERRO DE ÂNGELA PINTO

Passaram vinte anos – passou-se mais de um século. O próprio povo de Lisboa, o povo das hortas e das touradas, o risonho Zê-Povinho, de Bordalo, transformou-se profundamente. Ouço dizer que nenhum como ele tem igual sentimento democrático. Melhor: nenhum outro tem tão arraigado sentimento de igualdade. Em outro sentido, sim. Se alguns homens se destacam, a vontade dos outros é puxá-los para baixo, e o ideal de toda esta gente seria viver no mesmo café e no mesmo bródio, com as mesmas *pegas* – actores, toureiros, presidente e contínuos.

Deu-se um passo não sei para onde. Para bem? para mal? O futuro o dirá. Com a camada nova, educada no *sport* e na admiração pelos *ases*, lá se vão os parlamentos, os discursos, os homens pomposos e decorativos. O humanismo deu à costa – e com ele certa graça, certa sensibilidade, que nos fazia melhor a vida. Resta a força e o dinheiro. Ainda ontem (Março 1925) eu senti, num facto vulgar, o enterro da Ângela Pinto, que o que esta Lisboa – que deixa morrer ao abandono os seus poetas e o seus santos – quer é que a divirtam, tendo perdido o sentimento das proporções.

Caiu lá tudo: jornalistas, poetas, homens de Estado e mulheres do Bairro Alto. Um senador propôs nas Câmaras um voto de sentimento, fizeram-se representar os ministros. Foi um enterro muito mais simpático e espontâneo que o de Junqueiro. É pena que o Presidente não falasse à beira da campa e não troasse a artilharia de quarto em quarto de hora – para o quadro ser completo. Mas toda a Lisboa correu à passagem do féretro, prestando homenagem e culto à grande actriz.

Ora a Ângela nunca passou duma boa, de uma excelente rapariga, com algum talento para revistas e um supremo à-vontade no palco. Mexia-se, fazia gestos como se tivesse dormido com todos os homens que estavam na plateia.

– Só a Ângela!... – exclamava-se. Mas daí a ser uma grande actriz vai um passo desmedido. O melhor que ela tinha era não se tomar a sério. Duma vez – contava-o ela própria – ia a dobrar a esquina que do Governo Civil vai ter à Rua Ivens. Atrás dela duas *galdérias* conversavam. E Ângela ouviu:

– Olha: é a Ângela Pinto.

– A Ângela?! Dizem que é uma grande actriz.

– Pois é.

– E uma mulher... sim, uma mulher como nós.

– Pois é.

– E olha lá: nós também chegaremos a ser grandes actrizes?...

– Isso não sei... Putas já nós somos.

Isto não quer dizer que eu não ache bem o enterro –quando o pobre Gomes Leal foi desacompanhado para a cova, e heróis, mártires e poetas são esquecidos e atirados para a vala comum. Apesar de desproporcionado, acho bem, acho óptimo. É uma lição e um exemplo. Pôr diante dos olhos das mulheres honestas, que por aí sofrem, um quadro para meditar e um problema para resolver. Vale a pena, na vida contemporânea, fazer sacrifícios de todos os dias, sacrifícios ignorados, viver pobre e desconhecida para um lar e para um homem, ou vale antes a pena ser aventureira, mostrar as pernas no palco e acabar condecorada e consagrada? A questão sexual já tem pouca importância, diz Camacho, e daqui a pouco não tem importância nenhuma. Então será um regabofe... Vale a pena – e porquê? para quê? – sofrer neste mundo horrível, onde se perdeu a escala de valores, o sentimento da própria dignidade, ou é preferível pertencer ao

putanato oficial que anda por essas ruas e pelos teatros, com peles e jóias – e mais feliz, sobretudo mais feliz do que as que se sacrificam a um lar ou a teias de aranha?

Boa rapariga, sim, com algum talento, algumas excentricidades, só coração e nervos – eis o que foi a Ângela. Teve uma vida curta e cheia e acabou com o funeral a que assistimos ontem, a que só falou o troar da artilharia para dar a última nota a um quadro só possível em Lisboa, cuido eu, onde todos os arrivistas triunfam na vida e na morte.

As culpadas são as classes chamadas superiores. Lisboa foi sempre uma terra depravada, mas nunca como agora. Actualmente, é uma cloaca. Noutro dia, no Entrudo, houve um grande baile de pederastas numa escola da Graça. Publicam-se livros de versos dedicados a homens por homens, e entre os manifestos e folhetos espalhados figura a *Sodoma divinizada*, etc. Também há mulheres oferecendo poesias como *A minha amante*. Lisboa é anticristã – esta Lisboa nova-rica, de que se contam todos os dias escândalos.

Muitos deputados são empregados em companhias. Alguns, mesmo, só se fazem eleger para defenderem interesses. Os grandes negociantes depositam o dinheiro nos bancos estrangeiros. Um financeiro, muito conhecido em Lisboa, dizia a um amigo meu, no fim de um banquete:

– Toda a gente pode ser rica, se quiser. Eu também já fui pobre – um pobre criado duma dama, que um dia me mandou vender uns papéis. Atrevi-me... Roubei-lhos e com esse dinheiro joguei por minha conta, e foi assim que comecei a minha fortuna. Toda a gente pode ser rica. Nunca se fizeram fortunas como agora, dum dia para o outro – ao mesmo tempo que há fome em muitos lares... – Noutro dia (Fevereiro de 1925) o conde de Lousã, homem enriquecido extraordinariamente depois da guerra, deu um baile que lhe custou centenas de contos. Dias antes haviam estado em exposição, nas costureiras. *toilettes* com os preços marcados – 14 contos, 16 contos... Quando a *Batalha* publicou uma notícia sobre a festa, que terminava com as palavras, pouco mais ou menos:

– «E se nós lá fôssemos...» –, houve marido que foi segurar a mulher, em duas ou três companhias – por causa das jóias. O velho Luís Trigueiros, já um espectro, condenado até à morte às elegâncias lisboetas, diz:

UM BAILE DE VENEZIANOS

«Il va ici quelque chose de merveilleux!...» Assim nos dizia, anteontem, o ilustre embaixador de Inglaterra quando, sob a carícia luminosa das lâmpadas eléctricas, num deslumbrador faiscar de jóias e formando no conjunto um risonho matiz das mais delicadas cores, percorria o «hall» do palacete dos srs, condes da Louzã o grácil bando das damas venezianas.

Efectivamente, era maravilhoso este aspecto, em que se notava a aliança feliz da riqueza e da elegância, nessas dezenas de «costumes» formosíssimos, que davam singular nota à beleza e à distinção das senhoras que os ostentavam. Escrevendo-se, a propósito, a descrição de alguns desses bailes esplêndidos do conde de Farrobo e dos marqueses de Viana e de Penafiel, que os cronistas mundanos de então

registavam com vivo entusiasmo, chegava-se à conclusão de que as «damas venezianas» de 1925 bem podiam, sem risco de desmerecerem no confronto, ter deslizado nos salões doirados em que se exhibia o «creme» da aristocracia que notabilizou a vida lisboeta de 1848 a 1867.

Soberba realização teve a delicada ideia que a sugeriu às suas amigas a gentilíssima filha dos srs. condes da Louzã, a sr^a D. Sofia de Lancastre. E vem a propósito dizer que essa distinta senhora deu bem o exemplo, corporizando com notável precisão, pelo encanto da sua formosura, distinção de porte, riqueza e elegância da sua «toilette», uma dessas damas

venezianas, cuja estranha beleza os carinhosos pincéis da afortunada artista fixaram em telas esplêndidas, das quais pareciam ter saído anteontem animadas dum poder sobrenatural algumas dessas figuras femininas que resplandeceram no palácio Louzã.

Mais de duzentos convidados encheram, durante horas, de animação e alegria comunicativa o «hall» e as salas dessa artística moradia. Numerosos pares dançaram, até às 6 horas da manhã, ao som do «jazzband» do «Mayer». Às 2 horas uma ceia esplêndida foi servida nos «buffetes», dispostos em duas salas – profusão notável de preciosas iguarias, dispostas com arte entre magníficas pratas e ricas faianças. Por toda a parte, evolvendo delicados perfumes, as mais lindas flores dos jardins de Lisboa. E dando realce a todas as magnificências dessa festa inolvidável, a incessante amabilidade do sr. conde da Louzã e das suas filhas, uma das quais, a mais nova, fazia anteontem, entre os incitados esplendores desse baile, a sua primeira aparição, delicada e graciosa como uma figurinha de Saxe, na sociedade lisboeta.

– A encantadora filha dos donos da casa, «mademoiselle» Sofia Louzã, tinha unia esplêndida «toilette» em «lamé» prateado com rendas prateadas e chapéu preto,

– D. Isabel Ramos Jorge ostentava um precioso vestido de veludo preto com flores estampadas e lindo chapéu preto com «pleureuses» no mesmo tom das flores.

– D. Madalena Soto Maior Ferreira Pinto Basto, lindíssima como sempre, tinha um vestido de «lamé» verde «changeant» com uma riquíssima renda. O chapéu era de veludo, preto, com renda preta.

– D. Maria Cohen do Espírito Santo Silva, muito interessante e graciosa na sua «toilette» de veludo «cerise» e rendas douradas, chapéu do mesmo veludo e riquíssimas plumas.

– D. Maria Isabel d'Orey Correia de Sampaio, formosíssima. com um vestido de veludo preto e chapéu também de veludo preto enfeitado a «strass».

– D. Maria Roquette de Campos Henriques, muito distinta, com um soberbo vestido «lamé» azul e ouro, chapéu preto e rendas douradas.

– Condessa do Calhariz, com uma riquíssima «toilette» de renda dourada e chapéu preto.

– Mademoiselle Filipa de Lencastre Louzã e sua irmã D. Helena, graciosíssimas, de «taffetas» cor-de-rosa, com bordados e véus dourados.

– D. Maria de Lourdes Perestrelo, figurinha de sonho que todos admiravam, tinha um vestido de magnífico veludo verde, com um chapéu preto.

– D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, muito elegante de «taffetas» azul, com bordados em relevo e chapéu de veludo preto.

– D. Beatriz Pinto de Vasconcelos Gonçalves, interessantíssima e muito elegante na sua «toilette» azul-turquesa, coberta com rendas prateadas e chapéu preto.

– D. Beatriz de Sousa e Faro de Aguiar, «bibelot» de incontestável formosura e encanto, estava de veludo «cerise» com rendas pretas.

– D. Maria João Ribeiro, admirável de elegância e de «charme», de «lamé» dourado, chapéu verde e véu dourado.

– Condessa da Póvoa, distintíssima e muito elegante, de veludo «cerise» e rendas pretas.

– D. Carolina Correia de Sá Pais do Amaral (Anadia), formosíssima de branco, com rendas verdadeiras.

– D. Maria da Pureza S. Lourenço, encantadora, com uma «toilette» branca e chapéu preto.

– D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, precioso vestido de brocado e rendas com valiosíssimas jóias.

– D. Alda Guedes Pinto Machado, lindo vestido de veludo «fraise» com rendas pretas e jóias magníficas.

– D. Maria Adelaide de Castro Pereira Balsemão, com uma rica «toilette» de veludo verde e rendas douradas.

– D. Maria Bramão de Herédia, elegantíssimo vestido de «taffetas» carmesim, com brocado e rendas, chapéu de veludo no mesmo tom.

E esta gente do fundo, esta gente de Lisboa assiste de longe e comenta. Quando foi da inauguração duma casa de chá com aspecto parisiense ali no Largo das Duas

Igrejas, esquina do Tesouro Velho, o champanhe estourava.. Fora, um homem do povo, limpo mas pobre, dizia para outro:

– Isto é uma afronta á nossa fome!

E no outro dia sentei-me no engraxador. Um soldado sentou-se ao meu lado. E logo um, no tipo de operário, se aproximou e começou a dizer-lhe:

– Vocês não devem fazer fogo contra o povo – contra os vossos irmãos... A espingarda que vocês trazem quem a fabricou? Fomos nós.– E mais baixo: – Há muitos palácios... há muitos hectares de terra a distribuir... — E mudando de tom: – Essa farda que vocês vestem foi o povo quem a fabricou. Não façam fogo sobre os vossos irmãos...– E mais fundo, mais insistente: – Há muito dinheiro, há muitas terras nas mãos dos ricos...

Esta propaganda faz-se constantemente à porta dos quartéis, nas ruas, nos cafés baratos, por toda a parte onde há um soldado a convencer.

Lá foi no tropel D. Carlos, D. Manuel, as Câmaras com José Luciano e o Hintze. Outros se seguiram e amanhã irá o resto. O Afonso Costa refugiou-se em Paris, do António José ninguém faz caso (começam a chamar-lhe o venerando. que é mau sinal), o Camacho, vendo que ninguém o podia aturar na política, passou com armas e bagagens para a literatura, e o homem do dia é o rei dos medíocres, o António Maria da Silva. Há no seu partido tipos muito mais inteligentes e mais cultos. Mas todos eles, mesmo esses, o querem Para chefe. Ele é o tipo que lhes convém. Tem a manha. Melhor: é o rei escolhido por todos os medíocres, que o entronizam E melhor ainda: ele é como um confessor a quem se dizem todos os segredos ou como uma mulher sabida diante da qual o mundo se desabotoa. Faz tudo que se lhe pede... Tem ao mesmo tempo certa ronha e certa audácia. Foi o presidente do Conselho que mais tempo durou. Com o meio rim e o revólver no bolso das calças marcava, noutra dia, o baile nas Necessidades, dando à pernas apesar de ameaçado de morte, e olho nos inimigos, olho nos correligionários, lá conduz a tripeça, à força de teimosia e habilidade. Tem sofrido pela República. E, no princípio da ditadura, até esse o mandaram pôr fora, o cadastraram!

Agitação, delírio mais revoluções. Novas fisionomias, outras mentiras... A vida! Que extraordinária trapalhada e que beleza profunda! Que sofreguidão, que nos leva, sem termos tempo senão para meia dúzia de impressões – e quase só instinto – até apodrecermos todos de papo para o ar!... À parte alguns simples, só tenho conhecido figuras desfiguradas. As verdadeiras, conto desvendá-las no outro mundo.

CATÓLICOS

O melhor que encontrei na vida foram os tipos religiosos. O melhor e o pior. O mais extraordinário e o mais absurdo. Sinceramente crentes – confessando-se todas as manhãs – e enriquecendo, à tarde, no negócio, sem escrúpulos nenhuns Homens com vários compartimentos, uns para a religião e outros para a vida prática. Vi a um morrer-lhe a filha única e levantar as mãos para Deus, de joelhos, dizendo: – Faça-se a tua vontade! Conheci um padre que morreu de fome, mulheres admiráveis e autênticos malandros, comungando todas as sextas-feiras com a maior devoção. Lidei com muitos. Lidei algum tempo com A..., que passa a vida a rezar e a pensar na manobra dum banco.

Preconceitos não tem nenhuns – tanto conspira na Biblioteca com as esquerdas como no Centro Católico com as direitas. – O que nós queremos é um general e uma conspirata para deitar a mão a isto... – dizia-me ele quando andava nos meios avançados. E sempre a rezar. Escreve espantosamente linguados atrás de linguados sobre finanças – escreve infatigavelmente versos sobre versos. Escreve o que quiserem. Naturalmente aquilo não está certo – eu não sei... – mas como ninguém lê o que ele escreve, A... impõe-se e aterra. Sabe muito – diz-se. É um homem muito comprido – é uma estopada infinita. Já escreveu um poema, quatrocentas páginas a escorrer versos medíocres. Versos e finanças, é tudo a mesma coisa. O que ele quer é ser ministro. O que ele quer é dinheiro. Para isso conspira com Deus ou com o Diabo. Já estive com a *Seara* – agora está com Salazar, lamenta os que passam fome por causa dum ideal. Lamenta e reza – ele, a mulher e os filhos, tudo de mãos postas e dezassete contos por mês no Banco Ultramarino.

Um dia destes uma senhora contou-me a conversa que teve com a sua amiga do tempo das Doroteias.

Na casa do Anacleto está sempre tudo às escuras. Vive-se à sombra e fala-se baixinho, como nas sacristias. Os corredores cheiram a incenso e nunca mais acabam, e na sala de visitas, para onde a conduzem, ela, um momento de pé, fixa a série de retratos monstruosos pendurados nas paredes, os tios, as tias, os avós daquela grande família de negociantes ricos e o horror das flores artificiais espetadas nos vasos, das aves de missanga que todas aquelas mulheres bordaram durante sucessivas gerações, subordinadas à religião e à fealdade. Um criado, barbeado, de preto, falando baixinho e que lembra vagamente um eclesiástico, abre uma porta, fecha uma porta – mas ela nem dá por ele: não pode tirar os olhos daquela série de horrores. Há três coisas nessa velha família dos Anacleto, três coisas inabaláveis, que há séculos se transmitem de geração em geração, de pais para filhos: o dinheiro, a religião e a fealdade. Todos eles são muito ricos, todos são muito católicos e todos parecem bichos.

– Sou eu, filha, sou eu – diz uma vozinha a seu lado. E logo se sente nos braços moles dum ser vestido com um saco de vidrilhos, e uma boca húmida cola-se-lhe à face. É ela, é a Anacleto, com o mesmo busto sem pescoço do Anacleto pai, com os mesmos olhos pequeninos do Anacleto que nasceu há dias, todos de óculos, qualquer que seja o seu sexo. Somente no rosto desta há uma expressão diferente, de inteligência e de simpatia.

– Já sei tudo. O senhor padre António contou-me tudo. O que ele quer é divorciar-se. Mas tu não aceites – tudo menos o divórcio!

– Que hei-de eu fazer?

– Tudo menos o divórcio. Uma filha de Maria não pode divorciar-se. Reconcilia-te com o teu marido. Resigna-te, filha, que é o único caminho cristão que te resta. Tu não

te confessas há muito tempo?

– Há uns poucos de meses.

– É isso. Falta-te um bom director espiritual. O que a gente perde depois que sai do colégio! Eu mesma... Conheço um confessor muito bom...

– Tu não sabes o que se dá comigo! Nem conheces a profunda queda da minha alma... Nem creio já como cria.

– Desgraçada!

– Ninguém pode ressuscitar o meu sonho.

– É o resultado de não te aproximares mais vezes do confessor, ao menos às sextas-feiras. Esse desespero, esse vácuo atroz vem dum alma sem direcção.

Ela põe-se a olhar aquele ser que lhe diz palavras que tem ouvido mil vezes e que a não consolam. É rica, é casada com um homem enorme, fidalgo da província, conhecido nos meios católicos por ter escrito dois ou três folhetos, a *Imensidade de Deus*, a *Eternidade de Deus*, a *Bondade de Deus*, e que só se dava com padres, muito alquebrado e triste, sempre das mocidades católicas, fazendo parte de todas as procissões e de todas as propagandas religiosas.

– Tu és feliz, toda a gente sabe que foste muito feliz e não podes compreender-me.

Ouviu um soluço. Reparou melhor na fisionomia da Anacleta, que mudou de repente de expressão, ao mesmo tempo que a apertava nos braços, chorando com a boca maior e os olhos mais piscos. Parecia um bicho desprotegido que não sabe dar um passo, nem queixar-se, nem mesmo sofrer com dignidade e altivez.

– Oh, filha! Oh, filha! Se soubesses o que tenho sofrido!... Se soubesses o que tem sido a minha vida de humilhação e de gritos represados!... És infeliz? Mas tu nem sabes o que é ser infeliz!

– Então o teu marido também te engana'?

– Se me engana!... Isso é o menos. Eu sou pior que uma escrava, sou menos que uma criada. Sou um trapo. Subordinei-me, dei-lhe a minha fortuna e o meu orgulho para que fosse feliz. Para ser feliz e não me enganar humilhei-me a ponto de perder a dignidade. Sou uma coisa, sou menos que uma coisa nas suas mãos. Tu, ao menos, és ativa, lutas; eu não soube nunca o que era lutar. Foi logo ao princípio... Enganou-me com todas as mulheres, com as minhas criadas, na minha própria casa.

– E tu?

– Eu calei-me, eu sofri, eu disse-lhe: – Se queres, bate-me, mas não me enganes.

– E ele confessa-se e comunga?

– Todas as sextas-feiras.

– Ah!

– Mas isso, bem sabes, não tem nada uma coisa com a outra – afirmou com ingenuidade.

– Então os seus princípios religiosos?

– Talvez eu precise de sofrer, talvez os homens vejam essas coisas de outra maneira. Que eu saiba – que eu saiba!... – viveu mais dum mês, aqui dentro, com uma mulher. Fiz-me mais humilde, fiz-me sua criada, adivinhei-lhe as vontades. Foi pior.

– Bateu-te?

– Foi pior. Tratou-me com desprezo. À mesa, diante dos criados, diz-me: – És muito feia, metes-me nojo! – Mas tu não me vias antes de casar? – Metes-me nojo. – Começou a tratar-me pior, chama-me estafermo. Noutra dia chegou a perguntar a um criado: – Esta minha mulher é muito feia, não é? – Não acho, senhor. – Quê? Não achas?! Então toma tu conta dela. – Não me pode ver. Eu bem sei que sou feia, mas porque é que ele me quis?

– Minha querida!

– O que eu tenho chorado, noites inteiras, por ser feia e por me ver abandonada! Pedi a Deus que me fizesse bonita ou que me levasse, mas Deus não me quis ouvir... Até as criadas me escarnecem.

– E onde vais tu buscar forças?...

– A Deus.

Tomou-a pelo braço, foi-lhe mostrar o oratório com uma pesada lâmpada de prata e um Cristo de marfim, foi-lhe mostrar o berço onde o pequeno Anacleto dormia – já de óculos e já rico. E quando lhe disse:

– Foge com o teu filhinho para longe – respondeu:

– Não tenho esse direito. É meu marido. A religião diz-me que devo obedecer-lhe e acompanhá-lo por toda a parte.

E mais baixo, suspirando:

– Talvez na outra vida venha a ser bonita e a agradar-lhe, porque eu, apesar de tudo, amo-o!

É textual.

FIALHO DE ALMEIDA

Gualdino Gomes fala das pretensões de Fialho janota –dum Fialho com uma grande corrente de ouro e uma esmeralda de brasileiro na gravata –, conta que ele apareceu, num dia de tourada, no Martinho, com uma camisa vermelha que teve de tirar pela troça que lhe fizeram. Acrescenta isto:

– Julgo que nunca, nem com a própria mulher, teve relações senão de amizade. Os seus quartos de dormir eram separados, um em cada extremidade da casa, e pela manhã., quando ela lhe batia à porta, ele dizia sempre: – Espere, menina, que ainda não estou vestido.

Vou à Vidigueira e da Vidigueira a Vila de Frades para ver a casa de Fialho. Atravesso um vale vistoso e alegre – é na Primavera –, uma ponte sobre o ribeiro que corre entre choupos. Lá em baixo fica o barracão velho que lhe serviu de cenário para *Os Pobres*, e logo adiante a povoação, desafogada entre hortas, olivais e campos, limitados ao longe pelo traço roxo da serra. Passo pela escola nova, com o seu grande letreiro no alto – *Fialho de Almeida* –, mas muito mais me interessa a escola velha, com grades de prisão, onde o pai do grande escritor ensinou ao rapazio as primeiras letras – e paro no larguinho onde ele nasceu, silencioso, isolado, deserto. Não passa ninguém. A casa ao rés-do-chão, com um grande portão de lavoura, fica em frente da pequena igreja caiada, da Misericórdia. Mulheres de negro, com o cântaro no quadril, dois mouros velhos à porta da igreja – e cal, cal. sob o céu de esmalte.

A casa, dizem-me, está como quando a deixou: o mesmo papel banal nas paredes, os mesmos quadrinhos oleográficos na sala de jantar, onde trabalhava para apanhar o sol que entra por ali dentro. Vulgaridade sem uma nota de arte ou de intimidade na casa deste homem que tanto falava de quadros, de gravuras, de mobiliários decorativos. No fundo era um misto de cavador e de boémio.

A única parte bonita da habitação é o pequeno jardim mourisco, com alegretes caiados de branco e flores antigas e desusadas nos canteiros.

Aqui noivou Fialho, dormindo ambos no mesmo quarto, e o mesmo aconteceu em Cuba, para onde se mudou passado um mês.

– E a vinha?

A vinha e o pomar são no sítio de Antaste, herdade que se chama dos Antas.

Saio para o largo, para as ruas com fiadas de casinhas brancas e térreas, de telhados formando linha em ziguezague no céu, e imagino o que isto será no calor tórrido de Agosto. O sol ofusca. Nem uma sombra, nem uma pessoa com quem se possa conversar. A praça deserta, a botica deserta – e um milhafre pairando lá no alto, imóvel como um bronze na abóbada invariável do céu...

Cuba é pior – Cuba é muito pior. Não passa ninguém nas ruas, que exalam uma tristeza mesquinha e fétida. Está-se a léguas do aduar africano, que ao menos é pitoresco; do campo e da sua alegria: é a vida espiada entre pessoas condenadas a viverem juntas e que acabam por não se poderem ver. Casas banais, de gente que nem repara onde vive, não olha senão o lado utilitário das coisas e que parte de manhã para a lavoura, juntando-se à noite nas adegas, ao pé das talhas onde recoze um vinho espesso e forte. Quando chega Agosto, isto fica reduzido a uma ossada, com o milhafre agarrado (não despega nem bole) no céu implacável. Numa das ruas estreitas, com dois metros de largura, a Rua João Vaz, fica a casa de Fialho. Se ele deitasse a cabeça de fora do quarto, metia-a logo pela janela do vizinho dentro. Pátio de entrada e à esquerda gabinete de trabalho horrível – papel a despegar-se das paredes –, escritório de tabelião,

em todo o seu esplendor. Camilo também vivia assim... Noutro aposento pegado, sem luz, os livros; depois, a sala de jantar e o quarto de dormir, onde ele e a mulher ficavam juntos até se declarar a tuberculose que a matou! Demoro-me no escritório diante da *chaise-longue* onde morreu, ao voltar da vinha, numa carripana, a toda a pressa, já sufocado pelo ataque de *angina pectoris*.

Quem será este tipo incaracterístico, com fisionomia de meia idade, que fala da morte, da dor, dos interesses e dos móveis do grande escritor, sempre com o mesmo tom de voz inexpressivo e monótono? – Não senhor, não quero ver mais nada nem ouvir mais nada! – Saio com a impressão da fealdade que se me pega. Sinto-me perto do inferno em que viveu. Saio com a impressão de que todas as almas banais do mundo se juntaram aqui, nesta pequena terra concentrada, pesando sobre ele a asfixia e a morte.

Há homens a quem o amor transforma a existência. Ele, não; ele carregou, como uma grilheta de que nunca conseguiu desfa2er-se, o sentimento da sua inferioridade física e a crosta dos labrostes antepassados. E com isto – para maior contradição e sofrimento – uma alma delicada e feminina...

Via dolorosa de sarcasmo e de dor que termina aqui, figura contraditória que, à medida que se afasta, me parece maior. Lívida e maior. Exausta e maior... Tudo acaba na terra? O fantasma que se pôs a caminho soluça cada vez mais alto. Nem com a morte o debate cessa. A dor está viva, e desespero vivo como na primeira hora. Folheio-te e a tua voz persegue-me. Talvez a felicidade te fosse vedada na vida – talvez teu quinhão fosse outro... Maior. É como eu interpreto, agora, a noite do Buçaco, entre a fantástica neblina e as árvores desfolhadas!... «Natal! Natal! Oh, como há-de ser bom ter uns pequenitos, bem rosados, de roda da ceia festival da meia-noite!» Mas esse caminho é Deus que to veda, dando-te em troca outro mágico poder. Embrulha-te no velho gabinado e com a máscara transtornada explode, em sarcasmo, se queres! É o que te resta... Não podes, tua voz agora é outra – mais funda: – «E minha mulher voltaria da missa, friorenta, vestida de escuro, tirando a capa de noite, num sobressalto brusco de colomba, e com a gola de peles toda gotejada de orvalho» – Oh, desgraçado, torce a boca enorme de dentes ralos, torce a boca de dor e dilacera-te... Ouves? – «Oíço o corujão latir como um cérbero, maldito; deve ser no vale dos fetos, por baixo logo da Fonte Fria. Com os seus latidos funestos, esse sinistro pássaro recorda-me a alma de algum bispo, inchado à sombra com a tragédia da sua expiação.»⁷

O seu amigo Xavier da Mota diz num artigo:

Um parente meu muito querido, que colaborou nas fainas agrícolas de Fialho, dizia-me das rebeldias do seu temperamento, na rigidez frequente das suas maneiras, ao tempo constatando a solicitude dele pelos seus servidores, a exactidão das suas contas, e a benevolência quase sempre calada dalguns dos seus actos, como se achasse mesquinho proferir palavras que importunassem a humilhação de alguém ou reflectissem a própria bondade.

(*Popular*, 3 de Abril de 1911.)

Na Redacção de *A República*, que dirigi nos primeiros meses como técnico – nunca fui político –, conheci muitos tipos curiosos. Vinha um e outro como por um portão aberto a todos os ventos. Entravam os novos políticos, os vitoriosos, que falavam ao ouvido do António José (sim! sim! sim!...), e um tipo misterioso, de capa à espanhola e chapéu desabado («É o chefe da Carbonária», dizia-se baixinho); o António Maria da Silva, de barba rala e olho de peixe que deu à praia, mostrando, desvanecido (acabava

⁷ No Buçaco. *Pasquinadas*.

de ser nomeado director-geral dos Correios), a carteira cheia de passes de todas as linhas; o Malva, má-língua e céptico, que não fazia coisa nenhuma e acabou por comer aqueles cem contos anuais de comissário do Banco Ultramarino... Às vezes, a política embrulhava-se. O Afonso Costa mandava os seus bandos berrar contra os nacionalistas que se reuniam no prédio pegado, o mesmo onde já se tinham reunido os franquistas. Noutras noites apareciam novas figuras. Por lá passou Carlos da Maia, sereno e grave, de barbas negras e olhar leal e reflectido. Poucas palavras. Nem era preciso. A seu lado toda a gente se sentia ao pé de um homem: corria outro ar. Naquele arcabouço luzia a alma forte e límpida como uma espada. Por lá passaram políticos e doidos, que as redacções atraem sempre como a luz as falenas, intrujões e homens sérios, alguns dos quais foram mais tarde assassinados, como o Granjo e o Machado Santos. As oito a baterem no meu relógio e a abrir-se a porta do meu gabinete, um homem que só me dava as boas-noites ao entrar e ao sair e que lia insaciavelmente todos os jornais de fio a pavio, sem dizer mais palavra. Caíam as onze, pegava no chapéu e ia-se embora como tinha vindo, com toda a pontualidade. Nunca consegui saber quem era. Durante muitos meses recebi também a visita duma figura curiosa, tipo de índio engelhado, cor terrosa de africanista, falas doces de quem quer insinuar-se. Cuido que era médico da Marinha e se chamava o dr. Nascimento.

O dr. Nascimento trazia os bolsos peçados de folhetos e de artigos sobre o planalto de Benguela. Só falava no planalto de Benguela. Todas as redacções o temiam, todas as repartições o olhavam com terror. Ninguém lhe publicava uma linha, porque se aquilo começasse enchia páginas, enchia o jornal, enchia o mundo – e trasbordava. Eu cheguei, sem querer, a saber de cor o planalto de Benguela, como se lá tivesse vivido uma existência inteira e a sonhar com o planalto africano que produzia trigo duas vezes por ano e devia transformar-se no celeiro de Portugal. Há muitos anos que o dr. Nascimento não fazia outra coisa senão percorrer a África com uma panela velha e um preto, conversando com os sobas, dormindo ao ar livre e nas cubatas – e sonhando, sobretudo sonhando. – Só lá é que sei viver e me sinto viver!

– De quando em quando vinha a Portugal, ou melhor, vinha ao Terreiro do Paço e aos jornais para interessar os outros no seu sonho. Acordava as repartições adormecidas, fazia discursos aos redactores, que só pensavam na política e que mal entendiam o importuno e distribuía os folhetos que lhe enchiam as algibeiras...

Um dia senti que me faltava alguma coisa. Olhei à roda: era o dr. Nascimento que desaparecera como tinha aparecido – ou na morte ou na vastidão incógnita da África, pequeno, engelhado, com cara de fuinha. Nunca mais ouvi falar dele – mas durante muitos anos me ficou no ouvido um ronrom de gato que nem mesmo a dormir está calado...

Trabalhei sempre nos jornais. Quem os desenvolve, quem os lança, se tem antenas em comunicação permanente com o público, é o chefe da Redacção e os pequenos jornalistas, os trabalhadores de imprensa desconhecidos, que passam como sombras – e quem estraga o jornal é o director, se e político. Duas linhas em memória do Toscano, do *Dia*, dos revisores, que até de manhã se curvam sobre as provas amontoadas, ganhando uma miséria para matar a fome; do pobre Saramago, repórter admirável, e sempre bêbado, que morreu no hospital, de miséria, e de todos aqueles que trazem para a Imprensa as notícias vivas e que a profissão exaustiva acaba rapidamente na obscuridade...

Agosto de 1913

João Penha tem hoje setenta e tantos anos. Está surdo como uma porta, mas conserva ainda aquela lucidez de espírito que há muitos anos fez dele árbitro nos casos intrincados em que é preciso escrever uma minuta que leve os tribunais a decidir as questões. O seu quarto nunca se abre, porque tem um medo horrível às constipações. Ali vive com o cofre cheio de cartas de namoro, que relê de quando em quando, até à última – pretensioso, apumado e janota.

– De quem é aquele retrato, aquela rapariga descalça que aí está? – pergunta-lhe um amigo no escritório. – Aquela... aquela diz que eu a furei, mas nunca dei por isso...

Há anos encontrou-o alguém no Bom Jesus. João Penha chamou-o de parte, com resguardo:

– Você vê aquela cavalheira, acolá...

E mais baixinho:

– Está apaixonada por mim.

– Ora!...

– É isto que lhe digo. Quando passo, zás!, atira-me com uma landre. Quer ver?

Agarrou-lhe no braço e levou-o por baixo do carvalho. Uma landre caiu.

– Ouviu? – perguntou ele, alvoroçado.

– Ouvi. Caiu mas foi no meu chapéu.

E o João Penha, voltando-se para trás, para a árvore, exclamou, indignado:

– Ah, grande bêbeda!...

13 de Dezembro de 1916

Morreu ontem, à uma hora da tarde, comungado e sacramentado, rodeado dos seus amigos, de quem se despediu, o José Maria de Alpoim. O Queirós Ribeiro interveio, levando-lhe uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes: – José Maria, confessa-te! – Foram também os mortos...

Ainda há tempos o tinha visitado. Estava um tipo extraordinário – gordo, quase todo branco, com o bigode arruçado, sempre a berrar e sempre a gemer:

– Isto que aí está não pode continuar! É impossível! Mas a Monarquia também não volta. Se o D. Manuel viesse, eu era o primeiro a ir-lhe deitar uma bomba ao cais!

– Mas o D. Manuel não quer vir.

– Quem lho disse? Está morto por vir. É o pupilo do marquês de Soveral!

E desata a gemer com uma dor no peito, onde lhe colocam, de quando em quando, uma borracha de água quente. Mas a dor passa-lhe – ele esquece e aí torna a barafustar:

– São uns burros! São todos uns burros!...

O Coelho de Carvalho diz-me que conspirou até morrer, conspirou até ao último fôlego. Sabia tudo – queria saber o resto –, sempre sonhando em mandar e em conquistar outra vez uma posição de destaque. Já tocado pela morte, agarrou-se com desespero aos últimos farrapos políticos. Nesta última conspiração, foi ele quem indicou o Machado Santos para chefe militar. E – diz o Cerejo – o Machado Santos deitou tudo a perder porque, num certo momento, não quis dar um tiro. Isto é – não quis matar um homem.

Final de vida amargo. Morreu-lhe um filho a bordo – atiraram-no ao mar. Passou os últimos anos a fugir de Lisboa para a Rede, da Rede para Lisboa.

Não realizou nenhuma das suas ambições. Homem de alto valor, faltou-lhe não sei o quê que torna os homens verdadeiramente grandes: era um terreno movediço Todos os arrebatamentos numa luta até ao extremo para conseguir os seus fins, atirando com a

Monarquia a terra, só o levaram ao isolamento e à morte. O sofrimento fez desaparecer muitos dos seus defeitos e acabou por lhe dar os últimos retoques. Em 5 de Setembro deste ano terminava assim a carta que ainda escrevia todos os dias ao *Janeiro*:

É um perigo quando os rancores chegam a este ponto. É uma mágoa profunda, quando vêm assim daqueles a quem se fez bem e nunca se fez mal. Só há um expediente: ir embora! Trato daqui, por todos os modos, de o fazer. Não penso noutra coisa; e os tempos que tenho de repouso aqui, nesta quinta, às abas de Coimbra, são a cogitar na realização desse facto. Julgo que vai a bom caminho; e se o Brasil houvera estado melhor, já teria partido para ali. Seja para onde for. O que me aconteceu no 14 de Maio, em que nem sequer me procuraram pessoas que me deveram *tudo*, absolutamente *tudo*, no tempo da monarquia, honrarias que lhes alcancei, lugares e pingues comissões, foi significativo. Ensinou-me cruelmente. E o que agora sucede é ainda maior lição. E nem se imagina de que tamanho! Ficarão em brevíssimo tempo livres de mim os que andam na ânsia da delação, da denúncia, na sofreguidão de me magoar e ferir... e nem eu sei de quê! É impossível que estas ferocidades e injustiças não tenham uma expiação. Eu é que não verei!

Dizia o Alpoim – e acho que é verdade – que no seu tempo não havia um só caso de homem rico que tivesse cometido um crime, fosse ele qual fosse, que acabasse na cadeia: vinha sempre para a rua. E acrescentava isto:

– Senhor Brandão, os ladrões são os homens mais finos deste país!

Ele foi a agitação inútil, a balbúrdia inútil. Não parou um momento. Não teve toda a vida um momento de seu – nem para olhar para o céu. Escrevia cinquenta cartas por dia, agitava a política, metia o bedelho em todas as combinações, segredava ao ouvido de toda a gente para intrigar e enredar – esse homem gordo cujo aspecto físico dava a impressão de que nascera para repousar numa poltrona e que não parou senão na morte. E foi inútil para ele e para os outros. Faltou-lhe o que torna verdadeiramente grande os homens: — caminhar para um fim de beleza. Atingi-lo não importa; cair a meio do caminho não importa. Até morrer não importa – porque a esses mortos envolve-os não sei que luz, que afasta a ideia do esquecimento e da podridão.

Agosto de 1917

O cónego Anaquim fala-me de fr. José dos Corações, que foi patriarca de Lisboa. Vive em Lérida, num convento, como um pobre frade que é. Noutra dia quis vir a Lisboa e não pôde: não tinha vintém. Quando abandonou o patriarcado, deixou num cofre cem contos para o seminário. Nunca transigiu com o Paço, nunca transigiu contra a sua consciência. Um dia, D. Amélia quis colocar numa freguesia de Lisboa um padre Fiadeiro, que era capelão do Paço. Opôs-se. Pedidos. Não houve meio. Por fim, disse: – Vossa Majestade tem um processo: diga ao ministro da Justiça que me mande embora. E eu vou satisfeito, porque não nasci para isto.

A D. Carolina Michaëlis, que tem setenta anos, perguntando-lhe alguém como podia trabalhar tanto, respondeu assim:

– Há dias em que me deito, e toda eu sou uma dor, da cabeça até aos pés.

Anda por aí um Burnay muito pobre, pequenino, insignificante e com um ar coçado, a quem esta gente dos cafés pôs um nome admirável – O Burnay de tostão ou o

procurador-geral da coroa. Não há terra como Lisboa para estas alcunhas pitorescas: À actriz Maria Pia, já velha, que tortura o Júlio Dantas com ciúmes, chamam o Inferno do Dantas, à condessa de S..., que, já madura, arranjou por amante um rapazinho chamado Silva, a Madre-Silva, ao Ezequiel de Campos, por causa dos projectos agrários, o Inexequível de Campos, ao Ricardo Jorge, cujo estilo se parece com o de Camilo Castelo Branco, Camilo Castelo Preto, etc., etc., etc.

Morreu há tempos, duma síncope, quando presidia a não sei que reunião comercial, este homem importante do Porto. Até no fim teve sorte. Morreu rico, e os jornais, que dão seis linhas avaras à morte dum poeta (António Nobre) ou à agonia dum santo, gastaram com a sua personalidade colunas estiradas, celebrando-lhe a fortuna, a honestidade e a inteligência. Era um homem considerado – era um homem de bem – era um dos vultos eminentes da nossa praça... Era um tipo balzaquiano, cujo retrato não vale a pena esboçar. Não consta na sua existência unia obra que o engrandeça, uma palavra de bondade que fique, um acto de piedade que o exalte, uma função qualquer que o enobreça. O que consta e que teve uma loja de panos por atacado, onde enriqueceu, e que foi um político que colocou todos os seus amigos. Quando saiu da Câmara, o povo esperou-o à porta e encheu-o de bosta.

E morreu, há dias, na África (1922), completamente ignorado, o José Teixeira de Barros, para quem os jornais não tiveram uma só palavra de justiça.

Era o protótipo do oficial de infantaria, leal e destemido como uma espada. É Mouzinho de Albuquerque quem o diz. Na África, à frente de meia dúzia de pretos, com o casaco velho e uma chibata na mão, ia ao Inferno, se fosse preciso, sempre com inalterável sangue-frio. Tão apagado, tão modesto, que ninguém dava por ele. Feio, quase escalavrado, era preciso procurar-lhe os olhos para o encontrar. Então, sim! Então, naquela luz triste, descobria-se um mundo de grandeza simples, de lealdade, de heroísmo que se esconde. Sobre isto, desinteresse. Nele não havia que deitar fora: a sua mão estendida era a mão dum amigo; a sua alma a duma criança! Falava pouco e, se falava, só dizia banalidades. Muitas vezes me contaram (não ele, que nunca se referia à sua pessoa) que, onde outros heróis reclamavam espalhafato e tropas, marchava o Teixeira de Barros, sereno e calado, com um punhado de soldados, e de chibata na mão, dominando as revoltas africanas.

A República atirou-o para o lado como um trapo velho e um oficial suspeito, e ele lá foi, há dois anos, com a filha, para uma roça, acabando ignorado no sertão.

Enriquecer – é tudo o que o mundo exige a um homem de bem.

OS BOÉMIOS

Vão desaparecendo alguns tipos de café que mereciam meia dúzia de linhas, homens de acção muito restrita, meio sonhadores, meio *ralés*, por vezes interessantes. Fala-se neles algum tempo, depois esquecem; lembram uma ou outra vez e acabam no negrume compacto do passado. Trocam-se-lhes as anedotas, misturam-se-lhes as feições e por fim já se não sabe ao certo a quem pertencem: morreram de todo.

Assim o Pinturas, duma graça especial, difícil de reproduzir, com apontamentos baixinhos sobre a vida. Já gasto e muito pobre, entrou um dia numa espelunca para cear, com a eterna capinha ao ombro e a bengala-arrasto.

A um canto estava uma putéfia a comer carapau. E ele, desgraçado e triste, perguntou-lhe:

– Então como vai isso?

Ela contou-lhe a sua desgraça e, por fim.. como se falasse a um velho camarada da má vida:

– E lá, como vai?

Morreu rico e avarento.

O poeta Alfredo Carvalhais, a cuja morte quase assisti, numa casa do Porto, defronte do Aljube, no leito de ferro dum quarto abandonado. Vi-o magro, com a barba por fazer, seco como um D. Quixote com o olhar perdido de sonho. Até ao fim suspirou por um emprego na Alfândega. Em confiança, dizia-me:

– Porque aquilo é que são empregos! Como aqueles não há outros no mundo! A gente chega, entra, assina Guedes e toma lá quinze tostões!

Cuido que nessa época havia na Alfândega do Porto vários empregados chamados Guedes.

O pobre Artayett, que passou a vida a ganhar um pinto nas obras públicas do Porto e que, quando veio a República, já todo branco, pediu um lugar ao Paulo Falcão, governador civil do Porto.

– Que lugar queres tu, Artayett?

– O único lugar que me convém, um lugar que não traz dispêndio ao Estado, em que só se trabalha durante três dias em cada ano e que dá um dinheirão.

– Então que diabo de lugar é esse?

– Requeiro que a República me nomeie Senhor de Matosinhos.

Tipo delicado, prosador e poeta na sua mocidade, e que deu cabo da vida com estúrdias no Porto! De manhã, a cair, agarrava-se ao primeiro galego da praça. deitava-lhe os braços ao pescoço e dizia-lhe – Uma corrida – três tostões. – E o galego lá o levava às cavalitas até à Rua do 13on jardim. Esperou muito do tio, o tio Fantasma, que era da tropa e que, sob um exterior ríspido, escondia a alma duma criança – e o tio não lhe deixou nada. Apesar disso, foi ao funeral: assistiu á impressionante soldagem do caixão. viu, à roda, as figuras de enterro chorosas e fúnebres, e quando o caixão ia nas escadas, desatou, de recente, aos gritos lá de cima:

– Parem aí! parem aí!

Calaram-se todos – detiveram-se os gatos-pingados –, fixaram as atitudes Silêncio de estupefacção. E então ele concluiu num último berro:

– Metam-lhe as orelhas para dentro!

Ultimamente andava mais branco, mais esgalgado e mais caído, e quando morreu o Alexandre Braga, de quem era intimo, disse ao pé da cova:

– Isto está mesmo a abrir-me o apetite...

Outros tipos de café: aquele boémio, tão pobre – lá me esqueci do nome! – que lhe deu para se casar, e ele e a noiva passaram a noite de núpcias embrulhados em jornais, para não morrerem de frio; e, mais antigo, o Costa Godolfim, tipo noutra geração, que queria transformar o mundo numa vasta cooperativa; o general «Mil Cento e Onze», que fez carreira pelo Ministério da Guerra e que, ao ser promovido àquele posto, comprou um cavalo, no Coliseu, dos mansos – dos brancos, dos gordos –, mas que, na parada, quando ouviu a música, desatou a dançar em frente dos soldados, como no circo; aquele velho sonhador incorrigível, meu amigo, sempre a arquivar empresas quiméricas, teatros absurdos; um poeta de café que vi tísico, poucas horas antes de morrer, ainda a sonhar nas glórias; e tantos outros, de que me não lembro sem um sorriso de piedade e de ternura.

É na Brasileira e no café Chiado que os pobres-diabos, como rãs num charco de café, se exaltam ou combinam as revoluções do dia seguinte. A um canto, o Gualdino, de gabinardo e barba branca, prepara a última piada...

Pertenceu à malta que ia com Fialho para o *galinheiro* dos teatros deitar as peças abaixo – pertenceu à malta esplêndida que se levantou como um só homem e gritou – Às armas! – quando, no palco, um actor vestido de porteiro anunciou aos outros a entrada do senhor general – metendo para sempre no fundo a peça, o autor e os comediantes.

A sua mocidade irreverente prolongou-se até aos cabelos brancos. Com dois folhetos e um soneto de bolso (toda a sua bagagem literária) ralou-se de inveja sempre que viu os outros escreverem mais um folheto do que ele. Passou a vida a inventar pormenores do Fialho, vingando-se, como ele próprio confessa, da maneira como o grande escritor tratou aquele folheto que começava assim:

Nas *soirées* do Gervásio
De olho matreiro e gázio...

– Por causa dele deixei de escrever! Escarneceu a minha obra!

Um dia espalhou-se nos cafés a notícia da sua morte, e logo o Ratola, velho companheiro na Biblioteca, se apressou a cumprir o seu dever de amigo, de camarada e de poeta.

O Ratola é funambulesco, balouçando-se dentro duma sobre-casaca impertigada, luneta de tartaruga e ar de quem cumpre sempre uma missão importante – até quando vai à retrete. Subiu as escadas do prédio onde morava o morto (tinha lido o número da casa no *Diário de Notícias*), relembrando algumas frases de efeito... Abriu-se a porta do quarto onde o morto, coberto com um lençol, deitava já um cheiro adocicado – a cadáver e a aguardente. Duas mulheres, de preto, choravam ou rezavam. Ratola compenetrou-se, assoou-se com solenidade e disse para a que supunha ser a viúva:

– Minha senhora: os meus sentidos pêsames... Ele foi o que se chama um grande boémio – mas muito bom rapaz.

O vulto de preto ergueu-se, protestando com dignidade ofendida:

– Meu marido, senhor, nunca foi um boémio! Meu marido foi um modelo dos esposos e dos retroseiros!

Mas o Ratola, que se sentia também magoado no seu valor e no seu conhecimento da vida, obtemperou:

– Ora essa., minha senhora! Eu conheci muito bem seu marido e fui seu companheiro dalgumas *borgas* literárias... Um boémio!

– Oh, meu Deus! Meu marido um boémio!

E, um a teimar que sim, a outra a protestar que não, estiveram quase a pegar-se diante do cadáver – até que empurraram o Ratola pela porta fora.

– Eu conheci-o!

O Ratola não conhecera aquele... Houvera engano. Quem morrera fora outro Gualdino Gomes, brasileiro e não sei se também do Pará, como o autêntico Gualdino, que a essa hora estava na Biblioteca a encher verbetes, com o olho do Proença em cima. Desde esse dia os dois poetas cortaram as relações para todo o sempre.

Agosto, 1913

– O meu último livro, *A Árvore* – diz Corrêa de Oliveira –, escrevi-o em vinte dias. Não sou eu que escrevo: sinto-me levado e impelido, nessas ocasiões, por uma força misteriosa.

Dezembro, 1914

Tudo desceu. Ver os jornais de há dez anos e ver o *Século*, *a Montanha*, etc., ler o *António Maria* e comparar com os *Ridículos* e o *Zé*. Tudo desceu? Não será melhor dizer que tudo regressou? O espírito, o jornalismo, a arte, eram plantas de estufa e forçados por meia dúzia de homens segundo moldes franceses. A camada de verniz caiu – e ficou o português estreme, o verdadeiro, o autêntico português, o que estamos aí a ver todos os dias.

GRANDES ARMAZÉNS

Quem deu o dinheiro ao Grandela, homem de grande iniciativa e duma persistência mais rara ainda, para o seu empreendimento? Não tinha vintém. Ouvi dizer a D. João da Câmara, que foi seu amigo, que mais duma vez esteve para meter uma bala nos miolos.

Em Lisboa contava-se que os capitais lhe tinham sido fornecidos por um velho agarrado e sórdido além de todos os limites. Que drama para conseguir que uma criatura assim avançasse o metal para essa especulação arriscada!

O velho vivia agarrado à mulher, ambos com a mesma existência dura, ambos com o mesmo ideal – pagar as décimas e arrecadar os juros. Só saíam juntos. E aquela vida, anos atrás de anos, ligara-os indestrutivelmente. Com o tempo e o hábito tinham chegado a deitar espigões até às profundas do universo. Agora imaginem o tacto, os dias gastos em ninharias, a persistência e a manha postos em prática para abalar as duas ou três ideias fundamentais do velho rico, do velho sórdido, do velho que só tinha uma ideia, e essa fixa: nunca mais largar moeda que lhe tivesse caído nas unhas. Começaram por o levar ao teatro e conseguiram, com alguns amigos, associá-lo a uma empresa de revistas. Ouço que era acolá, naquele velho escritório da Rua da Palma, que cheira a lona requentada e a urina e onde nunca entrou a luz do Sol. Para montar uma revista do ano, a primeira coisa a fazer é escolher as coristas. Está o empresário abancado à secretária, estão ao lado dele os comanditários: um tipo oleoso e gordo mamando no charuto, outro, de pêra, que pertence aos jornais, e o velho seco, o velho desconfiado, que quer ver tudo, com medo que lhe roubem o dinheiro. Desfilam diante deles as raparigas da rua, que vêm tentadas pelo anúncio do jornal. – Tu, tu agora... Espera lá, mostra as pernas... – Porque o essencial, nas revistas, não é ter voz, é ter pernas. E a rapariga levanta a saia até às coxas e, ao mesmo tempo, sorri com um sorriso em que mostra as gengivas brancas de anemia. – Outra – diz o empresário, depois de tomar uma nota. E o desfile segue, o desfile dos quartos andares esfomeados, do vício da Mouraria, da Lisboa corrompida que procura um bordel mais bem pago.

É nesse ambiente que o velho, pouco e pouco, amolece e gasta a mola real de toda a sua vida. Começa a não poder suportar a mulher, a ir tarde para casa, a entrever outra existência de lonas pintadas, de coristas que lhe sorriem, e, dentro em pouco, o dinheiro, amontoado moeda a moeda, passa para melhores mãos e destina-se a outros empreendimentos. A papelada das inscrições voa como se tivesse asas. E o Grandela, à custa de organização e de teimosia, instala e desenvolve os seus grandes armazéns. Muitas vezes esteve em riscos de quebrar. O que lhe valeu – dizia ainda o Câmara – foi comprar a prazo e nunca assinar uma letra. Ainda hoje, quando o patrão entra nos armazéns, os empregados tremem. Autoritário e severo, só assim conseguiu levar a cabo aquela monstruosa loja onde há de tudo, desde a literatura ao farrapo, enriquecendo extraordinariamente.

Hoje, vive afastado e solitário, como um príncipe no exílio, num palácio da Foz do Arelho, num palácio amarelo com duas torres, sem fundo nenhum e só aparência, como os panos dos seus grandes armazéns.

Colecciona quadros antigos, abre a boca com sono e, de quando em quando, desce majestosamente ao parque, onde os veados, de grandes armas decorativas, lhe vêm comer à mão. Em frente, está o mar, a lagoa de Óbidos e a eternidade...

**MORRE, EM SINTRA,
O AUTOR DO «MARQUÊS DA BACALHOA»**

Junho, 1923

Já há longos meses que tinha desaparecido dos cafés. Nos últimos tempos queixava-se:

– Enquanto fui pobre, tive sempre saúde, agora, que herdei, estou sempre doente.

Morreu dum cancro na bexiga, depois de sete meses dum sofrimento horrível. Vivia enovelado, sobre um charco de urina, a gemer, num quarto onde ninguém podia entrar por causa do fedor. Tinham-lhe feito uma operação à bexiga e, quando lhe deram com o cancro, já lhe não puderam coser toda a abertura.

Estava sempre a gritar e a mijar-se. Antes de morrer, mandou pedir perdão à rainha e chamou um padre, pedindo perdão a Deus.

O *Marquês da Bacalhoa* chamou-se, primeiro, *Enseada Azul*. Quem lhe insinuou o título definitivo foi o Gualdino Gomes. Imprimiram-no num quarto andar da Rua do Arco do Bandeira, numa destas pequenas oficinas a que os tipógrafos chamam *catraia*. Mas quem o escreveu? Alguns dos capítulos não são do António de Albuquerque...

JÚLIO DE VILHENA

Está à morte o conselheiro Júlio de Vilhena. Viveu muito, foi muito considerado, mas o seu principal papel nesta esquisita sociedade portuguesa – foi o dum talento ofendido. Porque, por mais que o considerassem a este homem pequeno, sério, pendurado num grande charuto – muito mais se considerava ele a si próprio...

Faz sua diferença do conselheiro Pacheco, ainda assim. O conselheiro Vilhena era um homem de valor, era um homem de talento, mas era, e foi, principalmente, desde o princípio ao fim da sua vida, um grande talento ofendido...

Logo sucedeu a desgraça de haver na mesma geração de Coimbra. e na mesma geração política e no mesmo partido, dois talentos daquela força – o Hintze e o Vilhena. Grande calamidade – porque logo que o Hintze arranhou a ser chefe do partido regenerador, logo o Vilhena se ofendeu, retirando-se para a obscuridade. Não disse nada – nem podia dizer: calou-se. Em vão o Hintze, que teve um baque e um remorso, o cumulou de prebendas e de lugares – nunca mais o conselheiro Júlio de Vilhena deixou de se sentir triste e ofendido. Era uma situação... O Hintze bem o sabia e custava-lhe – mas fala! diz alguma coisa! queixa-te. Dou-te o que quiseres! Mas o Vilhena retirava-se, sem pronunciar palavra – porque, o que ele queria, o Hintze não lho podia dar senão morrendo. Por fim, morreu – e o Vilhena avançou, numa reunião célebre do seu partido, e pronunciou. enfim, aquelas palavras que tinha há muitos anos atrancadas na goela!

– Se é um chefe que querem, aqui estou!

Convivi com ele no *Universal* do Cornélio – a primeira vítima do Pimentel Pinto, quando se achou ministro. A Redacção era no Bairro Alto – já me não lembro do sitio exacto – e ali Alberto Bramão cantava as suas endeixas a alguns generais reformados, com o tenente Sabo a administrar os bilhetes de teatro, o velho general Cornélio ao cofre e o Vilhena no fundo, conspiravam pela mansa contra o governo do Hintze. Isto sem falar no Alfredo Gális, um tipo lambido, que fazia romances obscenos – e todos aqueles conselheiros a comê-los, tal-qual dizia o de Braga. Sua Majestade D. Carlos não esteve com meias medidas: foi-se a ele e condecorou-o como benemérito da Instrução... Eram terríveis! À noite, o Vilhena lia o artigo aos generais, confundidos de admiração, e um deles, que passava por grande talento e que durante os anos que viveu o *Universal* escrevia todos os dias um artigo chamado *Da Perequação na promoção* – não deixava de exclamar, embasbacado: – Admirável! – Acabou o jornal – acabou o dinheiro e acabou o Vilhena – morreu o excelente Cornélio, com a sua gaforina branca – mas nunca a série *Da Perequação na promoção* deixou de aparecer (e continua!): de quando em quando ainda encontro, num velho jornal das Colónias ou numa folha da província, um artigo que se intitula: – *Da Perequação*. E fujo. É o general, velho como a serpe, ou talvez do túmulo, que teima em me perseguir...

Um dia, entrando atrás deste velho no pátio empedrado e escuro com sombras que já vinham do passado e um cheiro a urina anterior ao terramoto, caminhávamos direitos à escada mal alumiada (ia o Celso a meu lado) quando se destacou daquele negrume todo, com um grito frenético, uma mulher, que atirou para o lado o xaile, exclamando como num drama do Príncipe Real:

– Ó Alfredo!

O Alfredo da sua mocidade era aquele general *Da Perequação na promoção*. Que esperava ela encontrar ao fim de tantos anos? A Juventude, O Alfredo, de quando moça. era aquele homem trôpego. Eu e o Celso rimo-nos, mas hoje o Celso está na cova e eu, se continuasse na tropa, quem sabe se viria a escrever no *Diário de Notícias* sobre a

perequação?!

O Universal era um grande jornal fantástico, O Cornélio e os outros só se importavam com a primeira página, e o Vilhena só a si próprio se lia e admirava. E nós, então, fizemos talvez o jornal mais extraordinário do globo. O noticiário era todo inventado. «Morreu o senhor Fulano. Foi bem feito.» Ardiam prédios por dá cá aquela palha. Está a lembrar-me o Teodorico Teixeira Pimentel, que gastou a mesada, endividou-se, pôs tudo no prego e sem cinco réis nos procurou para o salvarmos da penúria. Pronto. Fui logo escrever uma grande notícia, com o fogo no prédio onde ele morava e só a custo o salvei, em ceroulas, pelas traseiras, nos braços dos bombeiros. O pai, já se vê, pagou tudo.

Não sei qual dos generais (talvez fosse o Vilhena) escreveu um dia um artigo sobre os anarquistas, que se ofenderam e entraram de noite, em grupo, pela Redacção. Os generais e o Vilhena empalideceram e empederniram atrás duma mesa, como se a bomba estivesse para explodir. Falei-lhes e acompanhei os homens e, durante alguns dias, eles, os antigos anarquistas do Pátio do Salema, desvendaram-me a miséria de Lisboa. Falaram-me nas *borboletas* de dez anos, que de noite se chegavam à gente, dizendo: «Eu faço tudo...» Falaram-se nas mulheres dos arrozais de Setúbal, todos os dias mergulhadas nos pântanos e cortadas até às verilhas, e, por último, um deles disse estas palavras, que nunca mais esqueci: – Se quer ser um escritor, fale dos pobres. – Eram esses homens românticos que se reuniam num botequim da Rua do Príncipe Real e que publicavam um jornalzinho que prodigiosamente me interessava por preconizar uma nova vida.

Todas as noites o Vilhena me perguntava, com interesse, o que se passava, e um dia, olhando-me firmemente, disse-me: – Faça-me um relatório. – Compreendi tudo. Compreendi que, se lhe fizesse um relatório, acabava a vida a fazer relatórios. E fugi. Foi assim que, simples cadete da Escola do Exército, me separei desses homens ilustres – e do excelente Cornélio. No jornal, o Vilhena continuava a dizer ao rei, em artigos académicos, quão melindrosa era a sua situação de ofendido – par-do-reino, conselheiro de Estado; isto, aquilo –, tudo o que o Hintze desesperadamente lhe atirava para cima. para o consolar.

Veio a República e ele tomou aquela atitude digna e afastada que lhe competia. Cortaram-lhe aos ordenados, deixou de fumar os charutos opíparos em que aparecia pendurado, olhando com atenção e risco todas as mulheres que passavam. E, ofendido com os seus correligionários, com o rei, com a Monarquia e a República, não tardará a acabar (há meses que está doente). ofendido com a vida...

JOSÉ DE AZEVEDO

1923. O José de Azevedo Castelo Branco, que morreu como um crente, conservou até ao fim uma grande lucidez de espírito. Dizem que acabou de arteriosclerose e talvez de um cirro no fígado. Fosse do que fosse, a certa altura foi preciso radiografá-lo e encontraram-lhe um estômago muito pequeno em relação àquele corpanzil:

– E vejam lá – comentava ele –, dizem que eu era um comilão, no tempo da Monarquia!

O Hemetério Arantes, seu amigo, foi vê-lo.

– Está a vestir-se. – Esperou e viu-o avançar no fundo do corredor, mais magro e maior, enorme. Havia emagrecido e parecia que tinha crescido. Antes que ele falasse, disse logo:

– Não me pergunte como estou. Os jornais dizem que estou convalescente, mas eu sei perfeitamente como estou.

Alguém tinha fumado, na sala, mas tivera o cuidado de a arejar, antes que ele entrasse. Ainda assim, notou:

– Cheira aqui, horrivelmente, a tabaco. Vão-me encharcar o lenço em água-de-colónia. É que, depois que deixei de fumar, tenho o olfacto tão desenvolvido que me cheira aqui, na Rua Borges Carneiro, à catinga do António Maria da Silva no Terreiro do Paço.

Oito dias antes de morrer quis ir a casa do filho. Meteram-no num carro. Quando chegou, disse:

– Levem-me para o terraço. Quero ver o mar. Agora deixem-me só.

Embrulharam-lhe as pernas, ficou sozinho, com os olhos postos no mar, desatando a soluçar como uma criança. Meia hora depois, foi para casa e daí a uns dias morria.

Contava, muitas vezes, este pormenor da sua ida à China:

– Fui lá porque, nessa ocasião, não convinha a determinadas pessoas que eu estivesse em Lisboa. – Instruções? – perguntei ao ministro: tratava-se duma conferência internacional importante. – Instruções? Instruções recebe-as V. Ex.” em Paris. – Em Paris esperei três meses.

«Por fim, telegrafei. – Instruções? – Parta, que recebe as instruções em Macau. – Cheguei a Macau e nada. Voltei a telegrafar. – instruções? – Veio, por fim, a resposta: – Siga a política do ministro inglês. – Procurei O ministro inglês, que me disse: – Da melhor vontade, mas a conferência terminou há três meses.

Fevereiro de 1923

Fui ontem para a galeria do S. Luís. Estava tudo cheio de gente boa, da que antigamente frequentava a plateia, repleta de novos-ricos e de mulheres de xaille.

Toda a Baixa de Lisboa se está a transformar em bancos, casas de câmbio e casas de batota.

Um dia destes jantei no Leão Triste, que estava abarrotado de mulheres, e o Columbano, sentado ao meu lado, disse:

Ainda me lembro do tempo em que não entrava nos restaurantes nenhuma mulher séria. Era uma vergonha! Hoje, está tudo cheio de mulheres a comer nos restaurantes, porque há muito dinheiro e a falta de criadas é grande.

BASÍLIO TELES

O Basílio Teles (15 de Março de 1923) morreu de fome, não desta fome de quem não tem uma côdea para roer, mas de miséria acumulada e de frio, de isolamento, de negrume e de orgulho também.

O Ezequiel de Campos contou-me hoje o seguinte:

– Eu era a única pessoa que ele ultimamente recebia, mas recomendava-me sempre: – Venha à tarde. – Um dia não pude e apareci de manhã. Veio à janela e perguntou-me:

– Eu não lhe disse que viesse sempre à tarde? – O Basílio, eu não posso aparecer hoje à tarde. – Então, entre. – Abriu-me a porta e fui encontrá-lo com um cobertor pelos ombros, apertado na cinta por um barbante, a fazer o almoço – farinha de pau e feijões. Tinha na cozinha uma malga esbeçada, um garfo e uma panela.

O seu grande sonho era vir para Lisboa: – Veja se me arranja a ir para Lisboa, para um arquivo procurar papéis para uma história contemporânea. – O que ele na realidade queria era vir para Lisboa conspirar. Perguntava muito pela *Batalha*, pelos rapazes que escreviam na *Batalha*, pelas forças que ele sentia vivas e audazes.

Com chá forte, farinha de pau e um idealismo feroz foi sonhando e vivendo, sonhando e morrendo.

Mas o António José de Almeida diz-me hoje.

– Oferecemos-lhe tudo, recusou tudo. O António Maria da Silva estava pronto a fazer-lhe tudo que ele quisesse.

Mas o António Maria da Silva não compreendia que o Basílio Teles, no seu orgulho feroz, no seu idealismo feroz, na sua imensa solidão de poeta, podia ter um vislumbre de desejo mas não podia aceitar nada das mãos do António Maria da Silva? Antes morrer de fome. Foi de fome que ele efectivamente morreu.

De Ezequiel de Campos, no número de homenagem a Basílio, imaginando a sua entrada no céu:

«Hossana in excelsis! Hossana in excelsis!» E enquanto o Basílio, de varino mais branco do que o seu cabelo aureolado de santidade, caminhava magrinho e despenhado, a relancear os olhos azuis pelos presentes tão seus conhecidos, mártires do dever e do sonho de bondade, S. Pedro, que o acolitava, sorridente e pesaroso, dizia-lhe abertamente: – «Só agora, Basílio! Donde vens tu, coitado! homem fora do teu tempo! Trazes misérias estampadas em tudo. Eu sei: a tua varanda para o mar fustigava-a o sudoeste cheio de humidade; a tua sala para a rua era fria do norte; a tua alcova ao pé da cozinha não tinha luz nem ar; o teu quarto ao pé da sala era nu como um deserto de aconchego... as tuas cadeiras sem fundo, a tua enxerga pobre; a tua chaleira sem lume, a tua malguinha do chá tão velha, os teus talheres tão pobres e desirmanados... a dúzia dos teus livros tão tristes... Nem o olhar amigo e fiel dum cão; nem o afago macio dum gato... nem um grilo a cantar na tua lareira! Eu sei do que morreste; foi do temporal que esburacou o molhe de Leixões.

Todos o viram; bateu forte na tua casa, agravou-te o reumatismo. Para resistir, tomaste mais chá com açúcar, O fogo apagou-se, as pinhas não ardiam bem, verdes e húmidas. Eu sei tudo: o Campos não veio contar-te que já não havia nação a quem dirigir o *apelo* que assinaste; mas tu já o sabias de há muito. Tudo e todos te esmagaram. Ah! meu amigo: o perigo é vacilar, porque então desmorona tudo: é uma tragédia; e o coração bruscamente não pode mais: penetra dentro de nós o cansaço do vencido, o isolamento da Fé e da Vitória. E morre-se, sem se saber de que. – Todo Poderoso, abraça este mártir do dever. Hoje à tua mão direita: tem as honras do céu. «Hossana, Hossana in excelsis!...»

Sim, é muito bom ter as honras do céu! E as da terra? As da terra são para os medíocres, para os que não têm escrúpulos – para os espertos que se riem destes poetas isolados e inúteis.

Antero trabalhou muito na organização do ministério em que entrou Oliveira Martins, presidido por José Dias Ferreira, que, no fim, pensando que ele andava naquilo por causa de um emprego, lhe disse com um ar protector:

– Esteja descansado, senhor Quental, que eu não o esqueço...

Logo depois da morte de D. Carlos começaram a aparecer-me, hoje uns, amanhã outros, os marinheiros do iate real, tudo gente escolhida e alguns já velhos de barba de passa-piolho, queixando-se de que os iam substituindo um a um, mandando-os para outros serviços. Disse-o ao rei, que me respondeu: – Vou já saber tudo. – E, pelo telefone, convidou o Ferreira do Amaral para almoçar no dia seguinte, tentando-o com várias iguarias: – Dou-lhe arroz de caril... dou-lhe... – até que o almirante, que se desculpava, acabou por dizer: – Vou lá amanhã. – Foi e almoçámos todos três, nos aposentos do rei, que, à sobremesa, lhe falou na transferência dos marinheiros. Foram elas! Ficou furioso e, voltando-se para mim, exclamou: – Estão muito bem transferidos, e não admito que se meta nisso! – Se fosse noutra parte, tinha-lhe ferrado com um prato na cara... Dias depois começaram a aparecer os novos marinheiros do iate. Eram todos rufias, de braços e peitos tatuados com estes dizeres: – *Viva o Afonso Costa! Viva a República!*, etc. – E aí tem – concluiu o Melo Breyner – porque o iate não foi para o Norte após a revolução: os marinheiros, todos republicanos, não deixaram...⁸

É um tipo com alguns fios brancos na barba castanho-escuro e um olhar claro que se insinua – é um tipo que se conserva fiel ao seu rei e que se dá com toda a gente, desde os monárquicos aos anarquistas. Isto vem da sua profissão e talvez, também, da sua curiosidade. Mas vem, principalmente, da profissão que o conde de Maфра exerce no hospital, gratuitamente, só para não assinar não sei que compromisso absurdo. – No meu escritório recebo toda a gente, na minha casa só recebo os meus amigos – diz ele.

Tem tratado milhares de meretrizes, com uma extraordinária caridade. Na véspera de Natal é a condessa que lhes leva bolos, «um copo de água que é de vinho». Todas o conhecem e cumprimentam discretamente com um sorriso – mas, se o encontram numa rua frequentada, nem para ele olham. É o que há de pior em Lisboa – é a Rua do Capelão em peso; pois tiveram esta extraordinária delicadeza de sentimento:

Um dia, um filho de Melo Breyner esteve à morte. Souberam-no e sabiam como ele o estremecia. Foram todas saber dele – mas, como não se atreviam a bater-lhe à porta (todas tiveram a mesma noção e a mesma delicadeza admirável), foram uma a uma à mercearia da esquina perguntar como ele estava.

Janeiro, 1926

Na *Correspondência* aparece-nos outro Eça. Deixou cair o monóculo. É uma figura admirável de simplicidade e de humanidade. Eis alguns traços contados pelo filho:

«Meu pai era infantil. Um dia, deram-nos um comboio que corria sobre raíles e entrava e saía dos túneis, como um comboio verdadeiro. Pois de manhã fomos encontrá-

⁸ Como, um ano depois, tivesse dito a Melo Breyner que ia contar a nossa conversa, de novo ele a repetiu – mas já transfigurada. Pediu-me que a não contasse nas *Memórias*. Devo dizer que este ponto da história me parece interessante e que precisa de ser esclarecido.

lo no jardim, de pijama, entusiasmado, a correr atrás do comboio, agitando os braços quando a máquina saía do túnel e apitava nas subidas. A sua grande alegria era ir connosco para o bosque de Neuilly. À frente marchava meu pai, de bicicleta – uma daquelas bicicletas antigas e enormes, a que se ligava um cesto com rodas. No cesto ia um meu irmão. Atrás, outra bicicleta com os amigos, esbaforidos, e meus irmãos mais pequenos. Era o primeiro nos cavalos de pau ou nas montanhas russas, da feira.

«Raro saía de casa. Levantava-se ao meio-dia, vestindo-se meticulosamente, como se tivesse de fazer visitas. Trabalhava de pé – sentando-se, dizia ele que perdia a imaginação – no meio da balbúrdia e do barulho que fazíamos, entre interrupções e gritos. Escrevia até muito tarde – duas, três horas da manhã. Nunca saía. Às vezes havia uma festa oficial: mandava lá um empregado do consulado, pregando-lhe a legião de honra na botoeira. Os amigos faziam-lhe constantemente partidas infantis. Duma vez encheram-lhe a casa de cobras, inofensivas, e doutra vimos, com espanto, avançarem pelas salas dentro três antigos chapéus altos! Era que eles tinham metido três papagaios dentro de velhos penantes comprados num ferro-velho.

«Todos os portugueses lhe batiam à porta: o José de Figueiredo, que, com grande admiração de minha mãe, levava o jantar consigo; o António Nobre, o Alberto de Oliveira e outros, que recebia sempre com simpatia. Era muito supersticioso; às sextas-feiras e nos dias treze, ninguém o arrancava de casa. Tinha medo aos fantasmas e aos agouros. Doente, no fim da vida, quase se sustentava de água de Evian. Mas, de quando em quando, saía com um amigo, e não resistia à salada de lagosta, ou a qualquer outra petisqueira que lhe fazia mal. Seguiam-se dias de sofrimento. Foi talvez por isto que não conseguiu curar-se, embora voltasse à água de Evian – para, gemendo, voltar ao pecado de guia... Nos seus tempos de Cuba, amou uma americana, e por causa dela viajou nos Estados Unidos. Dessa época devem existir, não sei onde, cartas interessantíssimas, de amor... Talvez o melhor, o mais belo da sua obra.»

E o Batalha Reis faz surgir diante de mim outro Eça, o Eça rapaz, quando dormia no mesmo quarto com ele, num colchão no chão, e, em camisa, fazia *charges* endiabradas, embrulhado num lençol, esgrouviado, de braços e pernas como linhas e monóculo no olho.

Este Batalha Reis é um tipo de 80 anos, baixo, forte, todo branco e olho esperto através das lunetas. Cada dia acho este homem mais extraordinário – por dentro e por fora. Levanta-se fresco como um rapaz e com uma força e uma lógica novas, para discutir com os outros. O que ele quer é discutir... Se tem quem o ature, está a pé toda a noite. De manhã, toma um banho de água fria, conserva-se uma hora cm pêlo, ao ar, e dá um passeio de léguas; de tarde, exaure os rapazes e os homens que vivem na York House com ele – o Pascoaes, o Justino, os poetas. Toda a noite! toda a noite! E, logo de manhã, é o primeiro a levantar-se, sempre com o mesmo viço e frescura. Vive para raciocinar, para discutir todos os problemas – para construir uma filosofia e uma estética: – O fim da arte não é o belo, é o indefinido.

Às vezes, pesa arrobos, porque nunca se cala. Duma vez, ia com o Soveral para França, no comboio, e, quando chegaram ao Entroncamento, o Soveral, que não podia mais e não era caco para semelhantes discussões, disse-lhe:

– Batalha Reis, vamos fazer uma combinação: nós, agora, até Paris, fingimos que temos as relações cortadas...

Estas noites, diante de nós, que o ouvimos, deslumbrados, faz ressurgir os seus amigos mortos, a gente admirável do Cenáculo...

– O pior que há na vida – conclui ele, sem amargura – é o irremediável...

Homens tremendos! Geração tremenda! Este, só cabeça, só engenho, só concepção – e duma força que nos deixa exaustos. É uma mola de aço, sempre nova. Diz:

– O meu valor é ter durado. É o das pirâmides do Egipto.

Por vezes, lembra-me Junqueiro, perdido nas suas teorias, aquele Junqueiro que o foi procurar a Londres e que da grande cidade só viu o nevoeiro, porque no tempo que lá passou não fez outra coisa senão falar com o Batalha Reis, agarrados um ao outro, dia e noite, pregando teorias um ao outro, sem olharem sequer para o lado... Quando vai embora da York House, para Torres, onde vive, na quinta da Viscondessa, vai a custo, vai com saudades, não dos homens, mas da palestra.

– Vou, porque tenho lá minhas filhas e porque o meu vinho ainda está na mãe e preciso trasfegá-lo.

Batalha Reis era nosso ministro na Rússia, na data da revolução bolchevista, e descreve os quadros da rua, a matança dos oficiais pelos soldados, os fuzilamentos em massa. os oficiais alemães a passearem, à vontade, em S. Petersburgo, e, principalmente, uma cena interessante com Lenine.

As legações, logo que se fez o bolchevismo, cerraram todas as relações com o Governo. Mas um dia prenderam o ministro da Roménia e os outros reuniram-se e acordaram em protestar em massa contra essa prisão arbitrária. O camarada das relações exteriores era um idiota, mas Lenine não, Lenine era uma figura. Viu logo que a prisão do ministro tinha sido uma asneira e estava morto por transigir. Explicou: – Prendi-o porque os romenos estavam constantemente a atacar-nos nas fronteiras e a apreender-nos as munições... – Resposta, discursos, palavras sobre a inviolabilidade das legações, etc. –até que o da Sérvia, que tinha sido guerrilheiro, avançou para ele, chegando-lhe os punhos à cara. Agarrámo-lo pela casaca, entrevistamos para apaziguar, e Lenine, sempre com a mesma fleuma: – Deixem-no, prefiro isto aos seus discursos diplomáticos! – Tínhamos ido para lá em tal atitude de protesto, que só havia uma saída – prender-nos a todos também. Era um golpe. Era o golpe que nos convinha – mas que não convinha a Lenine. O ministro da América cometeu uma *gaffe*, que ele logo aproveitou. – Estou certo – disse o homem –. que, se os senhores soltarem o ministro, a Roménia levará este acto em conta, não continuando a atacar o Exército russo.

– Ah!. – exclamou ele, logo –, se os senhores se comprometerem a dar-nos reparações...

– Não! não nos comprometemos a nada! – declarámos todos juntos. – Viemos apenas protestar!

Mas foi de balde. Lenine já não quis ouvir mais nada. Aproveitou a deixa e nunca mais a largou, apesar de todas as nossas observações. Nunca mais – e teimou:

– Visto que os senhores se comprometem a dar-nos reparações, vou mandar soltar o homem.

E não houve arrancá-lo dali. Era o que lhe convinha.

–E a revolução?

– Era visível que a revolução tinha sido feita e comandada pelos alemães. Só se viam oficiais alemães em Petersburgo. Mesmo quando o Exército estava ainda muito longe. já os oficiais passeavam, fardados e livremente, nas ruas. O responsável do assassinio da família real foi, realmente, o *kaiser*.

MAGALHÃES LIMA

Morreu um dia destes (Dezembro, 1928) Magalhães Lima, grão-mestre da Maçonaria, que teve inimigos rancorosos. Havia quem mudasse de expressão ao encontrá-lo e um meu amigo disse-me um dia: – Vejo-o sempre coberto de sangue.

– Afirmava-se que fora ele quem mandara matar o Sidónio – ele que era incapaz de mandar matar uma mosca.

Morava num segundo andar da Rua do Mundo, numa casa mal mobilada, meia dúzia de cadeiras e coisas insignificantes e gastas. – Não sinto necessidade de conforto. Morreu mais cedo talvez por isso – por desleixo, porque não se tratou a tempo como devia ser tratado. Uma senhora que foi visitá-lo conta que quis pôr-lhe papas de linhaça e não havia em casa um lenço em termos. A criada propunha-se cortar um pedaço de lençol, mas esse homem rico só tinha quatro lençóis. Resolveram pôr-lhe as papas num papel. Vivia quase como um estudante de Coimbra. Fazia tudo num grande penico e, como o penico esbeixasse, tirou o fundo de palha a uma cadeira para se poder sentar. – Mas não tem outro? – Não quero outro.

– Pobreza? Deixou dinheiro para comprar todos os penicos de Lisboa — mil e seiscentos contos. Para se lhe entrar em casa subia-se por uma escada carunchosa e sem patamar, que dava a impressão de ser a escada duma velha nau a desconjuntar-se, e ao fundo da qual havia uma janela com dois vidros partidos. Quem lá entrasse apanhava pelo menos uma constipação: – Não volto lá enquanto você não mandar pôr os vidros – disse-lhe um amigo. – Já escrevi ao senhorio para os mandar pôr. Tinha um palácio na Rua do Salitre. Mas recebia a renda e era ali na Rua do Mundo que introduzia os seus amigos, as suas relações internacionais que o procuravam, com um *robe de chambre* muito antigo e muito gasto e que a criada remendara com um pedaço de saia preta.

Tal era o homem a quem Junqueiro chamou caixeiro-viajante da República. Bom –um pouco fraco –, bastante grave e já fora de moda – como um poeta de terceira ordem que teima em viver e em sorrir para o mundo moderno. Mesmo em novo o seu louro devia ser desbotado. Duma vontade mole, achava talento a toda a gente, o que foi suficiente para não lhe acharem a ele talento nenhum.

COLUMBANO

Naquele velho casarão das Belas-Artes trabalham, nos seus *ateliers*, vários artistas, como se vivessem separados por montanhas (são como os escritores – não se podem ver): o Carlos Reis, todo branco e de olho torto para a esquerda, o Salgado, o Freire (poder oculto do Museu de Arte Antiga) e outros, escondidos entre paredes silenciosas. Aqui vive o melhor da sua vida o grande mestre Columbano. que só sai de casa para o *atelier* e do *atelier* para casa.

É uma criança. É, ao mesmo tempo, um tipo encantador, que aos 70 anos não compreendeu ainda a vida e tem amargado a vida – e um génio extraordinário.

Não o sei descrever, porque está fora do mundo e do seu tempo – fora da realidade. Sentimento da Natureza não tem nenhum; pinta o céu como a terra: da mesma cor. «Dizem que o céu é azul. Que me importa que o céu seja azul; a gente não foi que o fez!» Fomos uma tarde a um largo passeio no Tejo: aquele deslumbramento de luz aborreceu-o. No Norte levei-o um dia a ver o mar. Voltou-lhe as costas, desesperado:

«É muito grande.» As figuras dos seus retratos, ao mesmo tempo dolorosas e escuras, onde há um silêncio de morte, arranca-as ao sonho interior, que tem sido o de toda a sua vida. Poucos as sentem, e um dia Blasco Ibañez, na vulgaridade de romancista cenográfico, atreveu-se a dizer-lhe de rompante, depois de olhar para as teias: – A la calle! Vá usted à la calle!...

Viveu para o seu ideal, entranhado até ao âmago, sem ver nem ouvir o mundo, que às vezes lhe dá encontrões no meio da rua. Quase todos os pintores o detestam: «Pinta feio. Pinta escuro.» E, quando muito, há quem afirme, com frieza: «É um grande pintor...» Mas quase acham justo que viva arredado e morra isolado... Falta-lhe – e ele sente-o – a atmosfera de carinho de que são rodeados os grandes homens lá fora. O nosso povo, materialista, não concebe estas figuras extraordinárias que o salvam do esquecimento. Desdenha-as. Digamos tudo: há em volta delas certo ambiente de antipatia. Primeiro trabalham – e os outros não trabalham. Depois vivem num mundo à parte, que não concebem e odeiam. Dão a impressão de que são empurrados para o lado pelo tropel que passa e que, no seu canto, alimentados de sonho, já não pertencem a esta vida. São diferentes – estão fora do mundo.

Nunca conheci outro homem assim agarrado à sua obra, vivendo apenas para a sua obra, como este. Pobre. Todos os pintores querem vender. O mestre Columbano não quer vender. Ao contrário, quando encontra alguma tela sua, compra-a e revê-se nela. Ouço-o dizer:

– Ninguém tem vivido o que eu vivi aqui dentro. Eles são desgraçados, eu sou feliz.

Nunca um retrato dos que gosta de fazer, dos que não lhe são pagos, está pronto.

– Um retrato nunca se acaba.

Tudo, neste mundo moderno, se atropela – só ele se queda absorto e quase esquecido. Lisboa já não é a mesma

Lisboa que conheceu – o seu sonho é que não varia, nem a sua vida pura e simples, onde nunca entrou o amor ao dinheiro.

Às vezes vejo-o passar no Chiado, a ele e à mulher, como duas sombras que ocupam pouco espaço, para evitar os encontrões. Ao chegarem à Bertrand, ele espreita para dentro:

se eu lá estou ou o Pascoaes, entra; se não nos vê, não se atreve e passam. os dois, alheados, como se vivessem no Pólo.

Vai de casa para o *atelier* e do *atelier* para casa.

– Quando me sinto infeliz, meto-me aqui dentro e ponho-me a olhar para os meus quadros. Eu não sou modesto.

Às vezes põe-se a falar do passado:

– O general Castelo Branco encomendou-me os quadros dos *Lusíadas* para o Museu de Artilharia e pagava-mos às mesadas... Se me encontrava na rua, ralhava logo comigo como com os operários: «Então o senhor anda por aqui a passear e a obra por concluir?...» Quando acabava uma tela e esta era colocada na parede, aparecia uma comissão de generais, com um sargento ao lado, para a julgar. Olhavam e diziam, com espanto, uns para os outros: «Mas que é isto?! Eu não percebo nada!» Eu suava frio. Até que me aborreci e não pinte mais.

No princípio da sua vida expôs em Lisboa aquele extraordinário *Concerto*, que hoje está no Museu de Arte Contemporânea, e que já tinha sido admitido no *Salon* de Paris. Pois, apesar disso, foi recusado e colocado na parede dos recusados, e a indignação atingiu o auge. O Atouguia, director das Belas-Artes, exclamava, de braços cruzados, diante dele:

– Então isto é coisa que se faça?!

– Tenho passado misérias – continua o mestre, que só agora vive com um certo desafogo, depois que pintou os painéis dos Passos Perdidos. – Rico está o Malhoa, está talvez o Carlos Reis; eu estou velho e pobre. – E, como sempre, geme e queixa-se: – E ninguém faz caso de mim. No ano passado (1927) inventaram que já não podia trabalhar e um dos meus colegas foi dizer ao ministro que eu não acabava os quadros. Tenho sido combatido sempre e agora, aos 70 anos, vivo isolado e esquecido.

Mas trabalha, trabalha sempre, trabalha até à última, todos os dias, excepto à segunda-feira, que considera dia aziago.

– E, cada vez que começo um quadro, tenho sempre a mesma impressão de medo, como se fosse a primeira vez que pintasse.

Algumas notas:

Todos os artistas iam, em Paris, pintar modelos-vivos para um grande *atelier* – portugueses, turcos, franceses, etc. Pagava-se um franco por dia. E todos, no fim da sessão, iam ver a pintura de Columbano, estranhando-a. O próprio mestre lhe disse: *C'est du Velásquez*.

Ele nunca tinha visto Velásquez. O pintor Loureiro, seu camarada e amigo, resolveu:

– Tens de expor no Salão um grande quadro.

– Nem dinheiro tenho para a tela.

Foi o Loureiro quem pediu quatro libras ao Martel, que vivia em Paris, casado com uma francesa, e Columbano fez o *Concerto*, servindo-lhes a Senhora D. Maria Augusta e o Loureiro de modelos. Por isso Columbano presenteou Martel com um quadrinho da floresta de Fontainebleau – Loureiro a pintar.

1927. Um dia destes foi-me visitar. Não sabia onde eu morava – e não queria de maneira nenhuma aceitar que eu vivesse naquele prédio novo, «pintado de feijão encarnado», no Parque Eduardo VII. Teimava em bater à porta duma velha casa portuguesa, ali ao pé, pintada de cinzento, apesar das admoestações da mulher.

– É aqui. Um artista não pode morar naquela casa.

É encantador. Descobriu ontem, no Anatole France, não sei que história de formigas que o tem entusiasmado. De quando em quando a Emília surpreende-o a rir sozinho. Queixa-se. E cada vez sabe menos da vida prática.

– Eu sou o maior admirador de mim mesmo.

O mundo não precisa dele. Ele não é rico, nem dirige um jornal. Nem sequer se interessa pelas coisas que interessam toda a gente. Preferiu à vida prática aquela vida recolhida e agarrada a uma coisa desmedida que não existe. Talvez o mundo seja justo quando odeia a beleza e o sonho, que entrevê mas não pode atingir.

Talvez o mundo seja justo em odiar todas as excepções – que tornam certos homens diferentes mas felizes. Pobre não importa. Pobre e desdenhado. O que importa é ser grande e feliz.

Também trabalhou na fábrica das Caídas, quando o irmão foi a Paris. São dele os bonecos, uma velha e um velho, um garoto a esganar um gato, que para aí se vendeu como do Rafael. Fez algumas caricaturas no *António Maria* e assinou-as Rafael. Quase todos os irmãos desenhavam, porque a casa do pai foi uma grande escola. Depois de se tirar a toalha da mesa de jantar, cada um pegava no lápis e no papel, à excepção do mais novo, que tocava guitarra.

Fala do pai com uma grande ternura e com pena de só muito tarde o compreender. Era um homem alegre, apesar das dificuldades da vida, e um pintor de talento extraordinário para a sua época. Fala duma tia que não podia dormir e o esperava, até altas horas, para lhe contar histórias do passado; fala dos irmãos, com saudade, principalmente daquela senhora admirável que eu conheci, no pátio do Martel, a fazer renda. Está com vontade de escrever as suas *Memórias*.

A sr^a D. Maria Augusta Bordalo Pinheiro teve sempre um pesar oculto: não se ter casado com o António Enes, que, à última hora e depois de a ter pedido, rompeu e desfez o casamento para ir viver com uma actriz. A sr^a D. Maria Augusta não se queixou. Calou-se, e ficou solteira. Nunca mais ninguém a ouviu aludir àquele drama de amor. Mas, doze horas antes de morrer, pôs-se, de repente, a falar, a falar, e falou, até à última, contando, à pessoa que estava à cabeceira da sua cama, toda a sua vida de rapariga, o seu romance, a sua paixão espezinha – o grande segredo com que viveu calada – mas sempre vivo no fundo do coração.

O dr. Manuel Bordalo Pinheiro, irmão de Columbano, e tantos anos médico no Ministério da Marinha, depois de velho e reformado, nos últimos anos da vida, não passou fome porque os irmãos lhe acudiram.

Columbano, toda a vida viveu pobre – e pobre morreu. Mataram-no, no dia em que lhe tiraram, por ter atingido o limite de idade, o lugar de director do Museu, ao qual se tinha dedicado apaixonadamente, gastando com ele até as suas economias. Nunca mais pôde dormir. Passava as noites agitado, sem apagar a luz nem pregar olho – e anteontem, 6 de Novembro, o coração parou-lhe, não podendo dominar a bronquite. A bronquite e a tristeza.

Eu não sei se estas coisas se devem dizer – mas eu digo-o... Algum tempo antes de lhe pagarem os painéis das Cortes, viveu com faltas – viveu como um santo, só para deixar todos os quadros ao seu país. Duma vez, do Brasil, ofereceram-lhe um preço excessivo por algumas telas. Rapou aflições enquanto não mandou um telegrama dizendo que não vendia!

Era um grande patriota. Nunca ouvia, sem protesto, dizer que Portugal era um país pequeno. – Os espanhóis é que nos fazem mal e nos separam do mundo. – E foi para deixar tudo à sua pátria que morreu pobre.

Fevereiro de 1930

É um lindo espectáculo ir, às tardes, ao Largo do Camões ver os pardais recolherem-se às grandes árvores do cantinho Juntam-se primeiro nos telhados ou nos fios. Lançam-se, às revoadas, pelo ar doirado, todos doirados de sol. Depois, na última luz, descem, às centenas, sobre as duas ou três árvores escolhidas, onde passam a noite, chiando e bulhando antes de adormecerem. Uma pequena de dez anos explicava assim aos irmãos este espectáculo:

– É um largo – sabes? – onde está Camões a dizer ver505 e, à volta, os pardais a aplaudi-lo.

Pois ontem, de repente, às 11 horas da noite, o vento e a chuva glacial, num minuto, alastraram o chão das aves que tinham pousado naquelas árvores. Matou-as aos milhares. De manhã, apanhavam-se às pasadas. Todo o largo parecia emudecido, e já não havia quem aplaudisse o poeta.

Quando um facto inesperado e observado deita abaixo o meu castelo de cartas, e me põem em frente do acaso governando a vida – fico gelado de pavor.

O SANGUE

José Sampaio (Bruno), conversador extraordinário, corria altas horas as ruas denegridas e húmidas do Porto, com dois ou três amigos, falando, parando, discutindo até alta madrugada. Vinha tudo à baila: Deus, o universo, os filósofos e a política. Agregavam-se às vezes àqueles homens alguns rapazes, que os ouviam fascinados. Eu era um deles, e ouvi-lhe, uma noite, estas palavras que nunca mais me esqueceram:

– Escusam de procurar... a nossa ruína não vem dos políticos nem do regime. Mudaremos o regime e ficaremos na mesma. O mal é mais profundo – o mal é da raça.

– A raça? Mas, com esta raça, descobrimos o Mundo!... Não me lembro o que ele respondeu, nem mesmo se atendeu à interrogação. Sei que continuou:

– O mal é da raça. Se quisermos modificar o País, temos de fazer exactamente o mesmo que se faz com os cavalos, temos de mandar vir homens do Norte, ingleses, escandinavos ou suecos, e de montar aqui e além postos de cobrição.

Uma gargalhada acolheu a *boutade*. E a conversa seguiu logo outro rumo. Aqueles três ou quatro homens, todos notáveis – Basílio Teles, embrulhado no seu gabinado, o matemático Falcão, que só tinha um prazer na vida: falar, e por ele esqueceu tudo, o culto Crispiniano da Fonseca, que foi um dos fundadores de *A Pátria* e acabou, mais tarde. no Brasil –, faziam-nos esquecer a noite e as ruas sinistras e ermas do Porto, cheias de sombras a esvoaçar na humidade e no negrume. Seguimo-los deslumbrados.

Vi, mais tarde, que a causa principal da nossa decadência foi, não a raça mas a falta de *élites*. A raça, o povo, é o mesmo, com as qualidades e os defeitos que sempre teve; as *dites*, duma origem diferente e superior, é que desapareceram, primeiro afogadas em sangue negro e, por último, no desastre de Alcácer Quibir.

Foi uma raça superior que levou esta mescla, tantas vezes fundida e refundida, à história e à dor. O nosso fundo étnico é um misto de «cruzamentos complicadíssimos de selvagens da época quaternária com iberos, lígures, fenícios, celtas, cartagineses, romanos, suevos, godos e árabes, predominando. ao que parece, os velhos troncos iberos, modificados por elementos arianos» (Sílvio Romero e J. Ribeiro) – populações constantemente destruídas pelas guerras.

Só aqui e ali, no alto das montanhas, uma ou outra mancha resistia. As invasões não deixavam nada de pé. Peste e fome. As mães comiam os filhos. Fojos e estradas indestrutíveis que o romano lançava, queimando as alfurjas dos cimos, para chamar as populações à civilização e ao imposto. Os bárbaros e os mestiços macaqueavam Roma passeando de toga e escrevendo em latim que Cícero classifica com ironia. Era tudo à flor da pele: viviam na crápula e o que melhor lhes convinha como senhor era o árabe cruel – a mixórdia dos governos *em perpétuas sedições de serralho e crueldade*. Ondas de sangue negro inundam a Península (domínio árabe), gente incapaz de civilização, incapaz de coesão, de ideal. Vinham da remota África cevar-se – mas os godos, fincados nas ásperas serranias das Astúrias, pouco e pouco alastram. – Mais destruições. A Espanha é transformada num vasto ossuário: de cada palmo de terra se levanta uma nuvem de pó que cheira a cadáver – ficam alguns vestígios primitivos, pedras das moradas, arcas dos deuses, algumas palavras gravadas e mortos sobre mortos sobrepostos.

Aqueles homens tremendos, logo que passava o peso do Inverno e as chuvas torrenciais, deixavam os fojos e as cavernas e partiam para a matança através das florestas que não tinham fim. Eram indomáveis e ferozes. Pouco a pouco alargaram as suas conquistas. Mais sangue. No decorrer de dois séculos não há na Península senão batalhas e mortes. Os maometanos caminham para a dissolução. São os outros

visigodos, germanos, nórdicos, enfim, que trazem os restos das diferentes raças da Península, da obscuridade para a civilização. A raça não importa nada, diz Alexandre Herculano. É exactamente o que importa. Não tivéssemos atrás de nós esta carga de mortos desconexa e saberíamos sempre para que fim caminhamos, exactamente como sabemos, diante da semente que temos na mão, qual é o fruto que a árvore vai produzir. É essa meia dúzia de homens que consegue escrever a História. Construções quase monolíticas, castelos denegridos, metem medo, selvajaria e uma fé que não esmorece noutra vida artificial – em Cristo.

O homem é tanto maior quanto maior é a sua capacidade de sonho. De sonho inútil. A única vida possível é a vida artificial, a vida que não existe, a vida que construímos ao lado da vida, a vida que nos afasta dos bichos. Talvez a felicidade consista realmente em nos aproximarmos da Natureza, em lavrar, em nos contentarmos com a enxerga, o colmo que nos cobre, em reduzirmos a vida às linhas essenciais. A felicidade é comezinha. Ouvi sempre dizer que felizes os homens que não têm história. E nós não teríamos efectivamente história se não fossem esses homens temerosos e idealistas, com uma capacidade maior de sonho, que nos levaram para as Descobertas, para a Índia e para a desgraça. Continuaríamos a desaparecer, geração atrás de geração, inutilmente lavrando na obscuridade ou vivendo nos grandes centros, entre costumes dóceis e depravados.

Que terror, nas cidades licenciosas, quando se aproximavam os salteadores de ferro, os soldados de Cristo, que perdoavam aos seus irmãos de crença! Os mozárabes batiam-se ao lado dos árabes na defesa das muralhas. Os judeus atraíam os godos, porque com os árabes viviam perfeitamente na dissolução.

É justo que Jesus aparecesse a Iben Henrik, prometendo-lhe a vitória. É natural que, nas batalhas, aos vivos se juntassem os mortos para vencerem.

Podem-se seguir pela História fora as figuras loiras que batalharam por inutilidades, por ideias fora da realidade imediata, de que o berbere, o árabe e o moiro são absolutamente incapazes.⁹ É aquela mulher, audaciosa e bela, que na escola nos habituámos a conhecer por D. Teresa ou Tareja, que forma uma corte, reúne os ricos homens e os condes, exerce sobre eles a sua influência pessoal, afirmando-se nesta época, diz Herculano, o sentimento da Nacionalidade. São os companheiros que querem morrer no estridor da batalha, amarrados uns aos outros.

O sangue da Península é quase africano.

Não resta, na história de Espanha, um traço de instituições dos cartagineses e serracenos, embora o primitivo sangue ibero porventura se confundisse, nas origens, com o dessa raça da África Setentrional. Todos os outros, até Roma, edificaram sobre areia. A solidariedade devemos-la aos godos. Os remos dividiam-se ou caíam como castelos de cartas. Viriato seria Rómulo de Espanha, diz Lúcio Floro, se os lusitanos se não perdessem «pela falta de espírito de solidariedade». Nem Roma consegue imprimir unidade a essa massa flutuante. Logo que é de novo invadida, que faz o berbere? Respira: *Magis inter barbaros*, etc... (Martins. *Civilização Ibérica*, p. 53.) Chega a vez dos godos, «que vêm mais como pacificadores do que como conquistadores». Reservam para si a autoridade e conservam, durante um século, a pureza do sangue. Só passado esse tempo é que se permite o casamento entre as duas raças, mas sabe Deus com que dificuldade! É outra gente. O rei só pode sê-lo quando for justo. Pela primeira vez, a intenção é o elemento da criminalidade. Submete-se a formas de processos públicos e

⁹ Parece que a civilização árabe nunca existiu. Os árabes não criaram uma arte ou uma filosofia. Foram os espanhóis muçulmanos ou cristãos que criaram a arte mourisca, limitando-se os outros a deixarem arruinar e cair tudo o que eles criaram. (*Les siècles obscurs du Maghreb du Nord*, Stephane Gseil.) Ver também Luís Bertrand.

regulares o direito de punir os escravos. São ferozes e selvagens (traições, venenos, raptos), é certo – mas possuem uma energia nova, acabada de forjar, e um novo sentimento de ideal. O velho rei de Leão (1108) confia o filho à vigilância e ao afecto dum conde. Os muçulmanos vencem a batalha. Sancho sente o cavalo fraquejar e diz: – o pai, o meu cavalo está ferido!... – Cerca-os o inimigo. O conde apeia-se, mete o infante entre ele e o escudo e defende-o, até que lhe decepam um pé à cutilada.. Não podendo mais, deita-se em cima de Sancho, e assim acabam ambos. A sensualidade do harém é substituída pelo amor mais forte que a morte (epitáfio de D. Teresa ou Tareia). São violentos, mas há neles um sentido mais alto, que os outros não possuem. Vêm o mundo com olhos diferentes. Vão para todos os crimes e não raro acabam em monges metidos nas celas dos conventos. Ainda chapeados de ferro, pousam o montante e põem-se a fazer versos:

Ay que me moyro!
ay que me moyro!

São eles que não nos deixam respirar e nos levam por mares nunca dantes navegados, arrostando com o terror e o mistério. São aqueles que dizem estas palavras, que fazem calafrios (Vicente Sodré, Duarte Pacheco) O mar é nosso, o mar ê de El-Rei! – Temos medo do Oceano, trágico como um pesadelo: atiram connosco para o mar; não podemos ser um país e fazem de nós um povo. Não fomos feitos para descobrir mundos – havemos de descobrir e criar novos mundos. Todos os fretes que não nos estavam destinados fazemo-los arrastados por essa *élite* que nos deslumbra os reis e os fidalgos de outra raça – a raça nórdica.

Evidentemente, eram-nos precisas qualidades, e temo-las: a fidelidade do galego, a sobriedade e a obediência, a admiração pelo fidalgo e um cachaço de propósito para a canga. Ainda hoje o minhoto enche a boca com o fidalgo – que ia não existe – e tem como tipo de beleza o homem alto e louro. Não o ruivo: o ruivo – tipo oriental – é o ruço-de-má-pêlo. Foi com o celta e o galego que a raça nórdica fez todos os extraordinários fretes da nossa história, agregando-lhe outros elementos que estão lá para o fundo – o berbere, o mouro, o preto, raças subjugadas, que não levantam a cabeça. E é com dois milhões de habitantes, e às vezes menos, que este pobre país vai à Índia, ao Brasil e ao inferno, combatendo e morrendo, dirigido por essas figuras que não têm descanso e não deixam de sonhar empresas irrealizáveis e absurdas!... O homem do povo obedece e caminha; a mulher carrega e pare. Abençoado dia em que os dois se fartam, pela primeira vez, com a descoberta do milho, que vem de fora, e lhes produz, nos campos, o grão que aloira a eira e transborda da tulha! O galego enche a boca com o nome: milho não lhe basta para o glorificar – chama-lhe milho.

Nem soldados, nem marítimos, nem aventureiros. Erro de toda a nossa história chamar-nos povo de mareantes. Nunca fomos mais que um povo de pequenos labrotes, com costumes simples, fidelidade aos chefes e amarrados às leirinhas. Mas marchamos. Servimos sempre. servimos no cabo das Tormentas, na África, na Oceânia, nas terradas e sarguicéis do golfo Pérsico, nas naus a esbarrondarem-se; servimos onde eles quiseram e até onde quiseram. Pelo ano de 1600 o povo português – essa mescla de raças a que eles insuflaram coesão –, cruzado de cutiladas e queimaduras, dá a impressão dum velho guerreiro que batalhou até ao fim. Condenado à História, deixou os ossos pelas sete partidas do Mundo.

A nossa decadência começa com as conquistas, não por causa do ouro, mas por causa dos cruzamentos. O sangue preto alastra no povo. «É muita a moirama que lá (em

Lisboa) vive e procede da Guiné» (*Voyages à Amsterdam*) e que se entranha até às mais remotas províncias. Já em 1465 Léo de Rosmital (Camilo Castelo Branco: *Cousas leves e pesadas*) diz: «Há, nesta cidade (Porto), muitos mouros, separados dos cristãos. Para onde vêm anualmente milhares de cativos que se vendem e trocam. Por quanto o rei de Portugal, mandando todos os anos exércitos àquelas regiões (Barberia), traz de lá muitos mil homens, mulheres e crianças. As mulheres e as crianças são distribuídas pelos moradores das suas cidades, os quais às suas custas o tomam.» Os mouros forros, os muçulmanos que aceitaram o jugo dos cristãos, empregaram-se na agricultura. Os cativos eram distribuídos pelo País, para carregarem pedra nas edificações. O mouro era o alv4nel, o pedreiro, o ensamblador. Foi ele quem nos deixou os balaústres das sacadas, as gelosias e muitos utensílios domésticos e da lavoura. Hortelão emérito e enxertador, ninguém tão bem como ele pesquisava e dirigia as águas. «Os serviços do mouro industrioso eram de tal maneira apreciados, até nas províncias do extremo norte, que os povos de Bragança solicitaram para o seu distrito a graça de serem excluídos do decreto de expulsão» (reinado de p. Manuel). Mas esta invasão de sangue era de menos importância... Com uma raça mesclada faz-se um grande país, havendo uma *élite* que a dirija. O pior é que o sangue negro começa, a certa altura, a alastrar na raça condutora, que não pode conservar-se indemne. Quase não houve família nobre em Portugal onde o sangue se não pervertesse. Seria preciso seguir isto nos nobiliários e fazer a história da cama, a mais importante de todas, a verdadeira história do futuro, já que não possuímos aquele formidável livro dos espanhóis, a que o duque de Saint Simon, *o das memórias*, chamava *Tizon Negro*. «Negrinhos, negrinhos, a que se dizem requebros; enjeitadinhos graciosos, vilões simples, vestidos de cor, que se chamam Dons fulanos, entram e vão para onde querem», nas casas fidalgas. (*Carta e guia de casados*, de D. Francisco Manuel de Melo.) «A Índia e a religião costumam dar boa acolhida a este género de gente» – aos bastardos. «Siso, seria destinar-lha», Isso sim! Um Chichorro era descendente de D. Afonso terceiro e duma formosa moura, e já por 1500 e tal Damião de Góis dizia dos fidalgos:

Mestre João sacerdote
de Barcelos natural
houve duma moura tal
um filho de boa sorte.

Pêro Esteves se chamou;
honradamente vivia;
por amores se casou
co'uma formosa judia.

Deste (pois nada se esconde)
nasceu Maria Pinheira,
mãe da mãe daquele conde,
que é conde de Castanheira.

Esta história secreta, a das famílias nobres, a dos livros das linhagens, a dos japões e da pimentinha do Brasil, a história, enfim, do sangue é que explicaria cabalmente o derranque da raça dirigente até ao episódio de Alcácer Quibir, onde acaba o resto. Citarei ainda alguns parágrafos de Gaspar Correia: «Muytas d'estas, assy negras e molheres solteiras, ouve muytas que casarão na índia com honrados cavaileiros e fidalgos. Cousa muy de notar querer Nosso Senhor que assy fosse, porque em nossas

partes os homens nos casamentos antes querem honra e bondade que riquezas, e se uma mulher tinha fumo de andarem com ella d'amores a nom querião ver, e por yssso perdia casamento; e quererem os homens as molheres d'esta terra, negras e de mão uso, e polo querer Nosso Senhor, taes que depois de casadas ganha não coroa de muyta honra de castidade, mormente nas malaures! Somente os filhos e filhas d'esta mistura sayrão tão errados da bondade de seus pays e mães; ao que alguns ouve que atribuirão a causa d'ysto ó grande mimo em que estas mães e pays criarião seus filhos, que trazião vestidos de seda, cubertos d'ouro, com moços e pages; o que tudo os pays fazião por comprazerem a suas molheres, a que eram muy afeiçoados; pelo que, criados assy em mimos e policia, sayão muy danados em máos costumes.» É ele também quem acaba a notícia do grande Afonso de Albuquerque por estas palavras que soam como um dobre a finados: «Sabido no Reyno de sua morte, El-Rev mostrou d'yssso grande sentimento, e lhe nobraceo hum filho que tinha, que Afonso d'Albuquerque ouvera sendo mancebo e huma mulher d'Africa, chamado Braz, que se criava em casa de sua tia dona Isabel d'Albuquerque, que andava no estudo. El-Rey o pôs em grandes honras e lhe pôs nome Afonso d'Albuquerque, como seu pay, de que o fez legitimo herdeiro de seu pay, e lhe mandou pagar cento e oitenta mil cruzados que deuiam a seu pay de seus ordenados e quintaladas de pimenta.» *Um mulato*. «Em Athenas por várias causas a decadência foi mais lenta; mas Roma, aberta ao sangue africano e asiático, transforma-se bem depressa em cloaca» (G. Le Bon, nas *Leis psicológicas da evolução dos povos*). E Chamberlain diz: «Parece estabelecido que certos cruzamentos enobrecem – mas há-os, como o sangue negro, que destroem as raças que se cruzam.»

Assim a raça condutora se degrada com os seres inferiores – como às vezes se sublima quando volta à origem: os filhos de D. João 1, por exemplo, de mãe inglesa e que são das maiores figuras da nossa história. Também sucede que de cruzamentos com tipos grosseiros nascem homens que iluminam o passado, mas iluminam-no com uni grande clarão fugaz que bruxuleia e logo se apaga. (D. Nuno Álvares Peleira.) Dessorando-se lentamente até ao reinado de D. Sebastião, o rei acaba com os últimos ramos intactos na batalha de Alcácer Quibir. Ele próprio é o tipo dum fim da raça: não passa dum tablado onde se debatem todos os mortos. O País está exausto, o rei não dá por isso, não pode: obedece ao impulso da raça de que é o último representante: vai fundar em Marrocos o grande império, vai continuar o sonho dos heróis – apesar dos conselhos de prudência, que não escuta. É já em fantasma que termina a história dos seus maiores por uma página trágica mas lógica. Ali acaba a Nação.

É de notar, rapidamente, que a nossa literatura nos oferece exemplos da mesma tese: Camões é o tipo perfeito da raça nórdica; Garrett é francês; Fernão Mendes Pinto, grande escritor, hoje de fama mundial, se tivesse escrito noutra língua, é um tipo oriental, O português puro, o português português, não tem literatura até ao século dezanove. A nossa literatura clássica é intragável: é o produto, com raras excepções, de frades babosos e místicos, que se não podem ler de fio a pavio. Raça pobre, humilde, feita para obedecer, incapaz de grande imaginação, de grandes voos ideais, capaz de ternura e de saudade, boa para ser levada para a morte e para a glória por homens doutro sangue, tem talvez em Gil Vicente o seu maior homem. No fundo daquelas páginas ouço sempre a gaita de foles de galego...

Desde Alcácer Quibir faltam o que na tropa se chama quadros – faltam as *élites*. A massa é a mesma: do Vouga para cima, uma gente que conserva quase todas as qualidades de fidelidade, de resignação, de sobriedade; do Vouga para baixo, os mesmos homens, mais ou menos pintados de branco. É a linha divisória, onde tudo muda – costumes, tradições, festas. Extraordinário pequeno povo, com o qual foi

possível fazer-se uma história admirável! Passou fome, dizimaram-no as pestes. A anos estéreis sucediam-se anos estéreis. Trabalhos forçados. E do passado não nos chega uma queixa. «A distinção notada pelos estrangeiros – diz Teófilo Braga –, entre a

população portuguesa do Norte e do Sul, explica-se pelo facto de sobre esse fundo ibérico se cruzar no Norte o elemento árico, ao passo que no Sul estacionou o elemento semita.» –O antagonismo entre Lisboa e Porto explica-se também por uma questão de raça. Ao passo que o semita, no Sul, queimava gente aos milhares, nunca foi possível fazer no Porto um auto-de-fé. Dava a minha vida para fazer a história deste povo e para demonstrar a importância do trabalho dessas massas obscuras colaborando na evolução das formas sociais, que às vezes me aparecem em toda a sua nudez. Pobre desgraçado país, que sem dinheiro e com uma população diminuta, depois de correr mundo, colonizou o Brasil, coloniza a África e faz todos os dias esforços inconscientes e extraordinários para encontrar um caminho. Foi sempre o que é hoje, capaz de todos os sacrifícios, com tanto que haja quem o dirija e se sinta enquadrado. Galegos e mouros, berberes e pretos, tudo marcha, desde que apareça quem marche à sua frente. No Brasil, o seu trabalho é extraordinário: – ainda hoje a gente fica surpresa com o português do Rio Grande, cheio de nobreza, a que Garibaldi se refere nas *Memórias*. E na América? Não é um americano, Jack London, quem afirma que o português (o açoriano) vale mais e melhor que o americano, a quem conquista, passo a passo, o solo da Califórnia?

Porque não dá resultado o esforço de Pombal? Porque é o nosso soldado péssimo ou ótimo, conforme os chefes? Não se bate e desorganiza tudo – mas vem Beresford e os oficiais ingleses e passa logo a ser, segundo Napoleão, dos melhores soldados do mundo. Portugal é urna pátria porque, para ter uma pátria, o essencial é merecê-la, e nós temo-la merecido, mais e melhor, do que muitos aos grandes países desse mundo.

O que é preciso é criar quanto antes novas *élites*. Diga-se tudo: as nossas últimas convulsões são uma luta inconsciente de sangue que procura um ideal e não o encontra. A maior tragédia passa-se na obscuridade e no silêncio, entre fantasmas que se querem impor, para viverem outra vez... Para os vencer e dominar, caminhando, não para o ideal antigo mas, ao menos, para a mercearia bem ordenada, de que falava Junqueiro, é necessário criar rapidamente novas *élites*. Não *élites* que nos subjuguem – mas *élites* que nos conduzam para a beleza e para a justiça...

PARA A HISTÓRIA DA REPÚBLICA

ESBOÇO BIBLIOGRÁFICO

Álvaro Pinheiro Chagas – «O Movimento Monárquico». 2 volumes. Editores Leitão & C.^a Porto, 1913.

A. Aires Pacheco (Cónego) – «A expulsão do Senhor Patriarca D. António I». Ed. António de Almeida e Costa. Lisboa, 1912.

Abílio Magro – «A Revolução de Couceiro». – Imprensa Moderna. Porto, 1912. – «A carabina do Buíça e o armeiro Heitor Ferreira». Ed. do autor. Lisboa, 1910.

António da Costa Ferreira – «Estudo de Psico-Patologia dos Regicidas». Tipografia do Anuário Comercial. Lisboa, 1911.

Archer de Lima – «Magalhães Lima e a sua obra». «A Editora». Lisboa, 1911.

Augusto Fuschini – «Liquidações Políticas». Companhia Tipográfica. Lisboa, 1896.

Alberto Xavier – «Política Republicana em Matéria Eclesiástica». Lamas & Franklin. Lisboa, 1912.

Arnaldo da Fonseca – «Do Regicídio à República». Cernadas & C.^a.

António José de Almeida – «Desafronta» – «A Alma Nacional».

A. M. Zilhão – «Camorra Política». Livraria Schettino. Rio de Janeiro. 1912.

António de Eça de Queirós. – «Na Fronteira» (Incursões Monárquicas de 1911 a 1912). Magalhães & Moniz. Porto, 1915.

António Duarte da Graça – «Cabo Verde» (Quatro meses e meio de uma Administração Ultramarina a pontapés ou A Administração do sr. Marinha de Campos). Imprensa de Manuel Lucas Torres Lisboa, 1911.

Árgus – «A Maçonaria em Portugal»). Edição da Ligue Anti-Maçonique. Paris.

Alfredo Pimenta – «Aos Conservadores Portugueses». Cernadas & C.^a. Lisboa, 1911.

Aníbal Soares – «Crónica do Exílio (Semanário). Paris, 1912.

Augusto José Miguéis – «Hino Republicano», dedicado ao Dr. Manuel de Arriaga.

Armando Ribeiro – «A Revolução Portuguesa». Editores João Romano Torres & C.^a. Lisboa, 1911. «O Começo dum Reinado» (Publicação aos fascículos). Ed. idem.

Bernardo Chouzal (Cónego) – «Regicídio e Regicídio». Livraria Ferreira. Lisboa, 1909.

Basílio Teles – «As Ditaduras» – «O Regime Revolucionário». Tipografia Minerva. Famalicão, 1911.– «A Constituição» – «Finanças». Livraria Moreira. Porto, 1911.– «Do Ultimato ao 31 de Janeiro» – «A Questão Religiosa». Livraria Moreira. Porto, 1913.

Basílio de Magalhães – «A Monarquia Portuguesa». Depositários: Cernadas & C^a, Ltd^a

Bernardo de Passos – «A Bandeira da República». Tip. Serafim. Faro, 1913.

Bettencourt Rodrigues (Dr.) – «A Pátria e o Povo Português». Livraria de A. M. Teixeira. Lisboa, 1912.

Celestino Steffanina – «Subsídios para a História da Revolução de 5 de Outubro de 1910». Tipografia do Comercio. Lisboa, 1913.

Carlos Malheiro Dias – «Do Desafio à Debandada». Livraria Clássica Editora, de A. M. Teixeira & C^a. Lisboa. 1912.– «O Estado Actual da Causa Monárquica» (publicado em fascículos). Editor José Bastos. Lisboa, 1912.– «Cartas de Lisboa» – «Em Redor dum Grande Drama».

Carlos de Melo – «A Verdadeira Pátria Portuguesa». Parceria António Maria Pereira. Lisboa, 1912.

Camilo de Oliveira (P.) – «O Padre e a República». Depositário: Eduardo Alves. Porto, 1912.

Cláudio José Guerra – «A Proclamação da República em Portugal e a Atitude da Colónia Portuguesa no Brasil». Imprensa Industrial. Recife, Pernambuco, 1911.

Carlos Mendes – «A Nova Bandeira». Livraria Portuguesa. Lisboa.

C. A. Costa Cabral – «A Acção Republicana Militar na Província». F. França Amado. Coimbra, 1911.

Camilo Rodrigues – «A Questão de Ambaca». Papelaria e Tip. Liberty. Lisboa, 1914.

Eurico de Seabra.– «A Igreja, As Congregações e a República». Depositaria, Livraria Clássica Editora. Lisboa, 1911

Eurico de Campos – «Quem silo os assassinos do dr. Sidónio Pais?» Tip. França Amado, Coimbra. 1919.

Eduardo de Sousa – «O Dezembrismo e a sua política na guerra». Companhia Portuguesa Editora, Porto, 1919 – «Após Monsanto».

Lumen, Lisboa, 1921.– «4 minha definição» (artigo publicado na «República», de Lisboa, em 1 de Setembro de 1913). Tip. da «Enciclopédia Portuguesa», Porto, 1913.

Eduardo José Pinheiro Domingues — «História que parece romance»
– «Infâmias da Carbonhia». Oficinas Gráficas de «O Albor». Rio de Janeiro. 1913.

Emílio Costa – «Vida portuguesa. Ilusões políticas». Tip. Estácio & Casaca, Portalegre, 1913.

Fernão Botto-Machado – «Abolição das touradas». Tip. Bayard, Lisboa, 1911.

Fialho de Almeida– «Saibam quantos...». Liv. Cl. Ed. de A. M. Teixeira, Lisboa, 1912.

Fernão Corte-Real– «Vida debaixo da terra». Magalhães & Figueiredo, Porto, 1912.

Freixo Durão – «A República nos Açores». Tip. do «Povo do Pico», Açores (Pico), 1911.

Fonseca Baptista – «Verdades duras. A Casa da Moeda no régimen republicano». Tip do Comércio, Lisboa, 1912.

Faustino da Fonseca – «Os mártires da revolta», romance histórico, publicado em fascículos. Lisboa, 1910.

Gomes de Carvalho – «Verdade e Justiça» (2 folh.). Liv. Central de Gomes de Carvalho, Lisboa. 1911.

Gonzaga Pinto – «Na Rotunda. Em Artilharia 1. No Parque Eduardo VII». Guimariles & C^a. Lisboa, 1911.

Homem Cristo – «Cartas de longe. Em defesa da instrução do Porto». Coimbra Editora, Limitada, 1922. – «Cartas de longe. A instrução secundária em Portugal e em França». Tip. de António Conceição Rocha, Aveiro, 1915. – «Banditismo político. A anarquia em Portugal». Imprensa de Gabriel López del Horno, Madrid, 1912.

Hermano Neves – «Como triunfou a República» Empresa Liberdade, Lisboa, 1910– «Guerra Civil». Ed. Joaquim Marques Freire. Lisboa, 1911.

José Maria Nunes – «A bomba explosiva». Livraria Académica, Lisboa, 1911.

José Nunes– «E para quê?». Tip. Adolfo de Mendonça, Lisboa, 1918.

João Chagas – «Portugal perante a guerra». Tip. da Empresa Guedes, Porto, 1915. – «Cartas políticas». – «A última crise». Emp. Guedes, Porto, 1915.

João Chagas e ex-tenente Coelho – «História da revolta do Porto.

Jorge de A breu – «A revolução portuguesa. O 31 de Janeiro». Edição da Casa

Alfredo David, Lisboa, 1912.

Joaquim Leitão – «Os cem dias funestos». Ed. do autor, Porto, 1912.

– «A bandeira dos emigrados». Ed. do autor, Porto, 1912. – «Couceiro, o capitão fantasma». Tip. da Emp. Lit. e Tip, Porto. 1914.– «O ataque a Chaves». Idem, 1919. – «D. Carlos, o Desventuroso». Lopes & C^a. Porto, 1908. – «Diário dos vencidos». Idem, 1911.– «Em marcha para a 2^a incursão». Idem, 1915.

José Pereira de Sampaio – «Manifesto dos Emigrados de 31 de Janeiro de 1891».

José Ramos Preto – «Relatório sobre o extinto colégio de S. Fiel». Tip. Maurício & C^a, Lisboa, 1911.

Joaquim Tomás Judice Bicker – «Conspirador? nunca. Defensor da República? sempre». Centro de Publicidade, Lisboa, 1913.

J. A. Correia dos Santos – «A revolução de 14 de Maio». Tip. da Coop. Militar. Lisboa, 1915.

Joaquim Pereira Pimenta de Castro – «O Ditador e a afrontosa Ditadura». Ed. do autor, Imp. Wagner G. Humbold, 1915.

Joaquim Madureira – «Na Ferosa Estrivaria». Liv. Clássica Editora de A. M. Teixeira & C^a, Lisboa 1912.

Júlio de Vilhena – «Antes da República». 2 volumes. França & Arménio, Coimbra. 1916.

Lucien Corpechot – «Souvenirs su la Reine Amélie de Portugal». Pierre Lafitte & C^a, Paris, 1914.

I. Gonzaga de Azevedo – «Proscritos». Florêncio de Lara, Editor. Valladolid, 1911.

Luís Gonzaga Cabral — «Ao meu país. Protesto justificativo». Madrid, 1910.

Machado Santos– «A Revolução Portuguesa, Relatório». Pap. e tip. Liberty. Lisboa, 1911. – «A Ordem Pública e o 14 de Maio». Pap. e lip. Liberty. Lisboa, 1916.

M. Abúndio da Silva – «Cartas a um Abade». Cruz & C.«. Braga, 1913.

– «A Igreja e a Política». Lopes & C^a, Sucessor. Porto, 1911.

Manuel de Arriaga – «A Proclamação da República em 5 de Outubro e o projecto da sua Constituição na Assembleia Constituinte». Imprensa Nacional. Lisboa, 1911.– «Resposta à Aclamação com que a Assembleia Nacional Constituinte o saudou como Presidente da República Portuguesa». Imprensa Nacional. Lisboa, 1911. – «Na Primeira Presidência da República Portuguesa». Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira. Lisboa. 1916.

Marco António – «Republicaníadas». Imprensa Libânio da Silva. Lisboa, 1913.

Manuel Valente – «A Contra-revolução Monárquica». Ed. Manuel Valente. Porto, 1912.

Mariotte – «Os meus Cadernos», publicação semanal. Almeida & Miranda. Lisboa, 1912.

Martins e A breu – «A República na Beira Alta». Livraria Chardron. Porto, 1913.

Pereira de Sousa – Acusando...». Editor o autor. Porto, 1913.

Pimentel Cordeiro «O Povo e a República». Cernadas & C^a. Lisboa, 1910,

Sena Freitas – «Psicologia Política do Conselheiro João Franco» Imprensa Lucas. Lisboa, 1909.

Teixeira de Sousa.– «Para a História da Revolução Russa», 2 vol. Livraria Editora, Moura Marques & Paraísos. Coimbra, 1912. – «A força pública na Revolução». Livraria Moura Marques. Coimbra, 1913.

Tomás da Fonseca – «Cartilha Nova». Ed. do Grémio O Futuro. Lisboa, 1911.

Teófilo Braga – «Discursos sobre a Constituição Política da República Portuguesa». Livraria Ferreira. Lisboa, 1911.

Vitor Mendes– «A Morte de Cândido dos Reis». Cernadas & C^a, Lisboa, 1911.

«Programa do Partido Republicano Evolucionista». Tip. de José Assis & A. Coelho Dias. Lisboa, 1913.

«Constituição Política da República Portuguesa». Of. do Comercio do Porto, 1911.

«Os Crimes da Formiga Branca», publicação semanal em folhetos de 16 páginas. Ed. J. Diogo Peres. Lisboa, 1915.

«O Primeiro Presidente da República Portuguesa *Dr.* Manuel de Arriaga e os espiritas e jesuítas de há 30 anos».

«Pastoral Colectiva do Episcopado Português». 1911.

«Companhia Geral do Credito Predial Português» (Documentos apresentados em Assembleia Geral de 4 de Junho de 1910. Tip. Lallemand. Lisboa.

«O 14 de Maio e a Consolidação da República Portuguesa». Empresa de Publicações Populares. Lisboa, 1915.

«A Situação Política em Portugal, por um antigo deputado às Cortes da Monarquia». Aillaud Alves & C^a. Paris, 1913.

«História da Revolução fielmente descrita». Tipografia Eduardo Rosa. Lisboa, 1911.

«Federação Republicana Radical». Livraria Central de Gomes de Carvalho. Lisboa, 1911.

«Restos da Monarquia adentro da Santa Casa da Misericórdia do Porto». Tip. Progresso. Porto, 1911.

«Palavras dum bom soldado da República Portuguesa». Livraria Ferin. Lisboa, 1911.

Biblioteca de Leituras Populares – «História dos grandes e esplêndidos festejos do aniversário da implantação da República Portuguesa». Livraria Portuguesa Editora de Joaquim Maria da Costa. Porto.

«Defesa Nacional». Of. da Ilustração Portuguesa. Lisboa, 1913.

«Um Golpe de Estado». – «A Revolução de 8 de Dezembro». Tip. «O Recreio». Lisboa, 1917.

«Grande Oriente Lusitano Unido». Lisboa, 1912.

O Zé – Semanário de caricaturas.

O Papagaio Real –. Semanário de caricaturas.

A Nova Pátria – Número único, comemorativo da Revolução Portuguesa e proclamação da República.

O Talassa – Número único, publicado no Rio de Janeiro.

O Raio – Publicação dirigida por Américo de Oliveira. Lisboa.

A Caveira – Publicação dirigida por Américo de Oliveira. Lisboa.

O Fantasma – Panfleto semanal de Sousa Martins e Simões de Castro. Porto.

A Forca – Publicação dirigida por Ariosto Silva e Sanches de Castro. Porto.

Aqui-del-Rei – Publicação dirigida por João do Amaral. Lisboa

Leis da República – Publicação quinzenal, director M. Augusto Granjo. Porto, 1910.

A noite sangrenta – Consiglieri Sá Pereira.

Panfletos – Raul Proença. 1927.

Obra digitalizada e revista por Ernestina de Sousa Coelho. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2002

<http://www.ipn.pt/literatura>
